



Contos e outras histórias

coletânea de
contos

Contos
e outras
histórias

coletânea de
contos

Título: Contos e Outras Histórias

Capa: Alexandre Cardoso

Paginação: Alexandre Cardoso

Organização: Lino Matos

Centro de Língua Portuguesa/Camões em Lublin

Ul. Sowińskiego 12

20-040 Lublin, Polónia

1ª edição: Março de 2021

Índice

Introdução	7
Kamila Wiśniewska - A tirania do Semsentido	10
Serena Cacchioli - Se o caso é chorar	17
Anna Gar - A menina por trás do acordeão	24
Juan Carlos Monterde García - Ao encontro da luz	29
Abel Losa - A verdadeira história de Portugal, palavra de honra!	33
Sylwia Jabłońska - Perdição	37
Aleksandra Bazior - Primavera	45
Aleksandra Moskal - A pedra	48
Ana Fusté Nadal - Missão	53
Ana-Maria Păunescu - Xadrez	59
Cèlia Batlle - Orixá	62
Daniel Alonso - Teatro	67
Debora Mirosław - Imperdoável	70
Joanna Dudek - Ecce homem-aranha	75
Krzysztof Jaworski - Carolina	80
Naveen Kumar Jha - O sonhador	89

Si Chen - Cor	93
Małgorzata Stankiewicz - Fechar os olhos	98
Francisco Terrazas - A viagem	103
Miguel Angel Alvarez Caro - Uma saudação ao futuro Almirante	108
Anna Krupa - Se eu fosse uma mulher e se pudesse falar contigo	113
Mónica López Bages - Se eu fosse...se eu pudesse... ..	119
Hono Miguel - Voar sem asas	125
Raúl Martín - Ainda não	128
Małgorzata Stankiewicz - Para onde vais?	134

Introdução

Ao longo destes anos a ensinar língua portuguesa li, corriji e avaliei muitas redações e outros textos. No processo de aprendizagem de uma língua a componente escrita é muito importante. E não é das coisas que os alunos mais gostem de fazer. Normalmente preferem a componente oral da língua. O que se compreende porque é mais fácil falar e ouvir do que ler e escrever. Eu próprio neste momento estou com alguma dificuldade em encontrar as palavras adequadas mesmo escrevendo na minha língua. Mais uma razão para valorizar e admirar quem gosta de escrever numa língua não materna e numa época em que a maioria se limita a passar o dedo por um ecrã martelando algum comentário nem sempre bem escrito.

Foi lendo os textos dos meus alunos que descobri alguns talentos que escreviam com prazer e se destacavam pela criatividade. Achei que mereciam ser lidos por outros e comecei a partilhar os melhores textos num blog.

Mas se havia polacos a escrever bem em português não seriam com certeza caso único. Surgiu então em 2014 a ideia de organizar um concurso literário. Aproveitando a rede de Centros de Língua Portuguesa do Camões consegui fazer chegar este projeto a várias partes do mundo. Na primeira edição, a única de tema livre, recebemos contos de Espanha, Itália, Polónia e Uruguai. O júri constituído pela Prof. Dra. Barbara Hlibowicka-Węglarz (UMCS), Prof. Dr. Dionísio Vila Maior (Universidade Aberta, Coimbra), Dr. Pedro Balaus Custódio (Escola Superior de Educação de Coimbra), Idílio Loureiro

INTRODUÇÃO

(docente do ensino secundário em Portugal) e por mim atribuiu o primeiro lugar, ex aequo, ao conto “A tirania do Semsentido” da polaca Kamila Wiśniewska e à italiana Serena Cacchioli com o conto “Se o caso é chorar”.

Em 2015, na segunda edição, pedimos aos participantes que criassem um conto a partir de uma palavra. O concurso “ Uma palavra, um conto” atraiu mais participantes e o leque de países alargou-se à Argentina, China, Índia e Roménia. O número de elementos do júri também aumentou e contámos nesse ano com a colaboração da Dra. Yana Andreeva (Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski, Bulgária). Mais uma vez o primeiro lugar foi atribuído a dois contos: “A verdadeira história de Portugal, palavra de honra!” do espanhol Abel Losa e “Perdição” da polaca Sylwia Jabłońska.

Dois anos mais tarde o tema do concurso foi “A máquina do tempo”. Sugerimos aos autores que entrassem nessa máquina, escolhessem uma data, viajassem no tempo (para o futuro ou para o passado) e partilhassem o que vissem. Os concorrentes da América Latina sempre foram uma constante e na 3ª edição chegaram trabalhos de Cuba e do México. Com um júri constituído apenas por alguns dos meus colegas do Departamento de Português: Prof. Dra Edyta Jabłonka, Dra. Natalia Klidzio, Mirosław Jawor e Agnieszka Kruk decidimos por unanimidade que o conto vencedor fosse “Fechar os olhos” de Małgorzata Stankiewicz.

No ano seguinte repetimos o júri mas não o tema. “Se eu fosse...se eu pudesse” serviu de mote à quarta edição e a Bielorrússia juntou-se aos países participantes. Os contos “Se eu fosse uma mulher e se pudesse falar contigo...” de Anna Krupa (Polónia) e “Se eu fosse...se eu pudesse...” de Mònica López Bages (Espanha) foram os vencedores.

E finalmente em 2019, no âmbito das comemorações dos 500 anos do

INTRODUÇÃO

início da viagem de Circum-navegação de Fernão de Magalhães, escolhemos o tema “Crónica de uma viagem”. Pela primeira vez tivemos um vencedor repetente. Małgorzata Stankiewicz com o conto “Para onde vais” foi a preferida do júri, onde contei com a colaboração dos meus colegas Barbara Hlibowicka-Węglarz e Mirosław Jawor.

Com um acervo de textos considerável pensei que seria interessante fazer uma compilação dos contos. Contactei todos os participantes com o objetivo de pedir autorização para a publicação e aqueles que responderam estão presentes nas páginas que se seguem. Foi este o critério na organização desta coletânea porque me pareceu que o que importa é premiar de alguma forma quem gosta de escrever numa língua que não é a sua. Assim, não considerei o valor literário como parâmetro na escolha dos textos. Deixo essa apreciação aos leitores.

Sem querer prolongar demasiado esta introdução que se pretende curta quero ainda destacar algumas pessoas. Primeiro os meus antigos alunos que participaram e alguns ganharam. Não foi por acaso que sempre reconheci o vosso talento durante os estudos. Depois quero agradecer a todos os participantes no concurso. Este livro é vosso. E podem sentir-se orgulhosos. Não posso também deixar de agradecer a todos os colegas do júri que encontraram tempo para ler, avaliar e escolher os vencedores. E finalmente quero destacar dois participantes. Não ganharam nenhuma edição mas ganharam o meu respeito e amizade. O argentino Raúl Martín, um autodidata de 82 anos apaixonado pela língua e cultura portuguesa e a uruguaia Annabela García, que participou em quatro edições seguidas, pela sua modéstia e amor à lusofonia.

Bem-haja a todos.

Lino Matos

A TIRANIA DO SEMSENTIDO

Kamila Wiśniewska – Polónia

Vencedora ex aequo do 1º Concurso Literário (2014)

O Semsentido é um monstro maligno e poderoso que dispõe de uma força argumentativa admirável e ao mesmo tempo surpreendentemente fácil, pois toda a sua arte consiste em assegurar à sua vítima que as atividades diárias dela simplesmente não têm sentido nenhum. Para realizar este objetivo, serve-se de um programa minucioso de desmotivação com o qual doutrina o seu preso aplicando-lhe dia após dia umas colheres bem medidas de tristeza e decepção. Se a vítima é propícia ao tratamento, o Semsentido não demora em apoderar-se dos seus pensamentos para os converter depressa em rios negros que desembocam no oceano de sem sentido onde naufragam todas as lembranças positivas e os velhos sonhos. Saibam que este malvado é muito ágil. Espera por um momento adequado, um derrubamento instantâneo, um leve extravio do teu curso vital, um curta suspensão na lucidez da mente para fazer o ninho cómodo na tua cabeça. O Semsentido é o rei do espaço urbano. Gosta de se refestelar nas escadas da loja de bebidas tanto como nos escritórios dos homens de negócios. Revela uma afeição pelos estudantes, especialmente pelos da Faculdade de Letras. Muitas vezes aproxima-se da zona universitária para se divertir, pois agrada-lhe o gosto pela inutilidade que revelam. É entusiasta das largas tardes de inverno e das noites de insónia. Vaga então pela cidade em busca de uma cabeça inútil onde possa dormir arralhado pela triste melodia dos pensamentos pesados como a velha locomotiva a vapor. Quando viu a Clara, pronto pressentiu que as reflexões de chumbo dela

far-lhe-iam uma companhia ótima. E assim foi. É curioso, mas a rapariga não se lembra do momento em que começou a persegui-la, o que demonstra a habilidade de Semsentido para a camuflagem. Supõe que o apanhou uma vez como se apanha a gripe ou que o confundiu com a gripe, pois pareciam-se muito, especialmente no inicial estado de modorra que provocavam. Seria numa destas tardes quando costumava levar a passear as suas inquietudes que sonolentas durante o dia, animavam-se encorajadas pela escuridão. Afugentavam então o sono que ela esperava com a ilusão apesar de que este sempre a dececionava trazendo a serenidade para roubá-la depois no momento mais intempestivo – de manhã. E a Clara não gostava desta pálida luz matinal que tornava agudas as bordas de todas as coisas até que pareciam os dentes de animais selvagens. O despertador, por exemplo, demonstrava a sua dentadura rugindo como um leão faminto, como se quisesse devorar o novo dia que chegava timidamente, reconhecendo que não era bem-vindo. O Semsentido também o esperava só para o assaltar. Espreitava-o com o saco para lixo em que queria metê-lo nada mais ele aparecesse. O novo dia ao princípio lutava, corria na desesperada procura do ar, mas finalmente cansava-se e até se esquecia para que tinha chegado. As ilusões que trazia consigo convertiam-se em um exército derrotado e a Clara entendia em que consistia a impossibilidade de recolher os pensamentos. Os seus coincidiam em só uma coisa: gritavam em unísono que o novo dia não merecia a atenção e empenhavam-se em ignorá-lo. Assim, era necessário levá-las arrastando.

Nestas condições, o caminho quotidiano para a Faculdade adquiria os traços de uma modalidade desportiva: 300 metros obstáculos, pois havia que esquivar a munição do Semsentido. Este, adestrado em efeitos especiais, cobria as ruas de pinceladas negruscas, esfarrapava

A TIRANIA DO SEMSENTIDO

os prédios com as garras e elevava as buzinas para que produzissem os sons estridentes. Ao mesmo tempo, diluía os pensamentos dela na tinta preta e com o trapo sujo apagava as lembranças reconfortantes que lograram sobreviver na sua memória. Se a Clara queria ir de autocarro, ele já lá estava espreitando-a com os olhos cansados de passageiros, refletindo-se nos seus rostos franzidos. Por muito rápido que ela corresse, sempre a alcançava com uma satisfação maligna para se burlar da sua torpeza matinal e outra vez, assegurá-la de que o que fazia não tinha sentido. As aulas das 8 que ela assistia, o fim do recorrido matinal, eram uma ocasião idónea para desenvolver esta atividade. O Semsentido com o sorriso triunfador demonstrava o saco com o dia estrangulado e agora dedicava-se a maltratar os pensamentos dela, o que provocava os engarrafamentos nas vias de comunicação com o mundo exterior. As palavras dos professores tardavam em encontrar o caminho ao seu ouvido como se fossem os comboios atrasados. E as suas, enfurecidas por estar despertas, nem pensavam em apresentar-se como se ainda estivessem em pijama. O Semsentido divertia-se muito dirigindo esta paródia: por mais que a rapariga tentava prestar a atenção, ele ficava cheio de sono e irritação. Com os bocejos molestos indicava o seu desprezo e pronto exigia a volta imediata para casa onde reclamava a comida quente. O seu prato preferido era os planos para o futuro com uma dose de esperança. Devorava-o sem deixar rasto. Isto bastava-lhe até à noite, quando se alimentava com o sonho da Clara. Assim, esta ficava mais e mais desesperada o que provocava discussões violentas entre eles. Durante uma das mais brutais, a rapariga atirou-lhe à cabeça o pesado dicionário espanhol-português que nesta batalha perdeu a capa. O Semsentido por sua parte, engasgou-se com a sopa de letras e ficou indisposto. Desta maneira, ela ganhou uns dias de repouso, durante os

A TIRANIA DO SEMSENTIDO

quais se rodeava de palavras como o que tem febre enroupa-se de mantas. Eram as palavras curiosas, intrigantes e engenhosas que tinham a sua história e família, que se agrupavam em frases e depois em tropas de textos. Nesta forma ofereciam-se como voluntárias para quitar a gravidez dos pensamentos e ventilar a mente.

Pois, quando mais deprimido estava, mais próximos sentia os que empregavam as letras como um espaço para encerrar a sua amargura, que, submetida aos caprichos do engenho, tornava-se indefesa. E, o que é curioso, vista desta perspetiva revelava o seu lado mais claro, o da inspiração.

Quando mais deprimido se sentia, ainda mais desfrutava de imaginar a vida que pulsava nos lugares que surgiam de papel: as fadistas que no véu das suas vozes envolviam as ruas estreitas de Alfama, as conversas dos literatos animadas pelo café da Brasileira, os navegantes que se lançavam às ondas contra vento e maré. Cria que a gente que ama o mar tenta alcançar com a vista o horizonte, apesar de que os seus olhos só se enchem de infinidade. Apesar de que cada prova da conquista deste recinto traga o perigo do encontrar o Gigante Adamastor, o espanta-barcos que se tornou uma pedra imóvel por ver o terror dos homens tragados pelas ondas impiedosas.

E enquanto podia compreender este vigilante marítimo, explicando a sua atitude com o amor cego pelo mar, não encontrava nenhuma escusa para a existência do Semsentido. Este só amava os gritos de naufragos que enterravam o seu atrevimento no fundo escuro das águas.

Por mais deprimido que se sentia, mais tristeza lhe causava a perspetiva de deixar extirpar os seus sonhos pelo Semsentido que não desapareceu junto com o inverno, pelo contrário, com a chegada da primavera, o seu programa de desmotivação florescia adquirindo o tamanho da selva tropical. Sobre o espesso firmamento das amarguras quotidiana-

nas o Semsentido zumbia como um inseto odioso, que por mais pequeno que fosse, roçava os nervos. E este era fornido como o rei da selva. Até que um dia, a Clara, atrevida pelos primeiros sintomas de loucura, decidiu matá-lo, sem muita brutalidade porém, pois a espantava a vista do sangue. Os estranhos personagens que de vez em quando atravessavam o recinto da sua fantasia, quer dizer um Vagamundo desejoso de novos lugares e um filólogo com ânsia de palavras alheias também se sentiam ameaçados com a presença dele. Contribuíram então a urdir um plano de expulsão, que consistia em abandonar o inimigo num lugar distante para que morresse de saudade ou para que caísse acidentalmente do Cabo de Roca. A Clara gostou imenso da ideia, porque sempre quis ir-se ao longe e palpar as imagens construídas na cabeça a partir da leitura, mas faltava-lhe um empurrão e também umas coisas menos abstratas. No entanto, como temiam, o Semsentido recusou rotundamente esta proposta. Se calhar pressentia no horizonte o ponto de irreversibilidade. Além disso, tinha medo de voar, pois era um ser com a cabeça para abaixo. Assim, o Vagamundo, que falava mais alto neste projeto, mandou deixá-lo sozinho e perdido, exposto aos labirintos enganosos de aeroporto que abriam as suas bocas de lobo. Foi o momento crucial na relação da Clara com o seu perseguidor e tinha que terminar por revelar quem resistiria à separação. O risco era maior para quem se lançava à aventura, então ela temia que em vez de desterrar o Semsentido do seu espaço vital, se desterrasse a si. A sua preocupação não carecia de motivos, se repararmos que era uma destas pessoas que não conseguem localizar o seu carro no estacionamento de um supermercado. O riso malvado do Semsentido soava nos seus ouvidos com a ameaça de que o mesmo sucederia em qualquer outro lugar, mas o alcance do fenómeno seria ainda maior, pois se perderia o seu rasto tão efetivamente como o de D.

A TIRANIA DO SEMSENTIDO

Sebastião. Apesar de ruído das máquinas, sentia ouvir como o Semsentido, exasperado por tanta insubordinação, balbuciava com fúria outros riscos desta insensatez. No entanto nesta altura, não era nada mais de que uma figura grotesca, tombada no chão como uma criança mimada. A Clara, quando por fim perdeu de vista esta lastimosa cena de despedida, converteu-se em participante de outro espetáculo, dirigido por ela às cegas sobre fundo do céu estival: lançava-se ao fluxo de cores, sons e imagens. Navegava entre elas sem rumo e sem o peso que lhe fizesse titubear, atontada só de tanto ver e ouvir. Gastou os sapatos ao percorrer as ruas queimadas pelo sol e cansou os olhos ao perseguir os raios iluminadores que abrasavam os prédios antigos dançaricando nos telhados, deslizando-se pelos vidros e perdendo-se entre os passeantes. Queria aproveitar cada instante deste desassombro recuperado para mobiliar de novo a sua memória. Aspirava a liberdade desejando armazená-la nos seus pulmões e assim descarregá-la consigo. E se logo alguém lhe perguntava que lá fazia, não podia concretizar a sua experiência.

Do ponto de vista educativo, a sua viagem realmente carecia de sentido. Não visitou nenhum museu que a enriquecesse culturalmente (por falta de dinheiro e por se perder) Não provou muitas manjares locais (por falta de dinheiro) e não fez muitas amizades (por ser tímida). O Semsentido poderia estar orgulhoso de si, mas não estava. Ao vê-la voltar com os rastros do sol nos olhos, sentiu-se tão inseguro como o boneco de neve com a chegada da primavera, apesar de que ainda ameaçava com a sua reincarnação em figura mais poderosa nada mais o inverno voltasse.

No entanto, o inverno, mais que a estação de ano era uma época de ânimo, em que a vontade de viver pareciam congelar-se, mas realmente não podiam fazê-lo, como não é possível congelar o mar

inteiro. O gelo na beira é só um truque, para não que vás mais longe, onde os barcos flutuam a toda velocidade.

Por via das dúvidas, a Clara guardou o bilhete comprado no primeiro lugar que alcançaram os seus passos fugitivos como se as lembranças não fossem a prova definitiva da sua presença ali. Sabendo que a memória era um instrumento pouco fiável, propício a mexer a imaginação com a realidade, precisava de uma prova palpável, para que quando as sombras voltassem a escurecer de novo a sua mente, tirá-lo da gaveta e afugentá-las, comprovando que existem os lugares onde o sol tinta o céu de cor-de-rosa. E o que além disso teve sentido buscá-los e terá sentido lá voltar.

Kamila Wiśniewska

Estudou português e espanhol em Lublin e em Cracóvia. Agora vive numa pequena aldeia onde cria abelhas. Às vezes vai à Península Ibérica. Quer traduzir um livro.

SE O CASO É CHORAR

Serena Cacchioli – Itália

Vencedora ex aequo do 1º Concurso Literário (2014)

*Faça suas orações uma vez por dia
e depois mande a consciência
junto com os lençóis
pra lavanderia.*

Tom Zé

*Ah! Oublier. Quel enfantillage!
J.P. Sartre*

Uma das coisas de que mais gosto nesta minha nova condição solitária é o facto de poder gradualmente reconhecer os lugares e as pessoas que até há pouco tempo me eram estranhos. Gosto de me surpreender com a atenção que dispenso aos empregados de mesa nos bares, às caixei-ras, aos vizinhos... É algo novo para mim, sempre tão centrado exclusi-vamente na minha pessoa. Gosto de, finalmente, ter tempo de levantar os olhos e cruzar os dos desconhecidos. Há um empregado no café Pôr do Sol que sorri muito, tem os ombros largos e magros e na minha cabeça já passei a chamá-lo «o islandês», por ter os olhos amendoados. Um dia perguntar-lhe-ei de onde vem. Gosto também de fazer as compras na única loja que encontrei por aqui e vou lá sempre nos horários da caixa de ar desesperado. Uma espreitada naqueles olhos possessos, enquanto pago o colutório e os iogurtes, melhora instantaneamente o meu dia e isca uma série de fantasias que acabam por ocupar grande parte das minhas tardes. Um dia perguntar-lhe-ei como

SE O CASO É CHORAR

se chama, e que raio de demónio lhe assombra continuamente os olhos. A aldeia é pequena e toda a gente se conhece. Sei que para eles sou o estrangeiro que anda descalço e que dá um mergulho no mar quase todas as manhãs. Percebo que me olhem de viés, ainda que sorrindo. Mas, por enquanto, tudo isto me agrada. Esta atmosfera ociosa, a possibilidade de esvaziar a cabeça, não pensar em nada, não conhecer ninguém. Ler, escrever, comer só quando tiver fome. Esta manhã, envolvido pelo ar fresco à beira-mar, sentindo o cheiro a salsugem e a vida selvática, preparei-me uma torrada com requeijão e doce de abóbora. Foi um daqueles momentos de graça que a vida me dá, por vezes, inesperadamente. O doce de abóbora com um leve sabor a canela, o requeijão fresco e o mar a inchar os músculos à minha frente atravessado por luzes amareladas. A tranquilidade.

No entanto, às vezes, ainda me acontece. Pode ocorrer em qualquer momento do dia, chega sem avisar. É uma sensação de sufocamento que me aperta o pescoço e desliga todas as luzes do mundo. Não há nenhuma razão aparente para tal acontecer e quando ocorre fecho os olhos e entro no quarto. Mais que um quarto, diria que é uma cela. Um pequeno quadrilátero obscuro com grossas paredes de pedra. Geralmente, no fundo está o primeiro interrogador mas não o vejo. Ouço a sua voz, entrevejo a sua sombra. Começa sempre com as perguntas canónicas. Porque é que te foste embora, do que é que foges, até quando conseguirás não enfrentar os teus medos. Já sei, já sei. E eu respondo sempre o mesmo, tento desconversar. Depois, pergunta-me por ela. E, então, a sensação de asfixia torna-se mais intensa. Nada, digo. É sempre igual. Gosto muito dela, sinto a sua falta, quase não consigo pensar em outra coisa. Tento distrair-me, falo com as caixei-ras mas nada. O fantasma dela volta, acaricia-me o cabelo, faz um sorriso malicioso, rodeia a saia e vai-se embora. Já não tenho nenhu-

SE O CASO É CHORAR

ma dúvida, quero que ela volte, quero que tudo recomece.

Ouçó, então um ruído de papel amarrotado. Aparece o segundo interrogador ao meu lado esquerdo e saca uma folha do bolso. Não o vejo bem, tenho a impressão de que é mais novo do que eu e que tem bigodes. Tem um ar severo. Pelo que resulta, diz ele, do seu último email ao seu amigo Charles Arrowby, as coisas não estão bem. Lê em voz alta.

Enviado a 15 de Maio de 2014, às 00h23, de um café cibernético na rua dos Anjos, em Lisboa.

Charles,

Eu sei que deveríamos falar de ti, da tua nova vida, dos teus projetos e, realmente, gostaria de saber o que fazes, quem são as pessoas que povoam os teus dias em Bruxelas, como está a correr o trabalho, se estás contente ou não. Mas, neste momento, não consigo falar de outra coisa se não do que já discutimos mil vezes. Eu sei, sou aborrecido, repetitivo, mas quero falar-te de B. Não aconteceu nada que tu já não saibas, o que mudou são as coisas dentro de mim e preciso de falar disso, de saber se a ti também acontece o mesmo, por vezes. Apercebo-me de que, quase todos os dias, me conto uma versão diferente de como correram as coisas com B. É estranho. Há dias em que me reconcilio com o seu fantasma, conto-me que me portei mal, fui incoerente, digo-me que ela tem todas as razões para já não confiar em mim e peço-lhe desculpa mentalmente, imagino beber um copo de vinho com ela e dizer-lhe «desculpa-me». Desculpa os meus olhos, desculpa os meus gestos, desculpa a banalidade do meu desejo, não foi por mal. E imagino que ela me perdoe e que voltemos a conversar com aquela cumplicidade que tínhamos, que voltemos a sair juntos e quem sabe. Outras vezes, conto-me que foi ela a tratar-me mal, foi ela a usar-me, a magoar-me propositadamente e aí sinto-me ferido, como enganado, e

SE O CASO É CHORAR

apetece-me cancelá-la da minha vida, nunca mais voltar a vê-la, esquecer tudo o que vivemos juntos. Charles, como é possível? Como é possível que eu mude continuamente de ideia sobre ela, dependendo da história que me conto na minha cabeça? Como correram as coisas realmente? Já não sei, já não me lembro e o tempo dilui tudo de modo que já me é impossível ter um olhar objetivo. Tento examinar as coisas do alto, mas depois, ao deslocar-me numa posição demasiado alta, já não consigo ver nada. Pronto, é isso. Um desabafo. Aceita este abraço grande que te dou.

Quando o interrogador acabou de ler, com voz profunda e seca, enxugou umas gotas de suor da testa com a palma da mão direita. Eu não sabia o que dizer. Queria que lhes explicasse todos os matizes dos meus pensamentos? Esquece. Fiquei calado e saí da cela a passos lentos. Música. Há uma música que costumo cantarolar-me na minha cabeça sempre que devo sair da cela. Ajuda-me muito. É uma música do Louis Moholo, o título é comprido e não me lembro de como é em inglês, mas significa alguma coisa como «não me conhecerás porque já pensas conhecer-me», ou algo do género. Ar, finalmente.

Na língua portuguesa há uma coisa que me perturba acima de tudo, e são as palavras que começam por des. Parece um prefixo fácil de usar, geralmente cola-se às palavras para criar o seu contrário, como atar – desatar, fazer – desfazer, e assim por diante. E pode usar-se em diversas ocasiões, como se, em cada ocasião viesse um empregado zeloso para pôr o casaco do des à palavra em questão. E, vestindo o casaco, emaranhasse os sentidos. Tenho a impressão de que os portugueses usam estas palavras sem o cuidado necessário que reclamam as coisas altamente poéticas. Nem se apercebem da poesia da sua língua. Desencontro é algo, por exemplo, de muito poético que não se pode traduzir na minha língua. Parece fácil, nada mais do que o contrário de

SE O CASO É CHORAR

um encontro. Mas o que é o contrário de um encontro? Ainda hoje não o sei dizer. Não sei se será uma colisão, uma disputa, ou um afastamento, se é algo de físico ou mais mental, se a palavra indica o momento em que nos separamos ou mais um perder-se de vista lento e silencioso? Se será um não se encontrar por causas de força maior ou por uma decisão ciente de duas pessoas? Duas? Ou mais? Não sei, mas o mistério desta palavra assusta-me. Uma vez pedi ao Diogo para me explicar o que era um desencontro para ele. Não ajudou muito. Em frente de uma imperial declarou-me, com ar muito sério:

É quando tipocombinamosumacenaeeaconteceumamerdaqualquere-nãopodemosir, tás a ver? Não se apercebem da poesia. Há outras palavras que me perturbam. Todas começam por des. Desconversar, desencaminhar, desvairar, desavir... Mas desencontro é a pior de todas. Não sei se foi um desencontro, entre B. e eu. Provavelmente sim, o que quer que tal signifique.

Finalmente, encontrámo-nos. Foi na cela, o outro dia. No início eu não conseguia falar. Ela sabia exatamente onde começava e onde acabava a minha competência na sua língua. Sorria. Mas não era a incompetência que me emudecia. Era o aperto no pescoço. Tudo quanto queria dizer esmigalhava-se-me na garganta antes de sair. Só depois de algum tempo conseguimos comunicar. Com poucas palavras e muitos olhares, uma vez depostas as armas da gramática. Entretanto, as paredes da cela estreitavam-se cada vez mais, mas sentia-me bem e ela parecia descontraída. De repente começou a rir. Riu-se forte, como se estivesse a libertar-se de algum monstro que, espasmodicamente, saía das suas gargalhadas. Porquê? Não percebia a razão de tanto riso. Pus a minha mão devagar por cima da sua boca com um gesto fraco, como para calá-la. Continuou a rir-se dentro da minha mão, invadindo-me de calor. Fechei os olhos. Precisava de música. Louis Moholo. Não

SE O CASO É CHORAR

conseguia lembrar-me da melodia. Não conseguiria sair da cela. Billie Holiday. *You go to my head?* Isto ajuda, às vezes, eu sei, já tentei, já saí da cela graças à Billie. Nada. Não. Não me vinha à cabeça a melodia. De repente B. deixou de rir. E eu precisava de ar. Estava terrivelmente envergonhado. Tirei a mão da sua boca e já não sabia onde pô-la. No bolso? A atormentar as botoeiras do casaco? Já não me lembrava onde tinha deixado os óculos, tudo me deslizava das mãos e da vista. De repente não sabia quem era, o que fazia ali, o que deveria dizer e B., parada à minha frente, com o olhar perdido algures entre o meu nariz e a minha boca. *You go to my head, and you linger like a haunted refrain, and I find you spinning round in my brain, like the bubbles in a glass of champagne.* Eis Billie Holiday, eis a melodia. Já podia dar uns passos para a saída. Fugir. *You go to my head, with a smile that makes my temperature rise, like a summer with a thousand july's, you intoxicate my soul with your eyes.* Estava fora. Suspiro.

O mar, de novo o mar, sempre recomeçado. Vento fresco, cheiro a salsugem. A vida do lado de fora retoma o seu espaço, violentamente. Agora já falo com o islandês. Não é bem islandês, vem de Cuba no Alentejo, confesso que perdeu um pouco do seu charme. Já falei também com a caixeira mas não tive a coragem de lhe perguntar coisas íntimas. Falámos do preço dos cereais e das propriedades nutritivas da beterraba. Melhor que nada. Não sei se devo continuar nesta minha reclusão ou, então, voltar à cidade. Ainda tenho medo dos interrogatórios. Ainda receio os fantasmas. A solidão não ajudou a ultrapassar tudo isso. Hei de encontrar outra maneira para sair daí. Não tenho notícias reais de B. Pergunto-me o que estará a ler, por que autor estará a perder a cabeça. Será um autor bom, fiável? Ou, quiçá, demasiado comercial? Estranho não estar atualizado sobre as suas leituras. Não preciso dela. Por vezes, pensamos que precisamos de alguém mas,

na verdade, só precisamos de nos sentir como esta pessoa nos faz sentir. Podemos, no fundo, encontrar outras maneiras de nos sentirmos assim. Leves, risonhos, encantados. Na realidade preciso dela, e só dela. Como pessoa. Gosto do seu mundo. Quero dizer-lhe que o seu universo é lindo, que como um astronauta da memória gostava de explorá-lo, queria ensinar-lhe a minha língua, comer o pequeno-almoço com pão e manteiga conversando dos sonhos da noite, viajar com ela, perdermo-nos numa ilha qualquer, escrever cartas, boiar na felicidade. Em suma, sentir-me vivo. Mas a vida é real e de viés, dizia uma canção do Caetano. E quem sabe quantos interrogatórios e quantas imperiais ainda hei de beber sozinho, em frente ao mar antes de, um dia, poder voltar a vê-la.

Serena Cacchioli

Nasceu em Parma, Itália, no dia 3 de Junho de 1986. Entrou em contacto pela primeira vez com a língua portuguesa na Universidade de Trieste, onde se licenciou e pela segunda vez na Universidade de Pisa, onde tirou o mestrado. Depois do mestrado, a força de atração de Portugal - a sua língua, a sua literatura, as suas paisagens humanas e naturais - começou a exercer o seu poder e a provocar várias idas e voltas, curtas estadias, estágios, residências. Finalmente, em 2012, Serena Cacchioli estabeleceu-se em Lisboa para doutorar-se em Estudos de Tradução na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A seguir, decidiu ficar nesta língua e neste momento trabalha como tradutora literária, além de ser colaboradora e funcionária da Associação Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, um arquivo e centro cultural que se ocupa da divulgação da obra de Mário Dionísio e de vários temas de atualidade e ligados às artes.

A MENINA POR TRÁS DO ACORDEÃO

Anna Gar – Uruguai (2014)

Um enorme agradecimento para os meus queridos pais que, seja nos acertos ou desacertos, sempre estiveram aí para as filhas. Seres tão amados quanto imprescindíveis, que espalharam seu amor sem esperar nada em troca; pilares fundamentais de nossa vida.

Essa aqui é uma história bem bonita que eu nunca tinha contado antes e vou fazer agora. Aos sete aninhos, meus pais me mandaram, junto com a minha irmã, aprender acordeão. Nesse momento, eu não entendia nada do ótimo que era fazer uma incursão no mundo da música. Aliás, para eles deve ter significado um grande esforço enviar-nos a estudar um instrumento, porque tinham que pagar as aulas das duas. Quando digo “deve ter significado”, quer dizer que nunca tivemos conhecimento disso, já que eles jamais se queixaram, senão tudo o contrário. Além do mais, faziam isso para nos oferecerem outro tipo de formação, e sempre nos acompanhavam e apoiavam em cada apresentação que a gente tinha que interpretar. Isso tem um valor afetivo inestimável.

Logo de um tempo, conhecemos a verdadeira história que acabava explicando o porquê de estarmos querendo “fazer falar” o acordeão. Meu pai, coitado, que nem pôde terminar a escola, adorava esse belo instrumento e teria gostado muito de aprender a executá-lo, mas nessa época muito menos recursos ele tinha para poder assistir, já que os seus pais eram muito pobres. Então, para poder ajudá-los a levar o pão na mesa teve que, infelizmente, abandonar os estudos. Ele começou a trabalhar com o seu pai de operário e pedreiro, construindo e conser-

A MENINA POR TRÁS DO ACORDEÃO

tando casas e tudo o que o que tem a ver com a instalação elétrica, sanitária, pintura, construção de chaminés, de churrasqueiras, etc.. Em resumo, tudo o que significa trabalho tem como sujeito esses dois grandes exemplos de esforço, vontade, colaboração e solidariedade infinita. Só era coisa de alguém precisar de ajuda para que eles pusessem “mãos na obra”, saindo apressados na hora de ter que cumprir com a tarefa. Nós fomos crescendo ao tempo que olhávamos tudo isso e íamos adquirindo esses valores morais que logo iriam modelar a nossa personalidade.

Então, esse santo do meu pai, como ele não pôde curtir aquela devoção que sentia pelo acordeão, ficou muito contente ao saber que as suas filhas iam poder cumprir o seu sonho, aquele desejo que tinha guardado quem sabe faz quanto tempo.

Ao princípio, devemos reconhecê-lo, assistíamos somente porque não tínhamos mais remédio. Era uma época na qual os pais mandavam-nos fazer alguma coisa e a gente obedecia, da mesma forma que quando tínhamos que ir para a escola. Mas, daí a pouco a gente começou a gostar mesmo daquela “caixinha de música” que era capaz de produzir tão belos sons, pelo menos foi o meu caso.

À medida que o tempo passa é que realmente compreendemos tanta coisa que não valoramos no momento. Logo, no tempo em que crescemos e vamos madurecendo, é aí quando finalmente conseguimos perceber realmente todo o esforço que eles fizeram sem duvidar nem um minuto naquilo que tivessem que deixar de fazer para poder nos brindar uma boa instrução. Isso não tem preço, é amor puro daquele que só os pais sabem dar para os filhos, incondicional e incomensurável, único no mundo inteiro.

O assunto era que quando eu comecei, sem estar muito convencida do que estava fazendo, resultou que os professores acabaram descobrin-

do, para surpresa de todos (até a minha própria), que eu tinha muito bom ouvido para a música. Que tal? Isso foi de muita ajuda para mim, na hora de ter que aprender rapidamente e sem problema nenhum e, sobretudo e principalmente, para aumentar a minha autoestima quase inestimável.

Agora, minha gente querida, outro era o meu pesar na hora em que tínhamos que dar o exame final no Conservatório Frederico Chopin, para poder obter o tão esperado diploma, toda uma façanha! Então, nessa ocasião, além de ter que apresentar um livro, tipo de um caderno de música, luxuosamente encadernado, com tudo o que aprendemos no curso, devíamos fazer uma audição. Isto último era o que tirava o meu sono, devido a que tinha que batalhar com a minha grande timidez. O meu pai, como sempre, proporcionava-nos a sua gentil colaboração que consistia em desenhar as capas de cada capítulo do livro com distintos instrumentos. Mas, acontecia que na hora de ter que apresentar “o concerto”, ou seja, executar a música, aí as minhas pernas ficavam tremendo, a garganta ia se me fechando e o meu rosto passava pelos diferentes matizes de vermelho até se transformar em roxo num instante, porque isso envolvia subir ao palco na frente de todo mundo que ficava olhando para nós. Nossa Senhora, quanta angústia! Além do júri, que já por sim dava medo, estavam os professores e os colegas, cada qual com sua família, e o público em geral. Quer dizer, era uma “mochila” muito pesada de carregar, a responsabilidade de tocar o acordeão e fazê-lo muito bem, ao mesmo tempo que o nervosismo não deixava nos exprimir com liberdade. Confesso que para mim isso era muito forte, porque conseguir quebrar as barreiras que me impunha a minha própria timidez não era coisa fácil, não. Mas, antes de nada, tinha uma obrigação de cumprir, a qual não podia me recusar. Portanto, o meu caminho até ao palco era quase uma via-sacra

mesmo. Eu me sentia sozinha mesmo no meio da passarela e todas as pessoas me enxergando, tinha pânico cênico, mas ninguém podia me ajudar já que nunca iam imaginar o verdadeiro sacrifício que isso significava para mim, sem exagero, juro!

O tema do meu constrangimento e a vergonha que sentia, era um caso sério, algo que sempre me bateu forte, me deixando quase imóvel, até paralisada. É um sentimento muito ruim, que não nos deixa fluir livremente e por tanto ficamos inseguros, medrosos e nos provoca terror de errar em alguma coisa. Porém, os outros nem o têm em consideração; falando dos professores e até mesmo do júri, que sempre está nos olhando com rostos muito sérios e nos avaliando com muito rigor. Se eles realmente soubessem o que isso significa para os alunos, pelo menos para mim, que devíamos iludir qualquer dificuldade ou impedimento. O esforço mental era até maior do que o físico. Só quem passa o mesmo que nós é que sabe.

No meu caso, tudo isso se acrescentava ainda mais pelo caso de que eu sentia que devia expor muito bem tudo o que tinha apreendido, para fazer que os nossos pais se orgulharem de nós, tentando retribuir-lhes apenas um pouco por todo aquele esforço feito por eles, que bem que merecia uma boa recompensa. Então, achei que o melhor seria poder-lhes obsequiar o nosso diploma com menções especiais, como foi o meu caso. Aí é quando olhamos para dentro, damos um suspiro de satisfação e dizemos: tarefa cumprida, graças a Deus.

Foi uma experiência muito boa, porque me levou a ter que pular todos os obstáculos. Os maiores eram os meus próprios medos, os quais sempre tentei desafiar para conseguir vencê-los finalmente. Mas, por enquanto só logrei deixá-los de lado por um tempo, porque foi a única saída que encontrei. Ou meu dever de filha era bem maior do que o meu retraimento, então tinha que tomar coragem para não errar pela causa das minhas

inseguranças. Eu mesma sempre me dava ânimo para não ouvir os outros pensamentos que vinham à minha cabeça para me torturar.

Além disso, com certeza, se eu chegava a contar tudo o que me estava acontecendo, os outros iam encontrar aquilo como uma coisa sem tanta importância. Ficaria só como um simples exagero meu. Mas, isso é o que eu imagino claro, porque acho que nunca lhes expressei o meu pânico cênico. Nem por isso me converti numa estrela da música. Bem que o tivesse merecido, depois de tudo.

Annabela García

Foi lá, pelos anos 80 que descobri o ICUB (Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro). Ali, eu tomei contato com essa língua maravilhosa pela primeira vez. Logo, fiz pequenos cursos em diferentes Centros de Cultura, dependentes da Prefeitura de Montevideu. Em 2004, entrei na Faculdade de Humanidades, fiz três semestres de Português com uma magnífica professora nativa brasileira. Eu adorei a língua, já desde o primeiro contato. Depois, abriu na Faculdade um curso de “Professor de língua estrangeira, opção Português”. Os últimos dois anos tive uma professora nativa portuguesa, que foi uma maravilha! Finalmente, voltei para o ICUB, onde fiz o exame profissional CELPE, tirando a qualificação de “avançado superior”, falante nativo. Os professores do I Cub são todos nativos brasileiros, Na verdade, são uma grande família tão querida, com a qual continuamos tendo contato, nos cumprimentamos, e aproveitamos para praticar a língua. Além de adorar a língua, tive a oportunidade de viajar bastante pelo Brasil, coisa que amei, e me sinto muito privilegiada. Espero poder conhecer Portugal o ano que vem, se Deus quiser, e quem disse se não Lublin, na Polónia! De sonhos também se vive, não é? Por enquanto, ainda não cobram por isso!

AO ENCONTRO DA LUZ

Juan Carlos Monterde García – Espanha (2014)

Quando o anoitecer pairava sobre a silhueta de cristal do rio Tormes, filtrava-se inocente pela janela o último raio de luz. Inerte e no meio do oásis de paz reinante na sala em silêncio, desenhava-se, sob a cúpula de caixotões, o púlpito centenário na escada. E lá, obsoletas, dormiam pacificamente no antigo Breviário as lentes do frade agostiniano, enferrujado pela erosão de memoráveis gerações, discípulas da palavra. Nas redondezas, tudo parecia ter sido outrora o Éden de sabedoria terrestre, berço de ilustres companheiros que no sol último, deslumbrara o orbe pelo seu serviço ao Redentor e à Ciência.

- O mestre... - alguém exclamou, sem fôlego.

Incapaz de conter o seu entusiasmo, o nosso velho tio havia reconhecido, por vezes, o espírito de Fray Luís de Leão na galeria da sala de aula. Perturbado pela visão, ele não podia deixar que uma pequena lágrima se deslizesse então pelo seu rachado rosto. Mas ao ver que começava a apertar-se o seu peito, decidimos que o melhor seria colocarmo-lo num daqueles bancos, pois possivelmente a sua idade avançada acusava em seguida a viagem duradoura para a cidade.

Naquele lugar, o tio ficou em silêncio alguns segundos, delineando desenhos desajeitados no chão com a sua bengala de castanheiro. Então, ele olhou para nós e chamando-nos, pediu para nos instalarmos com ele. Momentos depois, os outros visitantes do quarto, talvez dando conta do início de uma história interessante, giravam em torno de nós.

- Ainda era um rapaz quando entrei nesta sala, porque o meu pai

queria que o professor logo me ensinasse o caminho da luz.

Surpreendido pela sua declaração intrigante, uma menina estranha saiu do meio da multidão, e perguntou ao velhote o significado das suas últimas e misteriosas palavras. Ele sorriu, e fez à párvula um sinal com a sua bengala para se aproximar. A rapariga obedeceu, e logo permitiu que o velho tocasse no seu encaracolado cabelo enquanto contava a sua história:

-A menina sabe? É muito jovem, pequena, e possivelmente os seus pais não conheceram o professor para lhe falar dele. Não sabe?

A menina abanou a cabeça, e então pediu-lhe para lhe dizer quem tinha sido aquela distinta personagem de quem esbanjava elogios.

-A sua voz era suave e lenta, e as suas mãos estavam sempre dispostas a ajudar quem precisava. A primeira lembrança que tenho dele é embaçada, mas desde cedo despertou a minha atenção a sua doçura e a sua preocupação por fazer formação de professores na vida. Todos nós, que fomos os seus alunos, sabemos quanto lhe devemos. Interrompendo a conversa, o nosso tio tirou um lenço do seu bolso e começou a enxugar os seus olhos, obscurecidos pelas boas lembranças. Depois de ver tudo o que o rodeava, apreciou depois que a criança tinha caído no sono nos seus braços.

-Foi no início do outono, no dia da Virgem do Pilar, quando eu vi chegar o mestre a esta sala. Eu era apenas um aluno medroso, pouco aplicado nos estudos e por quem os seus pais se tinham sacrificado dia e noite, em troca de uma boa reputação. Disseram que aquela foi a primeira lição que Dom Luís ministrava, desde que, por certo assunto, foi afastado temporariamente das aulas. Eu lembro-me que um dia começou com uma frase "disse ontem...", e mais tarde começou a falar num ambiente agradável, próximo, cordial. Dentro de instantes, ele conseguiu agitar a curiosidade de todos os que, como um servidor,

tentavam fazer uma carreira de sucesso que lhes permitisse subsistir entre a fome ou a falência dos poderosos.

Enquanto o velhote contava a sua história, a menina acordou, e apesar de sofrer os efeitos do sono, preparou-se para o questionar antes de tornar a ouvir as suas palavras:

-Senhor, como era o professor?

-Muitos equivocadamente julgavam-no uma pessoa alheia à da nossa fé, quando os seus alunos sabem que era o oposto. A partir desse púlpito, dava uma palestra aos seus alunos de forma igual, independentemente de qual fosse a classe em que se tinha tido a sorte ou o azar de nascer. Após a aula, ele sentava-se e ficava pensativo e só escrevia algumas linhas no seu pergaminho. Os mais corajosos aproximaram-se dele para lhe perguntar, mas ele sentia-se ansioso que ninguém tivesse medo de falar, exortando que todos nós, sem distinção, intercambiássemos vista com ele...

De repente, o nosso tio parou de falar por um momento, e viu, tintim por tintim, cada um dos objetos que fizeram parte daquela aula centenária. Devagarinho, tudo começou magicamente a ganhar vida dentro do seu ser cansado, enquanto ao longe, o lusco-fusco foi diluído. E sem saber como nem quando, voltamos espantados, ao vermos como naquele simples e rude banco, o nosso tio ficou adormecido para sempre, abrigando nas suas mãos o rosto da menina.

Juan Carlos Monterde García

nasceu em Badajoz (Espanha) em 1976. É licenciado e Doutor em Direito pela Universidade da Extremadura (UNEX), da qual foi professor. Atualmente é professor de Direito da Universidade de Cádiz (UCA). Aprendeu a língua portuguesa como aluno da Escola Oficial de Línguas de Cáceres (Espanha). Desde então, tem sido professor

visitante Erasmus nas universidades portuguesas de Coimbra, Nova de Lisboa, Católica do Porto, do Minho (Braga) e Lusíada de Lisboa. É membro do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS) de Santarém (Portugal) desde 2011.

Colaborador anual do projeto literário O Voo da Palavra, organizado pela Secretaria da Cultura da Cidade de Badajoz. Da mesma forma, foi finalista do XVIII Prémio LA LEY e do Prémio V García Goyena.

Autor das monografias *Santiago Fernández Negrete. Uma vida ao serviço do Estado e Génese da Lei Hipotecária de 8 de fevereiro de 1861* (Colegio de Registradores de España, 2008)”. Também de vários artigos em revistas espanholas e portuguesas. Entre estas últimas destacam-se o Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra ou as Revistas *Mátria XXI* e *Mátria Digital*.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE PORTUGAL, PALAVRA DE HONRA!

Abel Losa – Espanha
Vencedor ex aequo da 2ª edição do concurso –
“Uma palavra, um conto” (2015)

Às três pessoas que despertaram em mim o interesse pela língua portuguesa, os meus professores no Instituto Camões de Barcelona Pedro Álvares, Alberto Simões e, muito especialmente, Marina Magalhães.

No princípio era a Palavra, e a palavra colocou numa mala vogais, consoantes, acentos agudos, graves e circunflexos, maiúsculas e minúsculas. O certo é que a viagem foi um pouco acidentada. Já desde bem cedo os solavancos obrigaram-lhe a desenvolver a sua capacidade criativa. Um 'L' ficou todo torto e tornou-se o til, um 'i' incrustado nos pés dum 'c', o ô cedilhado. Ninguém ficou surpreso, portanto, quando ao chegar ao seu destino, as terras mais ocidentais da Europa, a companhia de transportes decidiu compensá-la -o cliente tem sempre razão- com um pacote especial V.I.P. (acrónimo, como é bem sabido, de Verbos no Infinitivo Pessoal).

As pessoas que ali moravam deram à palavra as boas-vindas de braços abertos e com a boca quase fechada. Começaram a usá-la, sim, mas não como os outros povos do sul da Europa, aos gritos e fazendo grande barulho. Os lusitanos sabiam que além das suas costas a civilização terminava. As profundidades do oceano estavam cheias de monstros marinhos gigantescos e de cartazes anunciando a fronteira com o Fim do Mundo. 'Nem pensar o que aconteceria se essas criaturas enormes

acordassem', diziam as pessoas entre sussurros e murmúrios. É por isso que os lusos, nessa altura e ainda hoje, falavam à meia, e até a um quarto de voz.

Na verdade, ninguém nunca disse que os inícios foram fáceis. A passagem do latim para o português submergiu a palavra numa profunda crise de identidade, o que a levou algum tempo depois a desenvolver uma forte tendência autodestrutiva. A palavra lutava contra si mesma. Cultura contra cultura, religião contra religião, homem contra homem, corpo a corpo. Tempos da Reconquista, nos quais os cristãos estavam a combater os muçulmanos que moravam na Península Ibérica.

'Dou-te a minha palavra de honra', disse o futuro rei Dom Pedro I à sua amada, Inês de Castro, 'de que serás rainha'. E, efetivamente, assim foi. 'Dom Pedro é um homem de palavra', declarou o taxidermista real aos frades copistas e aos demais meios de comunicação ali presentes, enquanto dava os toques finais ao cadáver da Inês minutos antes de ser proclamada rainha.

A força da palavra, em todas as suas formas -negociações, tratados, promessas, acordos, mentiras, enganos, epístolas, discussões, convenções, compromissos, ameaças, cartas, escritos, cumprimentos, missivas, pactos- permitiu aos portugueses nos séculos XV e XVI fundar colónias além dos mares e instaurar relações comerciais para adquirir produtos exóticos e transportarem-nos para a Europa. Bartolomeu Dias, Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral, entre outros, exportadores da palavra e importadores de açafrão, açúcar, ouro, metais preciosos, tabaco, cacau ou café. Com a força da palavra. E às vezes também, segundo algumas pessoas com a língua afiada -o quão ruim é a inveja!-, com a força das armas.

Fortes abalos sacudiram a terra quando a palavra de Deus estava a ser

proclamada nas igrejas no Dia de Todos-os-Santos de 1755. Vogais e consoantes por terra, sílabas desconexas e verbos mal conjugados. Palavras emudecidas e interjeições ensurdecedoras. Mas depois do sismo, o maremoto e os incêndios, como frequentemente acontece, veio a bonança. Letra sobre letra a antiga cidade medieval tornou-se a Lisboa pombalina.

Sem palavras ficaram os portugueses quando na manhã de 29 de Novembro de 1807 viram zarpar do porto de Lisboa, às pressas, a família real toda, nobres, ministros, bispos, comerciantes, pontapés e empurrões. E sem palavras também ficaram os brasileiros quando por volta das quatro da tarde de 8 de Março de 1808 viram desembarcar no porto do Rio, de passo moroso, um príncipe regente muito gordo, Dom João -papada caída e barriga protuberante-, avesso ao banho, princesas com as cabeças rapadas e infestadas de piolhos e uma corte fatigada e alquebrada pela viagem. O *glamour* e a *haute couture* não couberam no porta-bagagem; no fim de contas, a família real tinha levantado âncoras para fugirem dos franceses.

No século XX, a palavra sofreu de uma afonia com paralisia quase total das cordas vocais e da liberdade de expressão, de ensino e de reunião e precisou ser substituída pela censura durante algumas décadas. Nessa altura, até quase todas as vogais do apelido do ditador Salazar foram censuradas e só pôde conservar o 'a'. Por fim, depois de vários tratamentos, gargarejos e balas de menta, a doença desapareceu e a palavra pôde, inclusive, apoiar a sua equipa, os Cravos Vermelhos, na decisiva partida que disputou e venceu no Estádio Novo no dia 25 de Abril de 1974 contra a equipa do Lápis Azul [parágrafo visado e autorizado pela Censura].

E eis aqui a palavra, hoje um bocadinho mais velha do que um tempo atrás, com vista cansada e pequenos achaques sem importância,

sentada num autocarro e lendo um guia de viagem da Irlanda. Também ela, evidentemente, tira férias de tempos a tempos. Quando lê 'Witamy w Polsce' num imenso cartaz à beira da autoestrada, pergunta surpreendida ao rapaz que está ao seu lado e que dá pelo nome de Sebastião Manuel Silva (S.M.S.):

-Bem-vindos à Polónia? Porque está escrito isso?

-Pq estamos a chegar ao nosso destino - responde o rapaz.

-Polónia? Não é Dublin? - A palavra tira do bolso os óculos de leitura, coloca-os, olha de novo para o bilhete de autocarro e suspira.

-Próxima paragem: Lublin! - anuncia o condutor.

Abel Losa Vidal

Nasci no mês de abril de 1977 na cidade de Barcelona, ali onde confluem os sons do mar Mediterrâneo, da língua espanhola e da língua catalã. Estudei Direito na universidade e fiz cursos de pós-graduação na área de gestão económica. Trabalho numa entidade bancária, mas embora viva rodeado de números, percentagens e taxas de juros, a minha grande paixão são as letras. Desde muito novo, a tesoura foi a minha aliada: recortava as caixas de bolachas e as dos pequenos eletrodomésticos para eu poder ler e comparar os ingredientes e as instruções escritos em diferentes línguas. A minha estante é uma pequena e modesta Torre de Babel. Estudo línguas estrangeiras no meu tempo livre. Bati à porta do Instituto Camões de Barcelona há dois anos e em junho de 2015 terminei o nível avançado de língua portuguesa. Em setembro fui de férias a Lisboa e aproveitei para fazer ali também um curso de língua.

PERDIÇÃO

Sylvia Jabłońska – Polónia
Vencedora ex aequo da 2ª edição do concurso –
“Uma palavra, um conto” (2015)

Era uma menina triste. Tinha mãos feitas de água e coração feito de agulhas. Ninguém conhecia a sua idade, mas era jovem com esta juventude frágil e inocente que precisa de ser protegida. O seu corpo era feito de vidro, a sua pele parecia pequena demais, viam-se perfeitamente as suas veias e parecia que se olhasses com suficiente atenção, poderias vê-la inteira, ver o seu estômago, o seu coração, sangue a fluir nas suas veias. Quando se movia, tinhas medo de que os seus ossos iam partir a sua pele como se fosse papel. Se ficavas ao seu lado, calado, calmo, nunca conseguias ouvir a sua respiração, como se não precisasse de oxigénio para funcionar, mas sim conseguias ouvir o latido do seu coração. Lembro-me dela cada dia, vou lembrar-me até ao dia da minha morte, até que o meu corpo se converta num pedaço de carne, devorado pelo tempo, comido pela terra. Os seus olhos eram dois digitalizadores, scanners, olhava para pessoas como se observasse não a sua cara mas o seu interior. Sentia-se nela a liberdade, a coragem, a inteligência. A verdade. Passar um minuto com ela era como o cheiro dos morangos, como o primeiro orgasmo, como ouvir Pixies pela primeira vez. Era coisa que não se esquecia, lembravas-te daquele minuto durante muito tempo, durante muitas noites passadas ao lado de outras mulheres à procura de um pouco de esquecimento.

Fecho-me na minha casa com uma garrafa de whisky, um Suntory. Ponho música, Tom Waits. Aqueço a ganza, misturo-a com um pouco

PERDIÇÃO

de tabaco, preparo um charro. Apago as luzes, fumo lentamente, viro um pouco de whisky no copo. Tenho tempo. Faz calor, então tiro a roupa e fico no chão, a olhar pela janela, a ouvir música. Em baixo há uma festa, ouço os jovens a gritarem, no ar sente-se esta patética combinação de álcool barato, batatas fritas, perfumes de Pingo Doce e feromonas. Uma felicidade simples para pessoas simples. Ponho a música ainda mais alto para separar-me daquela vanidade. Existo só para ti, minha linda. Existo para ti.

....

Tinha vinte e cinco anos e terminava os meus estudos de economia. Não era como a maioria daquelas crianças que só começam a estudar para passar mais cinco anos da sua vida de festa, a jogar computador e procurar o sentido da vida em vômitos às cinco da manhã numa casa de banho depois de uma festa na casa de pessoas desconhecidas. Em vez disso realizei alguns projetos interessantes e fiz estágios nas firmas mais prestigiadas do país. Jogava na bolsa. Praticava natação e esgrima, dançava tango, lia muitos livros, sabia cozinhar bem e dormia sozinho só quando de verdade não me apetecia ter companhia.

Vi-a num bar. Estava fatigado depois de todo o dia de trabalho. Comecei a trabalhar numa multinacional, porque foi a forma mais rápida de conseguir salário bastante interessante, pelo menos até que conseguisse o diploma e pudesse trabalhar em alguma coisa mais séria. Atraiu o meu olhar de imediato. Adoro as mulheres e conheço-as todas. As sempre cheias de energia, que falam muito, com muita gesticulação, não param de se mexer, vendem otimismo ao quilo. Também são as mais fáceis de conquistar. Depois há mulheres que todos os dias vestem a mesma roupa, quase não usam maquilhagem e se o fazem, os resultados são trágicos, porque as suas trémulas mãos não estão acostumadas a criar esta falsa identidade pintando a cara. Procuram

PERDIÇÃO

amor, um pouco de entendimento, querem ter filhos, um trabalho estável. Há também este grupo de mulheres frias, sempre de saltos altos, como a maioria das minhas colegas do trabalho. Vivem fechadas no seu pequeno mundo empresarial, roupa elegante, comida saudável, ginásios e romances.

Ela era diferente. Estava sozinha e não parecia estar a espera de ninguém. Vestia um vestido branco que descobria os seus braços, um pouco queimados pelo sol. Não merece a pena descrevê-la. Aliás, não merecia a pena nem mostrar a sua fotografia, porque a beleza duma mulher não se esconde na sua fisionomia. Esconde-se em pequenos gestos, na maneira como olha para ti, a atenção que presta quando estás a falar, este olhar concentrado que tem sempre antes de dizer alguma coisa, como se escolhesse cada palavra com muito cuidado e tecesse um vestido deles. Cada conversa com ela foi uma canção, foi uma poesia.

Surpreendeu-me que tirou o tabaco do seu bolso e começou a fazer um cigarro. Julgaria que não fumou na sua vida. Aproximei-me dela. Pelo que eu saiba, existem dois tipos de homens: os que, quando uma mulher precisa de isqueiro simplesmente dão-lho o e os que lhe encendem o cigarro. Eu sou dos segundos. Olhou para mim surpreendida. A verdade é que existe só uma frase que nunca falha quando tentas fazer uma mulher apaixonar-se por ti.

– Como é que te chamas?

– Jadira. - respondeu.

Tinha uma voz delicada e forte ao mesmo tempo, parecia trabalhada, como se fosse cantora ou atriz.

– Jadira... Posso sentar-me aqui contigo?

– Depende.

O fumo de cigarro incomodava-me, eram Marlboro Vermelhos. Odeio cigarros.

PERDIÇÃO

– Depende do quê?

– Antes de te sentares aqui tens de jurar que não vais apaixonar-te por mim.

Sorri, mas a sua cara continuava séria, os seus olhos fixos nos meus olhos, o cigarro aceso nos seus lábios.

- Estou a tentar deixar.

Disse, como se só agora se apercebesse que estava a fumar.

– Não vou apaixonar-me por ti. Juro. Posso sentar-me?

– Podes.

Sorriu e, por mais patética que pareça esta descrição, foi o sorriso mais belo que já vi. Acho que sentar-me ali naquele dia foi uma das melhores decisões que tomei na minha vida. Foi o início do meu fim. Cada segundo que passámos juntos foi fascinante. Escapava cada possível definição, cada limite, cada classificação. Acabou de vir do Catar, ou pelo menos foi isso que me disse. Criou-se numa família camponesa no profundo interior do Brasil, no meio de nada e passou a maior parte da sua infância a trabalhar no campo e a cuidar das crianças mais pequenas na aldeia. Ela própria não tinha irmãos, a sua mãe morreu durante o parto. Quando o seu pai morreu ela tinha quinze anos e saiu do país para poder estudar, mas nunca conseguiu nem sequer terminar a escola secundária. Contudo, não foi sobre isso que falámos naquele primeiro dia, obviamente. Falámos sobre o Rilke, sobre filosofias de Nietzsche e Schopenhauer que ela nalguma maneira inexplicável complementava com o seu próprio razoamento, com as mitologias e contos, mostrando-me uma imagem mais profunda e mais fascinante do mundo do que qualquer um dos meus amigos universitários fez durante toda a minha vida. Olhar com os seus olhos era ver o mundo completamente diferente. Era como ver o mundo inteiro, todas as coisas ao mesmo tempo. Apaixonei-me por ela no mesmo dia que a

PERDIÇÃO

conheci, mas fiz questão de evitar que se visse. Eramos amigos. Bons amigos, mais nada.

Começamos a encontrar-nos todos os dias. Sempre ou na minha casa, ou nos parques, em bares, ao lado do rio, dávamos passeios de quilómetros e quilómetros. Nunca percebi bem onde vivia e ela nunca queria dizermo-lo. Não queria forçar a situação, força-la a dizer-me coisas que preferia guardar para si. Deixei o meu trabalho, por mais absurdo que pareça. Com o dinheiro que poupei podia viver tranquilamente três, quatro meses sem trabalhar, disse a todos que me dediquei aos estudos. Mas dediquei-me a ela. No princípio pensei que mentia. Contava-me milhares e milhares de histórias, sobre as suas viagens, sobre como chegou à Índia, como viajou pela Austrália inteira e falava sobre ir a Bolívia como se fosse a cinco minutos daqui, ao pé da minha casa. Amava mitos e contos, para ela substituí os grossos livros sobre impostos e economia europeia pelas mitologias de todo o mundo, contos africanos, o Mahabharata, o Alcorão, a Bíblia. Não era religiosa, mas era completamente apaixonada pelos contos. Costumávamos ficar longas horas deitados no parque a inventar histórias sobre as pessoas que víamos. Lembro-me que durante todo aquele tempo pediu-me só uma coisa. Pediu-me música. Ficávamos às vezes as tardes inteiras deitados na minha cama, a ouvir música. Excitava-se como uma criança quando podia ouvir alguma coisa nova e eu nunca era mais feliz do que naqueles momentos em que via os seus olhos a brilharem, este sorriso inocente nos seus lábios, ilusão quase infantil. Introduzi-a ao mundo de Nina Simone, de Portishead, de Nick Cave, Tom Waits, Beth Hart, Dead Can Dance, Loreena McKennitt. Nunca toquei nela. Nem uma vez. Não porque não queria, mas porque não tinha coragem para fazê-lo. Era como um pássaro, como um gato, podia fugir em cada momento. Não queria que fugisse. Queria que ficasse na minha vida para sempre.

PERDIÇÃO

Um dia já não podia aguentar os seus segredos. Morria de curiosidade de saber onde vivia, em que trabalhava, o que fazia quando não estava comigo. Decidi ir atrás dela, para poder, pelo menos, ver onde viva. Quando nos despedimos, comecei a segui-la, sentindo-me a pior pessoa do mundo, sentindo que com cada passo estava a trair a sua confiança em mim, a destruir tudo o que havia entre nós, por mais frágil que já fosse. Depois de uns vinte minutos apercebi-me aonde ia. O bairro Cloreta. O bairro dos drogados e alcoólicos. O que fazia ela ali? Entrei atrás dela no prédio. No portão estava um homem meio nu, só com calções, olhou para mim sem perceber o que via e fechou os olhos. A baba caiu dos seus lábios sujando o seu peito. Vi-a subir e subi atrás dela. Terceiro andar. Fiquei nas escadas, ouvi a porta fechar-se. Subi. Não sabia o que fazer. Fugir? Falar com ela? Perguntar a outras pessoas se a conheciam? Quem era aquela mulher? Quem era aquela criatura misteriosa, com milhares de histórias, com cheiro a alfazemas e o que fazia aqui, no meio do pior bairro da cidade? Pressionei a maçaneta da porta. Nem sequer bati. Estava aberta, entrei lentamente. A sala estava quase vazia. Havia lá só uma mesa, um sofá e uma mala, aberta. Alguém estava deitado no sofá, mas não se apercebeu de que entrei. Um homem, podia ter uns trinta e cinco anos, seguramente estava drogado. Na mesa havia uns pratos sujos, preservativos, tabaco e haxixe. De repente tudo ficou mais claro. Os dias inteiros sem trabalho nem obrigações, as nódoas no corpo que tentava cobrir com mais roupa, inutilmente. Era uma prostituta. Uma simples prostituta.

– Era uma vez...uma serpente.

Saltei, assustado.

– Jadira... Não devia seguir-te, desculpa...- comecei.

–Uma serpente- Ficou apoiada à parede. Parecia cansada. Resignada- Uma menina encontrou-a no meio da praia. Em princípio ficou com

PERDIÇÃO

medo, mas a serpente abriu a boca e disse, não tenhas medo de mim. Não é a minha verdadeira forma, sou um príncipe vestido na pele da serpente. A menina não confiava nela, mas aproximou-se e viu que os olhos de serpente eram tão profundos e tristes como olhos de qualquer ser humano que pisa a terra. Ficaram amigos e a menina passava dias inteiros na praia, a falar com a serpente. Mas o animal ficava cada vez mais fraco. Como posso ajudar-te, perguntou a menina. Sabes nadar. No fundo da água há uma caixa. Durante um mês, todas as noites tens de mergulhar, apanhar a caixa e vir com ela até a superfície. Depois tens de abri-la para que possa ver a lua, mas sem tu olhares para o que há dentro dela. Depois tens de deixar a caixa exatamente onde a encontraste. Assim todas as noites durante o mês inteiro. Percebeste? Sim, percebi. E a menina começou a fazer o que a serpente a tinha pedido. Todas as noites fugia da sua casa, mergulhava, com os olhos fechados abria caixa, mostrava o seu conteúdo a luz da lua e depois deitava-a no mesmo lugar em que a encontrou. Só que não conseguia aguentar a curiosidade e a última noite abriu os olhos para ver o que havia dentro da caixa. Um coração. O coração da serpente. Mal a menina o viu, começou o a converter-se em pó. A menina, desesperada, nadou até a praia e encontrou lá um homem, um príncipe. Era o meu coração o que tinhas entre as tuas mãos. O meu coração que, segundo a profecia tinha de ficar nas mãos da mulher amada à luz da lua durante um mês, antes que pudesse converter-me em homem. Mas podes só sentir o coração, não podes vê-lo. Quem o sente, vive feliz. Quem o trai, mata. E assim o jovem morreu no meio da praia e o seu belo corpo converteu-se em pó.

–Jadira...

–Sai. Sai daqui!

Sai, sem poder olhar para ela, para a sua cara cheia de desgosto. Mas

PERDIÇÃO

voltei lá no dia seguinte, e seguinte, durante muito tempo. Perguntava por ela, procurava-a, mas ninguém sabia nada, ninguém a viu, ninguém a conhecia, desapareceu como se nunca tivesse existido. A minha andorinha, a minha única. A minha serpente que deixou o seu coração em mãos não preparadas para este peso.

Soube dela só uma vez. Recebi um envelope enviado de algum lugar do Chile. Continha um livro, um livro de lendas. Não estava assinado mas sei que foi ela quem o enviou. Nunca mais soube nada dela, mas estou à espera que reapareça na minha vida algum dia. Às vezes parece-me que é ela, nalgum comboio, no meio da rua, mas é sempre só uma ilusão.

Mesmo assim, continuo à tua espera. Continuo à tua espera, minha linda.

Dezembro 2015, Vila Real

Sylvia Jabłońska

Chamo-me Sylwia e a minha vida tanto pessoal como profissional está relacionada com as línguas. Adoro a escrita e a liberdade que há em qualquer tipo de expressão artística. Estudei filologia portuguesa na UMCS e, depois disso, completei os estudos de pós-graduação em Cracóvia. Neste momento profissionalmente escrevo anúncios para o mercado brasileiro e português. Dedico a maioria do meu tempo livre à dança, mas tento encontrar também uns momentos para ler poesia polaca, literatura africana, estudar mais línguas e cozinhar.

PRIMAVERA

Aleksandra Bazior – Polónia (2015)

Primavera.

Que calor aliviador que quer abraçar o mundo com os seus ramos macios e acolhedores!

Depois de tantos dias feitos de gelo e de metal do inverno lúgubre e fastidioso, que alívio!

Um prado. Um prado mal acordado, mas já bem-disposto. Sorridente, radiante e alegre de se ser uma testemunha de nascimento de flores. Flores ainda muito delicadas, com pétalas tão finas, quase transparentes, quase impercetíveis, não obstante duráveis e resistentes. São capazes de enfrentar o vento ardiloso, que talvez sobre inesperadamente um outro dia.

As árvores que rodeiam o prado lembram desse dia de florescimento de um ano atrás. E de dois anos atrás. E de muitos anos atrás. Muitos, pois elas próprias não sabem quantos anos viveram. Se elas tivessem mentes, bocas e cordas vocais, poderiam descrever, com o menor detalhe, cada dia que se tinha passado no prado (a única área que elas conseguem ver e experienciar), porque têm a memória, e esta é excelente. E uma margaridinha. Uma margaridinha com vinte e sete pétalas brancas, cada uma minimamente diferente da outra, mas em conjunto com o centro dourado criam uma criatura que leva traços, se não de perfeição, com certeza de delícia perfeita. A flor vive a sua vida curta, mas desde início gostosa, com o seu rosto volvido para o Sol, que a aquece, que a chama para crescer. Vive no meio do prado, cercada pela

erva esperança-verde e outras flores pequeninas, mas ela está enfocada no Sol. Que bom que não tem olhos, porque os raios da estrela os queimariam. Mas mesmo se os tivesse, não pararia de olhar para a claridade atraente, mas prejudicial.

Há também representantes do mundo animal nessa cena serena. Num lado do prado preguiçosamente pastam quatro vacas tranquilas. Enfocadas em mastigar, com toda a cautela, cada mordisco do manjar. De vez em quando conversam umas com as outras, passando entre si informações confidenciais. A margarida nem consegue ver os animais, pois vive noutra parte do prado, distante dos bichos gigantesco.

Uma andorinha com assobio súbito cruza os céus em duas metades. Todo o tempo estendendo o corpo para o Sol, a margarida consegue reparar no pássaro e num instante que dura um som, manda-lhe um sorriso cheio de inocência.

Um beija-flor, batendo as suas asas milhares de vezes por momento, aproxima-se da margarida, tentando forjar seu maior propósito que também é o seu nome de batismo. Com o seu bico ousado quer chupar um pouco da substância líquida que faz parte da vida da flor. O pássaro quase dá um beijo meio-mórbido, meio de amor, mas, no momento, sente um susto leve e rapidamente flutua em outra direção, deixando atrás a sua vítima-amante. A flor continua vivendo segura no seu lugar. Mas o que é que isso? Algo se atreve a molestar a paz e a harmonia de um prado tão ameno, de ambiente quase perfeito? Uma forma incerta e escura está se aproximando, com velocidade crescente. A sombra sinistra sobe, cresce e expande-se. Torna-se cada vez maior e mais escura. A margarida desarmada fica no caminho provável desse fantasma. A sombra aproxima-se já da flor quase comida pelo medo, privada de qualquer possibilidade de defesa, despertando nela um sentimento de pavor e uma implacável vontade de fuga. A margarida

PRIMAVERA

desesperadamente tenta arrancar a seu único tentáculo da terra. Porém, a raiz resolve não se aliar a ela nesta batalha desigual e teimosamente agarra a sua parte superficial de si atada ao solo. Entretanto, a sombra já está perigosamente perto da flor. No último sopro de vida a margarida fica sem esperança, conciliada com este final, insensato.

Uma menina alegre, com dois baldes nas mãos, saltando e sorrindo, atravessa o prado, em direção às vacas para ordenhá-las.

Felicidade. Sorriso. Primavera.

Aleksandra Bazior

Estudou na Universidade de Varsóvia. Interessada por línguas, participou em vários projetos de tradução. No ano de 2015 ganhou o concurso de tradução da poesia de Fernando Pessoa, organizado pela Universidade Jaguelónica. Atualmente usa o português e outras línguas na vida profissional. Sempre à procura de novos desafios linguísticos.

A PEDRA

Aleksandra Moskal – Polónia (2015)

A pedra é a pedra. A pedra é ela mesma desde o princípio até ao fim. Acho que isso é bom. Devido à pedra existe alguma imutabilidade na natureza. A pedra presta-se perfeitamente a servir de modelo de estabilidade porque a pedra em si mesma não altera nada. Se se pensar um pouco mais nisso, essa pedra não tem de fazer nada. Pode parecer que a pedra é perfeitamente indiferente- também, mas na verdade a pedra é perfeitamente invariável.

Podemos, e mesmo deveríamos, fazer uma pergunta - para que é que é a pedra? Existe uma resposta verdadeira. A pedra é para ser a pedra. Há pessoas que acham que a pedra não serve para nada. Mas isso não é verdade, porque se a pedra existisse para nada não existiria, e, se já existe, existe para ser a pedra. É muito difícil para um homem entendê-lo, porque para nós tudo existe para algo, por alguma razão, por algum objetivo. A pedra não tem de ser para algo, por alguma razão ou para algum objetivo. A maioria das pedras é assim. Há também algumas que o homem tocou e transformou. Com a força, obrigou a sua natureza a possuir utilidade, algo que por si só não precisavam de ter. A pedra tratada assim, por si mesma, não deixa de ser a pedra, sendo então tão apática na sua forma nova como o era antes da transformação. Só o homem é que se engana, que conseguiu fazer uma transformação, tentando com esforço valorizá-la, inventar a importância.

O que é que se pode dizer mais sobre as pedras? O seu número é desconhecido. Não houve e não haverá nesta terra alguém que gostas-

A PEDRA

se de as contar. O conhecimento do número exato de todas as pedras deste mundo é pouco necessário para as próprias pedras. E assim ninguém nesta terra vai alguma vez perguntar isso. A espécie humana está interessada nas pedras, mas só para dar-lhes os nomes. A pedra para si mesma e para as outras pedras vai sempre ser só uma pedra. Para o ser humano, a pedra não pode ficar sem nome. Por isso, uma pedra pode ser o basalto, a outra o arenito, a seguinte o granito ou mármore e outra vai ser o diamante. Decidiu-se que o diamante seria a pedra mais valiosa. O diamante não decidiu que vai ser o mais valioso e tanto para todas outras pedras como para ele próprio o seu valor é completamente indiferente porque o único valor que lhe é importante é que é uma pedra entre outras pedras.

Desde que deu conta que existem as pedras a espécie humana começou muito depressa a dar-lhes os significados, mas isso era importante apenas para os seres humanos. Inventámos que, se a pedra é só a pedra, então pode ser qualquer outra coisa que queiramos. Isso fez com que algumas pedras comesçassem a ser machados, martelos, mesas, estradas, paredes, túmulos, esculturas, muros, ornamentos, brinquedos. Infelizmente o mais frequente é que o homem não veja as pedras mesmo quando estas ficam bem visíveis. Andamos sobre elas, vivemos ou ficamos dentro dos locais feitos das pedras, olhamos para as pedras mas não as vemos, não reconhecemos o seu espírito. Às vezes acontece que tocamos as pedras, atiramo-las à água. Nestes casos a pedra não é o objetivo das ações feitas por nós. A pedra é só um acessório de um conceito, de uma atividade, de uma pessoa. É totalmente fútil e absolutamente omitida, mesmo que sem a pedra aquele conceito, atividade ou pessoa não existissem ou fossem incompletos. O que seria de uma casa de pedra sem as pedras arranjadas num muro. Pois, seria um vazio um vazio ou uma intenção da casa.

A PEDRA

O que seria do movimento da mão quando queremos atirar uma pedra para dentro da água, pois sem a pedra isso seria só o gesto que tinha a intenção mas não tinha o efeito. O que seria um broche composto de uma pedra esmerilada mas sem ela. Este objeto seria só uma peça de metal ao qual faltou o essencial. Diria até mais, um broche deste tipo seria num certo sentido uma decepção.

Em algum lugar, não é importante para a nossa história onde, uma vez, não importa quando, vivia um rapaz pequeno. Tinha nove anos, é difícil dizer quantos exatamente porque com o passar do tempo tinha mais e mais anos até que deixou de ser uma criança e começou a ser um jovem que com o passar dos anos seguintes amadureceu e tornou-se homem. Este homem, apaixonou-se por uma mulher, e casou-se com ela. Tinham filhos que com o tempo cresceram, amadureceram, e tornaram-se mais e mais independentes e eles cresceram também. Chegou o tempo em que cada um deles deixou a casa dos seus pais, para fazê-los avós. Isso são as consequências do passar do tempo. Não há nada de estranho, nada não natural e nada revelador. Qualquer um viu uma história deste tipo ou experimentou-a. Uma consequência normal do passar do tempo, o resultado do passar do tempo escondido em nossas vidas. Então porque é que estou a contar a história de um rapaz que foi um jovem para amadurecer e por fim para envelhecer. Há um motivo. Esse homem tinha um dom.

Ele não queria ter este dom, não cuidava dele nem o desenvolvia. Tinha-o e ponto. Ainda não sabemos se o que lhe aconteceu pode chamar-se um dom, porque havia pessoas que achavam, no princípio, que era uma tendência inocente causada pela imaginação enorme da criança, que era uma paixão excêntrica dum jovem, Consideraram que seria depois uma preferência curiosa dum adulto, e no fim acabou a ser visto como a excentricidade dum velho. Este homem desde a infância

A PEDRA

até à morte recolhia pedras. Várias, quaisquer umas desde as pedrinhas mais pequenas até às rochas maiores.

No fim o homem morreu porque chegou o seu tempo de deixar a vida neste mundo. Escreveu

o testamento. Não dividiu nada e não ofereceu nada a ninguém mas tudo o que possuía deixou à família. Queria só uma coisa quando morresse, o que acabou de acontecer: ser enterrado do modo que ele desejava. O seu desejo foi este: “Atrás da minha casa natal há um prado espaçoso que adoro desde a minha infância, que me dava sempre o repouso e descanso em qualquer estação do ano, sempre que precisava. Gostaria de ser parte dele depois da morte, ter o descanso eterno na sua parte interior. Escavem-me um buraco no centro do prado e envolvido só em sudário, sem caixão entreguem o meu corpo ao interior da terra, mas, e isso é o mais importante, não cubram o meu corpo com a terra, espalhem-na ao redor, o prado vai assumi-la e crescerá erva nova. Depois cubram-me com as pedras que fui recolhendo durante toda a minha vida. Depois de me cobrir estará uma pilha de rochas. Isso é uma marca deixada por mim: esta pilha de rochas no meu túmulo. Acho que tem vontade de saber para que recolhia estas pedras. Quando era criança inteirei-me de que a espécie humana e as pedras tem uma característica em comum. Não há duas pedras iguais assim como não há duas pessoas que sejam iguais. Então decidi que quando conhecesse alguma pessoa nova ou encontrasse em alguém desconhecido algo original neste caso iria procurar alguma pedra que seja compatível com ela. No fim da vida começamos a pensar sobre várias coisas, no princípio não sabia o que e que fazer com minha coleção das pedras desnecessária para os outros, mas logo entendi que não tenho que separar-me dela e que a vou usar para que, depois da minha morte, ninguém tenha problemas com ela. Assim todas as pessoas que

conhecia e que admirava ficarão perto de mim mesmo quando estiver morto. Para vocês isso vai ser um sinal de que são muito importantes para mim, e para sempre”.

Aleksandra Moskal

Nasci a 24 de dezembro de 1994 em Nisko, Polónia. Formei-me em Filologia Românica na Universidade Maria Curie-Skłodowska em Lublin. No tempo da faculdade fui um membro ativo de várias organizações estudantis: organização internacional AIESEC, Círculo Científico de Estudantes de Português e também Círculo Científico de Estudantes de Espanhol da qual fui presidente no ano letivo 2015/2016. Professora de língua espanhola em escolas de idiomas em Lublin. Apaixonada por viagens, principalmente pela Península Ibérica e América Latina. Atualmente moro e trabalho em Nova Iorque, EUA.

MISSÃO

Ana Fusté Nadal – Espanha (2015)

Não sabia onde estava nem como tinha chegado ali. Estava numa vila muito antiga, com casas de pedra, ruas estreitas e sem carros. Só algumas carroças de cavalos. Fiquei ali, de pé, com a minha indumentária pouco apropriada para a época e o lugar. Olhei ao redor e foi como se eles não me pudessem ver. Mas havia uma miúda que não parava de olhar para mim. Foi como se eu a conhecesse. Olhamo-nos nos olhos, até que um homem veio contra mim. Então fui falar com ela.

-Desculpe, onde estou?

-Está em "Brancalua" uma vila das "Zonas Altas".

-E em que ano?

-1626. - suponho que a surpresa no meu olhar dizia tudo, mas ainda perguntou.

-De que ano vem?

-2015. - então foi a sua surpresa que me fez sorrir. Mas não parecia que achasse que eu estava louco. - Porque não está assustada? Acredita no que eu lhe digo?

-Sim, acredito. Não estou assustada porque o meu avô tinha-me contado histórias de personagens como você. Que chegavam com indumentárias estranhas e de anos futuros.

-E o que é que eles vinham fazer aqui?

-Eles tinham uma missão, e quando eles a cumpriam, iam embora.

-Qual é a sua missão? Porque está aqui?

-Esse é o meu problema. Não sei como cheguei aqui e não sei o que

MISSÃO

tenho de fazer.

-Então, venha comigo, por favor.

-Vai ajudar-me? Porquê?

-Primeiro porque não pode ficar com essa roupa aqui. Segundo porque se não o ajudo eu, ninguém o ajudará. Ninguém mais pode.

Segui-a até à casa dela. Era uma casa pequena, oculta num beco entre as ruas mais concorridas da vila. Se não fosse porque ia com ela, eu não a teria encontrado. Entramos pela pesada porta de madeira. Subi as escadas com ela e guiou-me a um quarto.

-Espere aqui, por favor.

Quando voltou, trazia roupas de homem do meu tamanho e da época apropriada.

-Muito obrigado.

-De nada. Espero-o em baixo.

Depois de mudar-me, desci as escadas e descobri a minha missão. Numa cadeira de madeira estava sentado um homem que não conhecia, mas de quem tinha ouvido falar, e muito. Tinha à minha frente o primeiro homem que mudou definitivamente de época (e o único). Mas a minha surpresa foi maior quando me chamou pelo meu nome.

-Venha João.

-Como sabe o meu nome?

-Eu fiz com que você viesse. Amélia, podes deixar-nos, por favor?

Contou-me a sua história, como tinha chegado lá, do ano 1930 ao 1595, para alterar o curso da guerra entre as Zonas Altas e as Zonas Baixas e se tinha apaixonado por uma das criadas do rei. Então decidiu ficar lá com ela, ainda que isso fosse contra todas as regras porque podia mudar o curso da história. E agora ele queria que eu continuasse com uma parte do seu trabalho, recrutar magos ainda não descobertos.

Fui com a Amélia ao mercado. Lá, ela foi fazer as compras e eu comecei

MISSÃO

com o meu novo trabalho. Estalei os dedos e fiz uma luz que era a chamada para os magos. Só aqueles que tinham poderes podiam percebê-la. Normalmente só os que a conhecem o fazem, mas provavelmente os magos da época não a conheceriam e acudiriam por curiosidade. Só estive à espera 5 minutos e eles começaram a chegar. Todos falavam uns com os outros, curiosos. Finalmente um falou comigo.

-Que foi isso? Por que não vêm todos?

-É a chamada dos magos. Só os que têm poderes podem percebê-la.

-Magos? Está louco? Dê uma prova.

Fiz a chamada outra vez para eles verem que a tinha feito eu, e sem truques aparte da magia pura. Mas tinha de convencê-los, assim que decidi fazer algo um pouquinho mais impressionante. Fiz com a mão o movimento de agarrar alguma coisa no ar e disse:

-Cavalheiro, tinha alguma moeda no bolso?

-Sim. Uma de seis.

-Veja o seu bolso, por favor.

-Não está!

-Não, está no seu.

Assinalei um senhor e fiz como se deixasse alguma coisa no ar.

-Tenho-a!

-Como fez isso?

-É fácil. - Estalei os dedos outra vez e a moeda apareceu na minha mão.

-E nós podemos fazer isso?

-Sim, com um pouquinho de prática.

-E o que é que fazem os magos?

-Encarregam-se de fazer com que a história siga o seu curso sem grandes catástrofes viajando no tempo ou simplesmente mediando entre as pessoas.

MISSÃO

-E teríamos de deixar tudo?

-Não. Poderiam fazê-lo se quisessem, mas não é o típico.

-E onde praticam?

-No "limite", a linha do tempo por onde viajamos. Os que querem poderão ir comigo, partirei dentro de uma semana mais ou menos. Farei a chamada um dia antes.

Voltei para a casa da Amélia e do Fernando e pelo caminho percebi uma magia muito grande. Não tinha sentido nenhuma presença maga tão forte em toda a viagem. Talvez não tivesse andado à sua procura. Mas conhecia-a, e não era a do Fernando.

Virei-me para ver quem era, mas não vi nada mais do que antes na profundidade da noite. Mas ouvi uns passos. Virei-me outra vez e vi a Amélia num canto. Era ela. A sua magia despertou a minha curiosidade. Era inclusive mais poderosa do que a do Fernando.

-Amélia. O que faz escondida?

-Só queria ver o que tinha vindo fazer aqui, na vila.

-Já lhe disse uma vez que não sabia.

-Mas falou com o meu pai e achei que já saberia...

-Sim. Eu achava que sabia. Mas não sabia. Até agora.

-Que quer dizer com isso?

-Acho que a minha missão é você.

-Eu? - a sua expressão era de medo, quase de terror.

-Não se preocupe. Você é uma maga, e diria que o que tenho de fazer é treiná-la. Ainda não sabe. Mas você tem muito poder nas suas mãos.

E depois dessa conversa começou a verdadeira aventura. A Amélia e eu chegamos à casa dela e falamos com o Fernando.

-Fernando, descobri o grande poder da Amélia. Porque não me tinha dito nada?

-Queria que descobrisses tu.

MISSÃO

-E o que é que quer que eu faça? Tenho de treiná-la? - perguntei.

-Amélia, podes deixar-nos um momento, por favor?

-Não, porque vão falar de mim, e quero decidir. Ou nem sequer conta a minha opinião?

-Amélia, por favor. Não me faças isto mais difícil. Vai embora e depois falamos. Finalmente ela foi embora e nós falamos.

-Tens razão, não te fiz vir só para seguir com a minha missão, mas também para treinar a Amélia. Ela deveria ser treinada para ser importante. Não sei porquê, mas o seu potencial é muito grande, e ela nem sequer sabia que o tinha.

-E eu, porquê?

-Tu também tens mais potencial do que achas, mas é um potencial oculto. Só alguns podem vê-lo, e isso faz com que possas passar despercebido.

-Isso é bom?

-Sim, se fazes o bem com ele. Por isso quero que treines a Amélia. Os dois melhorarão ao mesmo tempo -. Depois de uns minutos falou. - Chama a Amélia, por favor.

Fui à sua procura, estava no seu quarto.

-Amélia, pode vir comigo falar com o seu pai, por favor? - estava zangada, mas resignou-se e veio comigo.

-Amélia, gostaria de contar-te a verdadeira história desta família. - ela simplesmente assentiu para deixá-lo falar. - Há 31 anos eu não estava aqui, eu não vivia neste ano nem nestas terras. Vivia nas Zonas Baixas, no ano 1930.

-Zonas Baixas? 1930? E o que vieste fazer aqui?

-Sim, Zonas Baixas em 1930. Vim por uma missão, tinha de evitar a guerra entre as Zonas Altas e as Baixas.

-E porque ficaste aqui?

MISSÃO

-Apaixonei-me por uma mulher, a mais bela que tinha visto na minha vida. A tua mãe. A mãe da Amélia tinha morrido quando ela tinha 6 anos.

-E que tem isso a ver com o João?

-Eu fiz com que ele viesse para treinar-te e levar-te ao futuro.

-Ao futuro? - disse eu, estranhado.

-Sim. O lugar da Amélia é no futuro, ela nasceu para o futuro. Sempre fala de como seria a vida no futuro, quer fazer inventos... Eu não posso obrigá-la, mas acho que é o melhor para ela. – então, dirigiu-se diretamente a ela. - Amélia, talvez não queiras deixar isto. Sei que tens os teus amigos, a tua vida feita aqui, mas ultimamente, às vezes, estás triste e acho que mudar de ares far-te-ia muito bem. E se não gostares podes voltar. Quanto ao treino. Isso gostaria que o fizesses porque com o teu potencial poderias ajudar muito os outros e também viver melhor.

-E porque não a usas nunca?

-Uso-a, mas a magia só é visível para os que são conscientes da sua existência. E tu não tinhas acreditado na sua existência até que viste o João e falaste com ele. Ele pode ajudar-te como tu podes ajudá-lo. Juntos poderão fazer grandes coisas neste mundo. - E sorriu como se visse o futuro.

E aqui estamos, dois anos depois, em 2017, depois de já termos evitado uma terceira guerra mundial e a morte do planeta, quase impossível com o aquecimento global que havia em 2015...

Ana Fusté Nadal

Sou a Ana e tenho 25 anos. Atualmente moro em Barcelona e sou engenheira. Comecei a estudar português quando tinha 16 anos porque gosto muito de línguas e nesse ano começaram a dar aulas na minha cidade, La Seu d'Urgell.

XADREZ

Ana-Maria Păunescu – Roménia (2015)

A menina gosta de xadrez. Sem conhecer todas as regras. E sem ter um tabuleiro verdadeiro. (Alguma vez o teve). Começa cada partida com os olhos fechados, tentando com a ponta dos dedos descobrir, com a frágil obscuridade que a rodeia, a cor das peças. Adora as brancas. Nunca ganha com elas. De vez em quando, joga com o seu pai. Que já partiu para outros destinos. Um dia triste de novembro, quando as pessoas costumam sair de casa para comprar legumes. A menina, nesse outono, saiu para dizer adeus. Era só uma criança. Uma criança que, até um ponto, tinha tido uma vida feliz. Pelo menos, era isso o que diziam os vizinhos. Antes do desastre, cantava, ia ao parque do bairro, cheirava com o seu pequenino nariz as flores que se negavam a florir. Quando tinha só quatro anos, já sabia os nomes dos países europeus do oeste. O norte assustava-a. O sul era uma terra desconhecida. O este era seu. Como o último pedaço de bolo de chocolate da casa.

Xadrez. A menina gosta de xadrez.

- Pai, vem. Agora tens de jogar tu.

- Pai? Estás aí?

Ninguém responde. Pela primeira vez, ninguém responde. A menina que gosta de xadrez começa a chorar. As suas lágrimas escorrem sobre o tabuleiro de madeira quase gelado. A menina não compreende nada. O tabuleiro de xadrez está marcado pelos dois jogadores: o pai e a menina. Tem no lado esquerdo uma estrela feita com a ponta dum lápis antigo. E no lado direito a letra A, escrita por uma mão forte. A menina olha para as marcas da cumplicidade e sente, de repente, muito frio.

XADREZ

Pai, tens de vir logo. O nosso xadrez está doente. Tens de vir. Hoje as peças vêm vestidas só de preto. Não encontro as minhas brancas! O tabuleiro começa a mover-se. O que é que acontece? Alguém fala sobre nós. Está a dizer que somos os últimos que têm a oportunidade de usar esta nobre madeira para o jogo. Pai? Pai, vem. O que é que isso significa? Estou com medo. Pai!

- ...

Era uma noite de novembro. Novembro. Dia cinco.

Pela primeira e última vez, o pai da menina não responde às súplicas da sua filha. Não se ouve nenhuma palavra. O xadrez está doente. As peças negras caminham sobre o tabuleiro – leais soldados – como se se despedissem. A menina observa a revolução do xadrez com uma cara cheia de surpresa. Junta as palmas e sente que no quarto, com ela, há muita gente. Já não chora. Nem chama ao seu pai. O pó da casa levanta-se do chão e chega até a altura dos olhos azuis dela, dando voltas num círculo quase opaco. A menina já não pode ver o que acontece por causa do falso nevoeiro.

Hoje é o dia do funeral. Vestida de preto, ela está aí. Chora. Quando não chora, tenta aquecer as mãos geladas do seu pai. Às vezes, fala com ele. A gente vem e passa. O tempo também.

A noite não a pode afastar do caixão. Ela está aí. Verdadeiramente aí. O caixão tem na parte esquerda uma estrela. Na direita, a letra A.

Hoje, a menina joga xadrez. Já não tem tabuleiro. Ninguém entende o que é que tinha acontecido com ele. Só a menina sabe que, em realidade, o tabuleiro de xadrez nunca desapareceu.

-Olha, pai! Estou a ganhar! Outra vez estou a ganhar! Xeque-mate.

Ana-Maria Păunescu

Nasci na Roménia a 25 de dezembro de 1990, em Bucareste, num país incrível que ainda tem muitas coisas para oferecer a quem queira conhecer de verdade o que está por detrás das cortinas dum palco chamado mundo. Apaixonada sempre pela literatura (tendo vivido numa família cheia de livros e de artes, como o meu pai é poeta), o amor pelo português surgiu como algo espontâneo, natural. Pouco a pouco, fui conhecendo os mistérios deste povo e da profundidade da sua língua e literatura. Por isso, estudei Línguas e Literaturas Estrangeiras, na Universidade de Bucareste, secção espanhol-português e continuei com um mestrado na mesma Instituição.

A minha atual carreira de jornalista – sou diretora duma publicação de cultura e realidades – e escritora – escrevo poesia – consegue manter-se muito bem vinculada à minha paixão quase secreta: a de escrever em português. Prosas, poemas, microcontos...Palavras em si que, postas numa certa ordem, emocionam. Dizem algo.

Fico contente por estar aqui, convosco, nas páginas deste livro, com o meu Xadrez que nunca procurou os vencedores. Vamos lendo, vamos conhecendo, vamos compreendendo. Isto é viver.

ORIXÁ

Cèlia Batlle – Espanha (2015)

-Vem cá, meu filho, senta do meu lado. Você está ficando estranho de mais. Vejo você meio triste, sem sossego. Por que não conta para esta coitada velha o que é o que acontece com você?

-Nada, vovó, não acontece nada. Só estou cansado. Isso é tudo.

Nada? Com esse tom de voz? Com esses olhos de cordeiro mal morto? À velha não se engana, não! Alguma coisa tem; faz dias que alguma coisa não anda certa. Ela suspira, silenciosa; olha para o neto. Lembra nele os olhos azulados do seu defunto marido. Coitado do seu Federico. Se ele soubesse... Tantas coisas acontecidas, tantos sonhos esquecidos; quanto tem mudado tudo! Ele, que sempre dizia que o trabalho de alfaiate não iria morrer nunca... Se por um acaso ele visse as lojas de roupa de hoje, dava-lhe um treco... Nossa! Teresa, volta já! Senhor... com quanta facilidade a cabeça dela ia embora...

Voltamos, então, para o filhote. O filho do filho de Federico. Do seu Federico. Dos seus Federicos. Seu desventurado esposo quem, morrendo do jeito mais infortunoso (sufocado por uma funesta semente de tangerina), conhecer o filho deles iria não: Por isso que a sogra quis que o bebê por nascer fosse chamado de Federico também. Velha coscuvilhreira, mexerica, roubou seu filho e criou-o ela... Abençoado o dia quando por fim o Divino levou ela embora! Morta a sogra, o Federico Júnior casou. A esposa não era ruim, apenas tola. Tiveram um pequeno. Desta vez, a morte apareceu cedo de mais e, infelizmente, levou embora o casal num acidente de carro. Felizmente, o bebezinho tinha ficado com a avó aquele dia. De novo, ai, a cabeça. Desgraçados os

idosos: quando eles não têm Alzheimer, têm coisa de mais pra lembrar. Dona Teresa estava a perceber que o tempo passava mais devagar nos olhos do neto que tinha criado. Mãe do seu neto mais do que do seu filho, conhecia ele melhor do que ninguém. E sabia como ninguém que seus olhos eram diferentes. Únicos. Da cor do céu num dia de chuva. As pessoas às vezes ficavam até com medo a primeira vez que cruzavam olhares com ele: era por causa da profundidade. Você sabia onde começava o olhar dele, mas não dava para saber no fundo de onde é que iria terminar. Eram dos olhos que parecem sorver as almas. Mas ela conhecia bem aquele olhar. Era antigo e bom; reflexivo. Pausado. Mas agora, não mostravam chuva, senão tormenta.

-Então, me traz por favor um pouco de chá? Obrigada, meu filho. Muito obrigada.

O aroma doce do chá encheu a sala: gengibre, cardamomo, um pouco de leite. Ela gostava sem açúcar. O jovem sabia, porém, que ela pegaria a pequena colher e bateria com ela na xícara ritmicamente. Era o seu ritual de pensar. Se a bisavó dele tinha-se imposto quase como mãe do seu pai, dona Teresa tinha sido para ele muito mais do que uma mãe. Gostava muito dela. Ninguém o compreendia melhor do que a velha. Nem ele mesmo. Desgraçados os jovens: quando eles têm a capacidade toda para conquistar o mundo, falta-lhes o conhecimento.

Sentaram um frente ao outro, tranquilamente. As xícaras nas mãos, aquecendo-as. O fumo perfumado, relaxante. Beberam. E o grande papagaio verde reclamou biscoitos desde a sua gaiola.

-Come, Manolo! E vai dormir, que está na hora! - Dona Teresa, deu-lhe biscoito, colocou um pedaço de roupa velha e escura em cima da gaiola e o papagaio mais espanhol do lugar ficou finalmente calado.

Pegou seu chá de novo, sorveu mais um pouco e sim, sua sabedoria conseguiu agora fitar no alvo do mistério:

ORIXÁ

-Você foi pra o rio, não é verdade, meu filho?

-Sim, senhora, na segunda. Eu fui pescar com meu amigo Zezé. Como é que você sabe?

-Você pescou o quê? - Perguntou a mulher, um pouco alterada, como resposta.

-Nada, três peixinhos só. O Zezé que levou os dois mais pequenos e eu que fiquei com o maior.

Bom... o “maior” que não dava nem para comer...

-De que cor o peixe?

-O quê?

-De que cor o peixe!

-Laranja.

-E o que que você fez com ele? Você comeu? Você soltou?

-Soltei! Era muito pequeno, já falei, não dava para nada, não adiantava...

-Ainda bem...

-Ainda bem o quê?

-O peixe que você pegou não era um peixe.

-Avó...

-O peixe que você pegou era um orixá. Orombo nla. O orixá laranja. O orixá do seu avô.

-Você virou louca! Não fale bobagem...

-Não é coisa nem de loucura nem de bobagem. Não tem peixe laranja no rio. Lembre-se. Ele aparece quando a lua cheia fica mais baixa, como na segunda-feira. Como foi que morreu seu avô? Comendo fruta laranja, com a lua alaranjada, como na segunda-feira. De que cor era o carro onde iam seus pais no dia do acidente? Laranja. E a lua também era cheia, e baixa...

-Coincidências...

-Você acha coincidência, meu filho? Então, vai. Vai e procura aquele

ORIXÁ

peixe de novo. E traz para mim, que eu quero ver ele, se por um acaso consegue o pescar.

-Então... o que você está a dizer? Que o orixá matou meu avô? Morreram meus pais por causa do orixá?

-Para nada. Orixá protege se você cultua. Se você acredita. Infelizmente, foi seu avô quem morreu por ter tentado comer o orixá. Foram seus pais os que não acreditavam. Ainda bem que você soltou o peixe... Se você tivesse tentado comer ele, fique com certeza, meu filho, que uma infausta espinha no seu pescoço seria a nova causa do meu choro. E, acredite, o rio não tem tanta água quanto a que eu já chorei. Sem dizer mais nada, a velha dona Teresa ficou em pé. Movendo as mãos com a graça de uma dançarina ao redor do seu neto, começou a cantar a reza de Orombo nla:

- Gbàdúrà Orombo nla

A Orombo nla ira, uma ira Orombo nla um awo

Orombo nla um awo pelé um ní-Pelé 'MBA ló sí

Awa Ni l'omo awo

Pelé-MBA pelé ani 'si lo

Awa Ni l'omo awo

Os olhos de Federico Terceiro enxergaram os da avó, consternados: abriu-os desmesuradamente enquanto um esplendor alaranjado irradiava desde o interior da preta pupila. A tormenta neles sumiu; a tranquilidade, voltou. O céu dos olhos era azul e cinza de novo, mais agora já sem cansaço, sem mais desassossego.

-O que foi isso que você disse, avó? Porque estou me sentindo assim...diferente?

-Eu só pedi a seu orixá de fazer-nos felizes. Agora cultuamos juntos, meu filho.

Cèlia Batlle

Nasceu na Cidade do México no mesmo ano em que morreu o Elvis. Ficou apaixonada pela língua portuguesa no Brasil, onde fez um curso de Biologia, conservação e manejo da fauna silvestre com o IPÊ. Estudou um pouco na Itália e agora mora na Catalunha, onde se licenciou e trabalha como veterinária e tradutora. Vendedora de óculos, tem sido garçonne, pintora de abelhas, babá... e guarda seus amigos no lado esquerdo do peito. Agora faz tempo que não escreve, mas tem ganhado uns poucos prêmios literários com alguns contos que podem ler no seu blogue <https://bmassaguec.wordpress.com>; que um deles seja publicado nesta coletânea é uma grande honra pelo qual fica muito agradecida.

TEATRO

Daniel Alonso – Espanha (2015)

A figura cruza a porta e se detém no meio do hall de entrada. Observa a parede desgastada e fixa a atenção nas fotografias penduradas nela. Tem a sensação de conhecer todas as pessoas que vivem congeladas em preto e branco atrás dos vidros. Ela, porém, juraria que quando as viu eram mais altas e maiores, mais reais, de carne e osso, com os seus cheiros, as suas texturas e as suas formas e cores.

A todas elas viu-as uma única vez e durante poucos instantes, mas conhece-as melhor que ninguém - pela transcendência do momento da visita, pelo que disseram os familiares ou por como reagiram os de ao redor da vítima quando ela apareceu -.

Conhece muitas pessoas e conhece também os seus nomes; os dos homens e os das mulheres, os dos rapazes e os das raparigas, os dessa parede e os de outras paredes.

Com um sorriso cansado no rosto vira a vista para a sala de jantar. Os primeiros raios de sol iluminam o parquê de madeira clara. Um gato dorme encolhido sobre o sofá e nem se altera quando ela o acaricia. Gosta dessa sensação, no entanto, somente a pode experimentar com os animais; quando as pessoas sentem o seu fôlego tremem, choram ou simplesmente se apagam como velas expostas numa corrente de ar.

Enquanto observa o gato adormecido ouve passos. Alguém entra no banheiro. Ela se aproxima e escuta com atenção. Alguém, atrás da porta, soluça. Chora sem consolo. Abre a torneira e a água afoga o desespero.

É sempre duro ver como os outros sofrem; lá onde ela vai, a gente parece triste.

TEATRO

A pessoa do interior do banheiro abre a porta e sai, ignorando-a, sem sequer parar atenção nela; nas suas pupilas dilatadas, nos seus lábios vermelhos e carnosos, nos seus peitos redondos, na sua pele branca como o leite.

A rapariga preta sim que repara na mulher velha, de nome Maria, de cabelos brancos e bochechas rosadas - outrora teve ter sido lindíssima, com esses olhos tão verdes... - que anda a passo lento corredor abaixo e se perde noutro quarto.

Então, uma melodia que atira a respiração e congela o sangue quebra o silêncio sepulcral e constrangedor que se teve instaurado no apartamento o tempo todo. É uma voz doce e serena manchada de dor. A mulher de escuro caminha avidamente em direção à porta por onde tinha desaparecido a mulher dos olhos de menta, porém quando é a ponto de entrar no cómodo, muda de opinião e desmancha o caminho. Entra na cozinha; agora, o que mais deseja, é beber alguma coisa.

Pega num copo de vidro e serve um chá com limão que encontra, facilmente, na geladeira como quase sempre.

Faz calor e retira o capuz preto como uma noite sem estrelas. De um bolso interior tira e acende um longo charuto. Aspira com força e expulsa a fumaça entre cantos dedicados a velhos marinheiros, a sereias, a poetas que prometem a lua e a conchas que falam de mares virgens.

No quarto, a mulher de cabelos brancos e bochechas rosadas pega a mão dum homem pálido e magro que parece dormir profundamente. Maria continua cantando enquanto as lágrimas deslizam cara abaixo e chocam violentamente sobre o cobertor da cama.

De pé na soleira da porta, a rapariga não pode suportar a ideia de entristecer ainda mais àquela pobre velha - não o merece e não é justo. Já teve sofrido suficiente -.

TEATRO

Ao largo da sua eterna vida, a rapariga preta sempre fez o que, segundo as circunstâncias e segundo à tradição e a história, teve que ser feito. Sem duvidar jamais das suas ações. Sem questionar jamais o porquê das decisões, o porquê dos genocídios, das guerras, da fome, das epidemias ou dos desastres naturais. Hoje, porém, pela primeira vez, desobedecerá - tenho a autoridade e o poder. Sempre o tive - .Aproxima-se da cama olhando fixamente a mulher. Ela não a vê, segue com a mirada cegada de impotência e desespero posta no seu esposo, mais morto que vivo. Com o capuz novamente sobre a cabeça, a rapariga alça os braços e apalpa, ao mesmo tempo, a testa do homem e a testa da mulher e, de repente, o som se extingue e já ninguém canta; os marinheiros já não buscam sereias, os poetas têm aceitado que a lua é inalcançável e as conchas perderam, definitivamente, o rumo.

Os dois corpos desfalecem. Ela em cima dele. As mãos entrelaçadas. Juntos. Para sempre. A jovem preta volta à sala de jantar, acaricia o gato, pega nele, - a morte é triste, não vou permitir que ela te leve, pequeno - e desaparece pela porta da entrada. O gato ronrona e a cortina se fecha.

O público aplaude uns segundos e vai embora, satisfeito com o ato final, esperando a seguinte peça deste teatro que é a vida e também a morte.

Daniel Alonso

Nasci a 26 de fevereiro de 1991. Vivi dois anos na Alemanha e licencieme em Tradução e Interpretação na Universidade Autónoma de Barcelona. As minhas línguas de especialização são o alemão e o português e, embora ainda não tenha tido a oportunidade de trabalhar como tradutor, eu não vou jogar a toalha.

IMPERDOÁVEL

Debora Miroslaw – Polónia (2015)

-... Não se preocupe. Vai ficar tudo bem.

Silêncio. A enfermeira desapareceu. Ficou sozinho. Outra vez sozinho. Ouve só o silêncio. Todos dormem. E ele não. Nada de novo.

-Tudo bem?

Silêncio. Até pode ouvir o bater do seu coração.

-Perguntei-te se estava tudo bem?

Abriu os olhos. Sim, estava sozinho. Teve de imaginar algo. Ou os medicamentos começaram a funcionar. Agora deveria tentar adormecer. Talvez desta vez, por fim, para sempre.

-TUDO BEM???

Abriu os olhos. Os olhos, agora grandes e em alerta. Olhou à volta. Não estava ninguém. Irritou-se. Maldita enfermeira. Por que não lhe deu alguns medicamentos que não provocassem este tipo de efeitos secundários? Mas calma. Agora deveria tentar adormecer. Talvez desta vez, por fim, para sempre. E quando ouvir esta insuportável pergunta, há que desatendê-la. Tranquilidade, é disto que ele precisa mais.

- Fiz-te uma pergunta. As pessoas bem-educadas respondem às perguntas. Queres?

-Não, não quero! – pensou.

-Porquê?

- Porque sou uma pessoa mal-educada, que ademais não fala com as criaturas imaginadas.

- Mas, tudo bem?

- Para de perguntar-me!

IMPERDOÁVEL

- Porquê?

- Porque detesto esta pergunta.

- Porquê?

- Porque para esta pergunta há só uma resposta: sim. E porque todos fazem sempre esta pergunta.

- Quem são todos?

- Todos.

- E tu quem és?

- Tu és quem começou a falar comigo, e não o sabes?

- Sei, mas quero conhecer a tua resposta.

- Sou humorista.

- Que bom! Conta-me uma piada!

- Não.

Silêncio.

Os delírios! Só isso lhe faltava. Como se a sua vida não fosse o suficiente complicada. Não lhe apetece falar nem com os vivos, e agora tem de falar com... este, quem quer que seja.

É humorista? Não é. Era, mas não é. Quando deixou de ser? Não sabe. Teve de tudo. A fama, o dinheiro, a mulher, o futuro. Não tem nada. Quando perdeu tudo isso? Tampouco sabe. Ou sabe, mas não quer reconhecê-lo.

Está deitado na cama e pensa. Há tempo que já não quer nada, que desistiu de lutar, que nem quer viver. Mas neste momento não quer dispensar a razão. E não quer dormir. A verdade é que está curioso. De quem era esta voz? Porque não fala com ele como todos os demais? Começou a lutar. Lutar contra si mesmo. Considerava-se uma pessoa inteligente, razoável, que nunca teria dúvidas de tipo: falar ou não com alguém que não existe. Como que não existe se falou com ele?

- Olá. Continuas aqui? – pensou.

IMPERDOÁVEL

- Sim. Sempre.
- Sempre?
- Sim. Sempre.
- Humm. Não importa. Gostaria de perguntar-te uma coisa?
- O quê?
- Quem és?
- E tu?
- Já te respondi. Sou humorista.
- Humorista que não quer contar piadas?
- Tens razão. Era humorista.
- E porque já não és?
- Porque deixei de sê-lo.
- Porquê?
- E porque tu não respondes às minhas perguntas e só fazes as tuas?
- Porque és tu quem precisa de falar.

Ele precisa de falar? Isto é ilógico. Ele foge das conversas. Relembrou-se dos tempos quando precisava de falar. Era famoso. Ganhava muito dinheiro falando. As pessoas queriam ouvi-lo. Ninguém sabia fazer a gente rir como ele. Falava muito. Mesmo de mais. Sim, então quando contou uma falsa história sobre o seu amigo. Ex-amigo. O Jorge sempre foi menos inteligente do que ele. Podia ser seu amigo em privado, mas uma pessoa famosa com um amigo assim? Isto não combinava. As pessoas gostaram muito da história. E o Jorge passou a ser para todo o povo um símbolo de parvidade.

- Não acho que preciso de falar. Perdi muito falando. Tive de deixar o trabalho, não pude suportar os remorsos que sentia.
- Eu sei.
- Como é que sabes?
- Sei.

IMPERDOÁVEL

- E sabes que é muito difícil falar contigo?

- Sim, porque sou inteligente, como tu.

Sorriu. Há tanto tempo que não sorria. Está bem, sorria, mas não de verdade. Todos sabem o que significa não sorrir de verdade, não é? E agora sim. Sorriram os seus lábios, mas sorriu também o seu coração. Relembrou-se dos tempos quando sorria o tempo todo. Merda! Não é tão velho para passar o tempo lembrando! Mas não pôde parar. Foi quando a conheceu. Eram tão felizes. Pensava que nada ia destruir o seu amor. Estava errado.

- Porque deixaste de sorrir?

- Porque estou triste.

- E porque estás triste?

- E tu porque não estás?

- Porque não.

- Porque não, não é resposta.

- Assim dizem os adultos.

- E tu não és adulto?

- Pois claro que não!

- E quem és?

- Sou filho.

- Queres dizer: criança.

- Eu sei o que quero dizer. Sou filho.

- E quantos anos tens?

- Quatro, não sabes contar?

O seu coração acelerou. Acelerou? Batia como louco! Quatro anos. Há quatro anos não queria ser pai. Ela tampouco queria ser mãe. Tinham outros planos. Decidiram desfazer-se do problema. Foi então que tudo começou a destruir-se. Sobretudo entre eles. Deixaram de falar. Ela voltou para casa dos seus pais. Agora nem sequer sabe onde está.

IMPERDOÁVEL

- Pai? Sabes o que é imperdoável?

- O quê?

- Não perdoar.

Silêncio.

De repente sentiu uma dor penetrante. Mais forte do que alguma vez sentiu.

- Senhor Santos? Senhor Santos? Ouve-me? Senhor Santos? Assim, muito bem. Está no hospital de Santa Maria em Lisboa. Sofreu um acidente, foi atropelado por um carro. Passou três dias em coma. Não se preocupe, o seu estado já está estável. A sua mulher está aqui. Mas agora deve descansar. Está bem?

- Está bem. Muito bem. Tudo bem.

Debora Mirosław

Nascida em Puławy, tem mestrado em Filologia Ibérica, atualmente vive em Cracóvia e trabalha como organizadora de viagens pela Polónia e Europa Central para turistas de fala espanhola e portuguesa. Apaixonada pelo futebol e desporto em geral, viagens e séries de investigação criminal e históricas.

ECCE HOMEM-ARANHA!

Joanna Dudek – Polónia (2015)

Acordei hoje num corpo de aranha. Sempre gostei de aranhas, por isso, se alguém achar que fiquei assustada ou surpreendida com este facto extraordinário, melhor que beba mais whisky (já que pelo menos no meu caso, esta famosa aguardente escocesa ajuda-me a perceber a estrutura do mundo). Assim, nestas circunstâncias e com os olhos inconscientes e ainda cheios de remelas da noite anterior, tentei inquirir o meu corpo recém-adquirido. Senhores e senhoras, revolução inegável! Com espanto descobri que agora possuía três pares de patas pretas, isto é... (se não me enganar) seis pedaços de pernocas peludas, à primeira vista bastante saudáveis e flexíveis. Usando-as caoticamente, comecei um tipo de viagem super maluca pela superfície do meu cefalotórax (já não tinha nem cabeça, nem tronco). Imediatamente percebi que cada perna tinha capacidade de se mover separadamente, isoladamente, inconscientemente... e espaçadamente entrava na sua, mais ou menos, bem delimitada área de movimento. Senhores e senhoras! Que coordenação impecável! Que espetacular técnica de isolamento! *Popping e locking* no top dos top's! Fiquei absolutamente extasiada com esta descoberta e, sem pensar muito nisso, entrei num transe de sapateado aracnídeo! Se agora eu participasse no programa *The Voice of Portugal* (pois, Achas que sabes dançar? já não me importa, já sei que tu sabes que todos sabem que eu sei dançar!), e a minha voz tivesse as mesmas capacidades que as minhas pernas, seguramente todas as cadeiras se teriam virado (mesmo aquela do Mikael Carreira).

O público ficaria completamente louco e todo o júri começaria a grande luta por minha pessoa peluda. Mariza tentaria convencer-me com as suas lágrimas de emoção, Mikael ficaria com a cara do não-tenho-nada-pa-dizer (ainda melhor!) e Anselmo, o grande kizombeiro, diria: *é pá! Homem-aranha, és mesmo brutal! Tens muito power na tua voice. Fica na minha equipa.*

Infelizmente, as aranhas, tanto como as crianças, devem ser vistas, mas não ouvidas, por isso absolutamente desiludida, nem ousei tentar produzir algum barulho através do meu novo aparelho bucal. Lembrei-me logo das antigas aulas da biologia (com o velho professor que em vez de nos ensinar, aspirava o chão da sala e falava com as suas plantas) e dos poucos conhecimentos que consegui atingir naqueles tempos de miúda, conclui rapidamente que qualquer tentativa de reprodução acústica é absolutamente impossível. Dei-me conta de que agora nem tenho pulmões, nem cordas vocais, nem até diafragma. Ai Jesus! Maldito diafragma que apenas faz como que os coitadinhos vocalistas, estes digamos pouco talentosos, preferem fazer um hara-quíri do que acreditar nas palavras dos seus tutores, que repetem sem parar: usa o teu diafragma! Canta pelo diafragma e um dia conseguirás atingir o nível dos vocalistas mais populares do país (isto é, Quim Barreiros...?) Maldito, maldito esse diafragma, maldita música de Quim Barreiros e maldita esperança, pois como dizem os provérbios eloquentes e sofisticados: *Esperança não enche pança* (nem enche diafragma) *por isso quem se contenta com esperança, morre de fome.* Pronto. Para sobreviver neste mundo hipócrita não chega atirar o rádio fora da janela quando toca a música pimba. As aranhas, ou melhor dizer homens-aranhas, precisam também de comer. E embora eu nem tivesse voz, nem esperanças, movi meticulosamente as minhas patas ao ritmo das palavras:

ECCE HOMEM-ARANHA!

P	A	R	A
Ardente	Ardente	Ardente	Ardente
Revolução	Revolução	Revolução	Revolução
Aracnídea	Aracnídea	Aracnídea	Aracnídea
Nunca	Nunca	Nunca	Nunca
Haverá	Haverá	Haverá	Haverá
Agonia	Agonia	Agonia	Agonia

Essa grande revolta, esse grande movimento, movimento furioso das patas a sapatear, faz-me pensar em voz baixa, ou seja, apenas nos pensamentos. Pensamentos, pensamento, pensar, penso. *Eu penso, logo existo*: diz uma vez, homem não aranha. De acordo, Estimado Senhor Filósofo, de acordo consigo! Pois, existir, existo. Pelo menos já consegui sentir-me neste espaço como um objeto físico. Graças ao palpar um bocadinho o meu novo corpo, cheguei à conclusão unânime (isso é com todas as minhas patas, que continuavam a exercer o seu sapateado maluco) que seja o que for, eu encarno um tipo de matéria construída de vários átomos e moléculas. Assim ninguém tem direito de negar a minha existência, (especialmente neste mundo hipócrita, cheio da música de Quim Barreiros) mesmo que essa existência fosse trágica, caótica, sem acústica ou com lógica ilógica...

No entanto, voltando ao tema de pensamentos, será que eu - homem meio homem meio aranha, penso pensamentos? Digam-me lá, rapidamente, os meus ouvintes com vozeirões como um rouxinol e com cérebros de macacos: será que uma aranha é capaz de pensar? Será que é capaz de pensar pensamentos pensativos? Infelizmente, a este assunto as memoráveis aulas da biologia já não chegam (apesar disso, ó meu grande professor de plantas! Mando beijinhos!) Para resolver este assunto pouco pensado, precisamos por isso entrar impetuosamente, e

com todas as seis pernas peludas, na grande área da filosofia! Senhores e senhoras, ser ou não ser aranha pensadora, eis a questão violadora! Agora, quanto mais penso nisso (será que realmente estou a pensar?), quanto mais penso nisso...torno-me um verdadeiro homem-pensador-aranha. Torno-me um filósofo de todos os tempos e contratempos. Reflito acerca de toda nossa humanidade, da possibilidade de ser homem no corpo de uma aranha, da selvagem animalidade das pessoas, da inexistente guerra dos homens contra aranhas, de *Spiderman*, de *Batman* também e da *Escrava Isaura* (...e isso?). Desta maneira, sou capaz de me aproximar do assunto mesmo filosófico. Até alcanço um tema bem controverso e revolucionário, chamado de antropofagia, e com todos os meus irmãos brasileiros, no papel dos artistas pseudo-modernistas, grito (grito apenas nos pensamentos, porque a voz é um elemento que seguramente não tenho): *Tupy or not tupy, that is the question* da nossa campanha, eis a questão do homem aranha!

Sinto muita pena, mas tudo isso de revolução, das manifestações e de gritos em voz alta, nunca foi o meu lado forte. Por causa de me preocupar com os temas tão sérios, (e por causa de gritar tanto nos pensamentos) a minha cabeça começou a doer (será que a dor de cabeça já confirma a capacidade de pensar?). Por isso, para não a esforçar demasiado, decidi concentrar-me outra vez no meu novo corpo e continuar a viagem por esta superfície peluda. D

e

s

c

i, portanto, ao nível da barriga, ou seja, ao lugar onde antes costumava ter um elemento corporal bem reconhecido como barriga-pança-estômago-berço do diafragma (maldito, maldito esse diafragma...). Depois de um momen-

to de palpitar apaixonadamente o novo território com todas a minha patas, encontrei apenas um abdómen animal. Isso mesmo, senhores e senhoras, um verdadeiro abdómen de aranha. Já não tinha nada da minha barriguinha bem esculpida e bronzeada (que fiquem em paz todas as horas passadas a exercitar com Mel B para conseguir o meu *six pack* dos sonhos...) Absolutamente desmotivada e cheia de resignação

u

b

i então de novo ao nível do meu cefalotórax recém-atingido. Nesta área podia pelo menos pensar. Pensar em paz e ao silêncio da minha voz que, por não existir, não tinha nem muito power nem estava em risco de poder ser criticada por Mikael Carreira. Neste silêncio quase sacro, ao ritmo do sapateado maluco das minhas patas ávidas, simplesmente podia pensar. Pensar e cantar silenciosamente: para **Ardente Revolução Aracnídea Nunca Haverá Agonia** e que bom, que mesmo bom é neste dia, só ao homem aranha, só a si próprio fazer companhia.

Joanna Dudek

Nasci no sul da Polónia, entre as montanhas, mas foi na cidade de Lublin que me apaixonei pela língua portuguesa. Em 2016 recebi o diploma de mestrado em Filologia Românica da UMCS. Atualmente trabalho como professora e bailarina: dou aulas de idiomas e sou instrutora de vários grupos de dança. Gosto muito de trabalhar com crianças. No quotidiano tento dividir o meu tempo entre o movimento e o mundo das letras.

CAROLINA

Krzysztof Jaworski¹ – Polónia (2015)

É impressionante, na verdade impressionante que grande impacto pode provocar na vida humana uma simples palavra, por mais insignificante que seja; que imensa alteração da realidade, um giro de cento e oitenta graus, uma vida nova, transfigurada, renascida como uma fénix que levanta o voo das cinzas.

“Carolina”, apenas seis letras nesta ordem, uma palavra, um nome, que uma vez visto me colocou tudo de cabeça pra baixo. Quem é Carolina? Melhor perguntar quem era... A sua recordação continua viva na minha memória, embora tenha passado tanto tempo. A minha irmãzinha, pequeno encanto, alegria da casa. Meus pais... Nunca os vi tão felizes, como no dia do seu nascimento. Era o tesouro, principalmente para a minha mãe, que colocou nela toda a sua atenção. Batizaram-na com o nome Carolina, o desejo da minha mãe. Meu pai não encontrou nenhum inconveniente. Pequena muito rapidamente compreendeu, que “Carolina” era o seu nome próprio, algo que pertencia só a ela. Sorria alegremente cada vez mais, quando este era pronunciado.

O nome “Carolina” tem um forte vínculo também com uma outra coisa: um broche que apresentava a *Papilio Machaon*, um tipo da borboleta bem conhecido na Europa e nos Estados Unidos. O adorno sem grande valor, feito de um pedacinho de cobre e tecido de cor preta

1 - Mesmo solicitado atempadamente o autor não nos enviou a sua nota biográfica.

e laranja, notável pela palavra esculpida sobre a superfície do abdômen do animal, um nome: “Carolina”. Minha mãe achou-o numa loja qualquer de um bazar que hoje não existe mais, pouco tempo depois do batismo da minha irmã. De imediato decidiu comprá-lo sem importar-se com o seu preço, por mais elevado que fosse.

-Uma borboleta com o mesmo nome da minha filha? Isso não pode ser! – gritava eufórica – Não é uma mera casualidade... Esta borboleta era feita só para a minha pequena!

Partindo daquele momento o pequeno ornamento era sempre preso numa parte da roupa de Carolina. Ela, no início, chupava as suas asas coloridas e babava sobre o metal. Com o passar do tempo, chegou a uma conclusão de que era inútil colocar na boca uma coisa indigestível... Assim, aparentemente, eram duas: uma menina e uma joia, relacionadas consigo mesmo apenas com o nome; na verdade porém, eram uma só, em perfeita simbiose, sempre juntas, inseparáveis.

O meu conto, deixando por enquanto a Carolina de lado, devo começar num bar situado na vizinhança de Copacabana no Rio de Janeiro. Temos por volta da meia-noite, o sol, há muito tempo, escondeu-se atrás do Pão de Açúcar permitindo a lua brilhar. Nas águas negras da baía um número infinito das estrelas se está projetando, gerando uma imagem de segundo céu estendido pela terra. A praia está quase toda vazia, só um grupo de rapazes está jogando vôlei com uma bola de praia, rindo energicamente, aproveitando a sua juventude.

É, assim me parece, já a terceira jarra da cerveja que bebo na companhia de dois colegas meus de trabalho. Na rádio uma canção do Humberto e Ronaldo, um bom sertanejo brasileiro que corresponde perfeitamente com a situação presente: “Eu já fiz uma promessa e Deus vai me ajudar, eu só vou beber mais hoje, amanhã vou parar. Eu vou parar, eu vou parar, eu vou parar...” Sim, é claro que vou!

Meus colegas falando entre si sobre... bom, na verdade ignoro o tema da sua conversa, mas posso apostar as minhas cuecas mais preferidas, que o tema não é muito envolvente. Eu, já que não tenho nada melhor pra fazer, me afundo nos meus próprios pensamentos, ideias, recordações... Que os homens pensam, quando contemplam uma praia como esta? Que sentem? Uns veem seguramente a beleza indescritível, uma força criativa que ultrapassa toda a imaginação humana, outros, como estes jovens do vôlei, veem a brincadeira, diversão, festa; encontrarei também aqueles, que adoram nadar, tomar sol, construir castelos de areia, outros ainda perambulam pelas praias admirando outro aspecto da sua beleza: numerosos corpos femininos expostos à vista, apenas com os biquínis.

E eu? Que vejo eu em frente da famosa Copacabana, a rainha das praias? Vejo a minha mãe chorando, a minha tia que corre e grita, as pessoas em pânico... Que sinto? Talvez medo ou tristeza, frio, raiva, uma dor que difícil explicar...

Quando tinha doze anos de idade, minha tia conseguiu uma estadia de duas semanas num hotel de luxo, situado a cinquenta quilômetros da cidade onde morávamos, em Porto Alegre, a capital da região. Podia levar consigo uma outra pessoa adulta e mais cinco crianças, e porque seu marido, tanto como o meu pai, trabalhavam o dia inteiro e não podiam conseguir uns dias livres só para divertir-se, minha tia decidiu viajar juntamente com minha mãe. Com elas duas foram eu, minha irmã, Carolina, com três anos por enquanto, e mais três filhos da minha tia, uma mocinha de sete, outra de quatro e meio e um bebê de mais ou menos cinco meses.

O hotel era situado perto da praia, igualmente como o bar onde agora estou bebendo. Bastavam uns tantos passos para colocar os pés na água e sentir a areia molhada meter-se entre os dedos. Primeiros três dias

foram muito divertidos: nós visitamos a cidade, comemos batatas fritas e, pela sobremesa, deliciosos sorvetes; e passamos um tempão na praia!

No quarto dia porém tudo mudou de improviso. Entramos na praia, como fizemos em tantas outras ocasiões. Eu, como o maior entre os filhos, ajudava a minha mãe e a minha tia a levar todas as coisas do hotel até à praia. As meninas mais jovens foram brincar. A praia, como de costume, cheia de gente. Eu, carregando o guarda-sol numa mão e com a outra puxando o carrinho com o bebê da tia dentro, duas vezes esbarrei em outras pessoas sussurrando um leve “desculpa”. Minha mãe conversando com a tia, pondo todas as coisas em ordem, quando de repente...

-Cadê Carolina? Não a vejo com tuas filhas...

-Virei e percebi que era a verdade. Duas meninas da minha tia estavam cavando um buraco na areia da praia, metendo nele seus pés. Duas, somente duas...

-Meninas! – gritou em sua direção a tia – Cadê Carolina?

Não sei! – respondeu uma, a mais jovem, porque outra estava tão ocupada a meter e retirar seu pezinho do buraco, que nem se deu conta, de que a sua mãe lhe perguntava por alguma coisa.

Duas mulheres aproximaram-se delas, interrogando com maior veemência, e quando ficou claro, que nenhuma sabe onde está Carolina, a situação começou a tornar-se tensa...Minha mãe virava a cabeça em todas direções tentando identificar algum rosto familiar, mas em uma multidão como aquela todos pareciam estranhos. Num momento começou a gritar sem conseguir nenhuma resposta, e cada “Carolina!” seguinte parecia mais alta e desesperada do que o anterior.

-Minha filha! Carolina! Alguém viu a minha filha?! – A minha tia começou a chamá-la também, mas o único efeito que as duas mulheres

conseguiram com seus gritos era criar uma confusão total na praia. Cada família que se encontrava por perto começou a buscar os frutos das suas próprias entranhas; ao grito de “Carolina!” juntaram-se outros como “Francesca! Ana Cristina! Pedro! João!...”.

Eu me limitei só a observar e juro por Deus e por todos os seus santos, nunca antes estive tão angustiado como naquela preciso instante. Não sabia que fazer. Na verdade não sabia...

Vi a minha mãe que caiu de joelhos, chorando, gritando, pedindo ajuda, xingando como uma louca; a minha tia correndo e continuando a busca inutilmente, segurando com a mão direita uma das suas filhas e com a esquerda, a outra, dando olhadas contínuas em direção do carrinho, onde se escondia o seu bebê; os demais correndo e gritando ao meu redor. Só o mar murmurava tranquilamente, onda atrás de onda, impassível, imperturbável.

Este foi o dia em que desapareceu Carolina para não voltar connosco jamais.

Pela noite chegou no hotel meu pai e tio. Não sei repetir as suas conversações, não quis nem escutá-las. Vi a minha irmã, uma imagem vaga, cabelos loiros, olhos como duas peças de esmeralda, seu sorriso inocente, blusa mal-arrumada com o broche de borboleta preso nela, o Popilio Machaon, seu companheiro mais fiel. Suas mãozinhas estendidas em gesto de querer um abraço, seus pés inseguros no chão, Minha Nossa... Recordo-a perfeitamente até agora...

Depois deste acontecimento minha família nunca mais voltou a ser como antes; minha mãe não se recuperou daquilo. Passaram com o pai horas na delegacia. Policiais asseguravam ardentemente que fariam tudo o possível por achar a pequena perdida. Mentiam, simplesmente mentiam... Passaram três longas semanas. Minha mãe, tiveram que interná-la em um manicômio, e quando saiu, era obrigada a tomar os

remédios fortes, que a deixavam tonta e sonolenta. Às vezes, quando acordava pela noite pra fazer pi-pi, sentia até o meu pai chorando na escuridão do seu quarto...

E jurava na minha ira, que nunca mais me aproximarei de uma praia, fonte de todo o sofrimento. Mas hoje, depois de tantos anos, estou aqui, vendo este lugar maldito, bebendo já a quarta ou quinta cerveja para não pensar mais, para não recordar...

A minha empresa enviou-nos aqui, para fazer um treinamento obrigatório, era inútil toda a tentativa de negar-se. Após uma semana de ensino intensivo decidimos beber alguma coisa.

-Os melhores bares do Rio encontram-se perto de Copacabana – anunciou um dos meus colegas. Outro concordou e eu... Eu fui com eles. Nem me dei conta, quando uma lágrima passou pela minha bochecha caindo dentro do recipiente com álcool. Isso devia perceber um dos meus companheiros que indagou-me algo chocado.

-Ai! Bicho! O que se passa? Disse alguma coisa que não deveria? Na minha opinião são putas! Na verdade! Veja você mesmo...

Olhei na direção que ele apontava com o dedo. Na esquina duma rua estavam em pé quatro garotas. Os vestidos curtos e muito chamativos, todas sorrindo e provocando cada homem que passava por perto.

-Sabem? – começou o outro – esta semana era bem puxada para todos, e eu tenho a vontade de relaxar-me um bocadinho...

Terminei a minha bebida e depois, não sei quando nem como, achei-me andando juntamente com os outros dois ali, onde nos estavam esperando as prostitutas. Um dos meus colegas começou a falar, pouco tempo depois tirou uma das quatro pela mão e beijou-a com afeto empurrando ao mesmo tempo uma outra nos braços do seu companheiro. Eu, então, devia escolher entre as duas restantes: a primeira alta, com o cabelo loiro encaracolado e pernas deliciosas; a segunda mais baixa,

com olhos verdes e cabelo pintado de vermelho agressivo. Sua saia cobria-lhe apenas a bundinha bem-formada mas eu, de todos os seus valores corporais, apreciei mais o seu sorriso: delicado, suave, belo. Assim, inclinei-me por ela.

A ruiva conduziu-me com o passo firme (completamente diverso do meu naquele momento) a um quarto bastante pequeno. Ali havia poucos móveis: um armário velho e estragado por cupins, uma cômoda pintada de branco e, acima dela, um espelho grande, a cama era talvez a única coisa que não parecia suja naquele quarto. A luz era escassa, sufocada por um trapo amarelo jogado sobre a lâmpada.

A cerveja deixou em confusão todos os meus sentidos, contava somente o desejo da procriação animal. “Hoje o Cristo do Corcovado será obrigado a assistir a natureza pecaminosa de um homem bêbado...” – pensei. A garota empurrou-me na direção do leito e eu caí obediente num mar de lençóis azuis-claros, como uma folha que cai de uma árvore, arrancada pelo vento mais forte. Depois, estando em pé sobre a cama, a menina despiu primeiro a sua jaqueta de couro, depois a blusa de manga longa e, por fim, o sutiã. Que belo peito escondia esta peça! Logo, com um movimento muito sexy, atirou no chão também a saia e entrou comigo na cama. Começaram as carícias, os beijos e mordiscos com sussurros no ouvido. E num momento, experimentei uma sensação estranha, um sentimento inexplicável por aquela guria. Olhei-a atentamente, seus olhos, cabelos, peito... Ela me sorriu em resposta e que maravilhoso sorriso era este...

Não podia, não assim. Não queria usá-la, aproveitá-la, deixar nela o meu sêmen, pagar por o prazer e sair, como se fosse visitar um barbeiro ou um outro negócio qualquer... Perdi toda a vontade de fazer sexo. Ela pareceu perceber minha hesitação, porque aproximou-se e recomeçou as carícias.

–Não tema filho – tentou encorajar-me – sua mãe tá aqui...

–“Mãe”?? Que tu sabe da minha mãe, porra?! – afastei-me dela como se fosse queimado por suas palavras.

Ela, um pouco confusa, um pouco irritada, sentou-se na cama e respirou profundo.

–Quer fazer sexo ou não? Porque se não, saia daqui, mas de todos modos vai pagar...

Levantei-me da cama bem zangado. Arrumei minha camisa o melhor como podia, tirei do bolso cinquenta reais e joguei-os na cama. Olhei-a mais uma vez, sem saber por que, talvez buscando o seu sorriso... A tentativa resultou inútil, sua cara não mostrava nada mais que desprezo. Quando fui até a porta, ela estava recolhendo o seu dinheiro da cama. Depois abriu uma das gavetas da cômoda e depositou o dinheiro dentro dela. No interior da gaveta vi outras notas de vinte, cinquenta ou cem reais, como também algumas coisas de maior ou menor valor. “Se esta prostituindo há muito tempo” – concluí.

Já quase fechei a porta do outro lado da câmara quando subitamente alguma coisa bateu na minha consciência com tanta força, que deixei escapar um leve grito de espanto. Em um segundo todas as emoções passaram por mim como a corrente elétrica. “Que era isso?” – perguntei-me – “Não, não, é impossível...”

Entrei de novo no quarto da prostituta. Ela levantou os olhos desorientada.

–Mas... Que coisa? Você pode decidir de uma vez, pô?!

Eu nem liguei com aquilo que me estava falando. Aproximei-me a cômoda e abri de um forte puxão aquela maldita gaveta.

–Não! – Gritou ela – Estas coisas são minhas! Chamo a polícia!

Aproximou-se e afundou as unhas no meu braço tentando derrubar-me, defendendo o seu tesouro. Eu mal senti dor alguma. Com a outra mão

CAROLINA

retirei da gaveta um objeto pequeno para examina-lo com maior atenção. Quando ela viu do que se tratava, acalmou-se, ficou em silêncio e relaxou o aperto das suas garras. Ficamos assim um bom tempo sem apenas falar, só olhando. Num momento ela sussurrou:

-Por favor, não o leve... É a única coisa que me sobrou... Não tenho nada mais...

E eu continuava olhando, e os meus olhos banharam-se com as lágrimas quentes e salgadas. Segurava na mão um broche, uma imitação de borboleta: o Papilio Machaon laranja e preto com uma palavra esculpida nele, um nome: "Carolina".

O SONHADOR

Naveen Kumar Jha – Índia (2015)

Dentro da grande favela de Dharavi, em Mumbai que é a maior favela da Ásia vive um rapaz chamado Raja Jhadav. Raja tem 19 anos, e é o filho mais velho de uma família de Dalits. Os Dalits são considerados a casta mais baixa da Índia segundo a cultura védica. Sua mãe Ankita Jhadav trabalha como faxineira, limpando as ruas de Mumbai, enquanto o seu pai Suresh Jhadav é considerado pelos seus clientes um exímio sapateiro. Devido à condição financeira de sua família, Raja trabalha como varredor, removendo excrementos tanto de animais quanto de humanos das ruas. Ele precisa ajudar os seus pais financeiramente. Já que os seus dois irmãos Ravi e Kabir ainda estão no ensino fundamental e são muito novos para o trabalho. Raja é um menino inteligente e sonhador. O seu grande sonho é poder entrar no Indian Institute of Technology Mumbai. Uma Faculdade de Engenharia prestigiosa da Índia. Para os seus pais isso seria algo improvável de acontecer, pois, para os hindus cada pessoa já nasce com o seu dharma (caminho, destino) traçado, por isso se o Raja é filho de dalits, seu destino será o mesmo que o de seus pais pelo resto da vida. Mas o Raja pensa diferente, ele sabe que a sociedade indiana está a mudar e que um filho de dalit, pode ocupar o mesmo cargo que um filho de Brahmana (considerada a casta mais alta segundo a cultura védica).

Raja acorda todos os dias por volta das cinco horas da manhã e começa a trabalhar às seis. Às cinco horas da tarde, ele retorna para sua casa. Ao entardecer ele estuda por conta própria com livros que ele usou

O SONHADOR

durante o Ensino Médio e outros que ele encontrou jogados na rua. Raja tem estudado arduamente durante quinze meses, e recentemente se inscreveu para o vestibular do Indian Institute of Technology Mumbai que será daqui a quatro semanas. Para candidatar-se no vestibular ele precisava quatrocentas rupias e ele pede ao seu pai:

-Pai, me podes emprestar quatrocentas rupias para eu me candidatar no vestibular da faculdade de engenharia? Quando eu conseguir mais dinheiro do trabalho eu lhe devolverei.

-Tu sabes que ainda o mês não acabou e temos que comprar comida para a casa. E para que tu queres entrar na faculdade, nosso destino é trabalhar na rua, e limpar os restos das castas altas, não entendes?

-Mas pai, eu não gosto de trabalhar na rua, eu quero ser um homem grande e quero ganhar muito dinheiro, assim eu terei a minha dignidade e respeito na vida.

-Oh! Meu filho, isso era o meu sonho também, ganhar muito dinheiro e ter o respeito na sociedade, mas depois eu percebi que era só uma ilusão minha.

-Mas, dessa vez a historia não se vai repetir eu vou mudar isso. Raja vai embora chateado com seu pai.

O sonho de Raja de ser engenheiro aumenta cada vez mais, principalmente quando ele passa em frente a famosas construções de Mumbai como, o Gateway of India. Raja não está sozinho, ele tem o apoio do seu melhor amigo e vizinho Komal. Assim como Raja, Komal é de uma família de casta baixa e trabalha na rua. Mas acredita muito no potencial e no esforço de Raja. Ele pede auxílio financeiro ao seu amigo Komal. Komal também não tem muito dinheiro para emprestar-lhe. Então ele lhe dá uma sugestão:

-Raja, por que tu não trabalhas comigo no hotel que eu trabalho?

-Mas eu posso trabalhar lá de noite? Por que de tarde tenho que

O SONHADOR

trabalhar na rua.

-Sim, acho que não vai ter problema. Eu vou falar com o meu chefe hoje, e te aviso.

Depois de ter essa breve conversa entre eles, Komal no dia seguinte lhe dá à notícia que Raja conseguiu o emprego como o faxineiro da cozinha.

Raja assim trabalhava de tarde na rua e de noite no hotel para guardar o dinheiro para fazer o vestibular. Ele não conseguia estudar muito, aproveitava seu tempo de pausa para estudar.

Um dia quando Raja estava a trabalhar na cozinha, seu chefe chegou e lhe perguntou o seu nome completo para criar o cheque de pagamento dele. Ele disse o nome completo,

e aí ele percebe que ele é da casta baixa e o amigo dele o enganou ao não contar a casta dele. O chefe ficou furioso ao saber que ele era de casta baixa, que dentro de cozinha do hotel as pessoas das castas baixas não podem trabalhar, o lugar de trabalho dos dalits é no banheiro.

-Tu és dalit, como tu tens coragem de vir cá?

-Meu amigo Komal me ajudou para trabalhar aqui, eu não sabia que o senhor também tem preconceito com os dalits.

-Seja o que for, eu não vou te pagar por teus serviços. Eu fui enganado.

-Mas eu fiz o meu trabalho com todo o meu esforço e lealdade. E o dinheiro é para a inscrição do vestibular.

-Bom, então eu só pagarei o valor da inscrição. E nunca volte aqui. Quanto é?

-Quatrocentas rupias.

Raja pega o cheque e sai de lá frustrado e daquela noite em diante ele não conseguia dormir pensando sobre o futuro e sobre a sociedade em que ele vive.

Ainda faltam alguns dias para o vestibular na Faculdade de Engenharia tão sonhada por Raja. Ele sabe que os tabus estão sendo

quebrados e que poderá passar por discriminação e humilhação por ser um dalit durante todo o curso de engenharia. Pode parecer duro, mas ele já está acostumado, ele passa por isso desde a sua infância, pois por ser um dalit é considerado por muitos “impuro”. Olhares preconceituosos e insultos, só o fazem querer lutar pelo que quer cada vez mais. Porque, não existe vitória e conquistas sem luta.

Se Raja já tem seu dharma traçado como o de seus ancestrais ou não, isso jamais irá mudar o fato dele ser um sonhador e acreditar que a sociedade um dia passe a ser mais humana e tolerável com aqueles considerados “impuros”.

Naveen Kumar Jha

Fiz mestrado em estudos portugueses na Universidade de Goa e depois eu fiz um segundo mestrado no Brasil pelo CEFET-MG. O que me levou estudar português foi a minha paixão pela literatura e cultura. Eu sempre quis ler sobre diferentes culturas e literatura. E como Goa foi colonizada pelos portugueses eu queria aprender sobre isto e a literatura indo-portuguesa. Por isso decidi fazer o mestrado em português na universidade de Goa. Embora eu tenho dois mestrados não trabalho como professor de Português Língua Estrangeira na Índia. Eu estou a trabalhar para uma empresa mas eu gostaria de trabalhar na área de PLE e também terminar o meu doutorado. Espero que em breve eu consiga matricular-me no curso de doutorado.

COR

Si Chen – China (2015)

Este conto aconteceu entre duas rosas brancas. Que cor é mais linda? Vermelho, verde, azul, branco... De facto, todas são lindas. Porque cada uma enfeita nossa vida e tem carácter próprio. As pessoas são como as cores. Cada um tem o seu aspeto real e cada existência tem o seu próprio sentido.

Num jardim havia muitas rosas vermelhas. Banhadas pelo sol e pelo amor da natureza, suas pétalas são tão fascinantes como chamas ardentes. Além de serem louvadas pelo jardineiro, as pessoas que transitam pela rua sempre apreciam a sua beleza.

Num canto discreto do jardim floresceram duas rosas brancas, vamos chamá-las de rosa Ana e rosa Teresa. A Rosa Ana não gostava da sua cor e sempre admirava as rosas vermelhas, queixando-se da sua aparência medíocre.

-Ai... Porque nasci branca? Porque não tenho uma cor bonita e vida brilhante como as rosas vermelhas? -lamentava a rosa Ana.

Enquanto a rosa Ana sonhava em ter uma vida emocionante, a rosa Teresa nunca se preocupou com a sua aparência, e dizia que ser uma rosa branca, ter uma vida simples também seria agradável, pois a vida é destinada e devemos acostumar e aceitá-la.

-Podemos ver o dia a dia das pessoas à nossa volta e gozar das coisas interessantes que neles acontecem! Uma vida assim também seria prazerosa, não achas? - dizia a rosa Teresa.

Chegou o Dia dos Namorados. Todas as rosas vermelhas foram apanhadas e transformadas em buquê de flores para serem vendidos

como testemunhas do amor e da paixão, restando no jardim apenas as rosas Ana e Teresa.

A dona do jardim tinha dois filhos: um menino teimoso e uma menina tranquila e delicada. Num dia ensolarado com ventos fracos, a dona do jardim levou os seus filhos para conhecer o jardim. Ao observar as duas rosas brancas e solitárias, o menino perguntou:

-Mãe, porque restaram essas duas rosas brancas?

-Porque elas são brancas e não são atraentes, então ninguém vai querer comprá-las. - respondeu a mãe carinhosamente.

-Entendi... Que pena das duas rosinhas... Deixa-me torná-las mais bonitas!

Posso apanhá-las mãe? - perguntou o menino.

- Claro meu querido, à tua vontade. - respondeu a mãe. O menino apanhou as duas rosas animadamente e disse:

- Vou ajudar vocês a tornarem-se bonitas e chamativas!

A rosa Ana estava muito contente e excitada porque o seu sonho estaria realizado enquanto a rosa Teresa estava preocupada com o seu destino indeterminado. Além disso, já se havia acostumada com a vida calma e simples que possuía.

Nessa altura a menina murmurou:

- Porque vai mudar a cor delas? Elas são tão lindas com a cor branca, cor da pureza. Branca é a sua cor natural, para quê torná-las coloridas?

- Gostas da rosa branca? Então fica com esta rosa! Disse o menino entregando uma das rosas para a sua irmã.

A rosa Ana ficou preocupada quando ouviu o que o menino disse, mas desta vez, a sorte estava do seu lado, a rosa que foi oferecida era a rosa Teresa.

Os dois levaram as suas rosas para os seus próprios quartos. O menino estava tão ansioso que conseguia esperar e logo iniciou a sua obra:

abriu a caixa de tinta e escolheu a cor mais chamativa: vermelho escarlate. Logo a rosa Ana ganhou a cor que sempre desejava.

- Agora eu estou perfeita! Estou até mais bonita do que as rosas vermelhas que estavam no jardim! - exclamou a rosa Ana satisfeita com a sua nova aparência.

Num outro quarto, a menina apreciou e valorizou a rosa Teresa, colocando-a num vaso com água fresca cuidadosamente junto com outras flores. O vaso foi colocada na escrivaninha da menina, enfeitando o quarto. A rosa Teresa emitia aromas suaves e delicados. A menina ficou muito contente, pois o seu quarto ficou mais encantador e elegante. A rosa Teresa também ficou bastante satisfeita, pois trouxe alegria e felicidade para a menina, sentindo-se mais significativa. O menino foi ao quarto da sua irmã com a sua obra recém -concluída:

- Olha como ficou linda a minha rosa! - disse o menino orgulhosamente.

A rosa Ana também estava orgulhada porque se tornou na rosa mais bonita e mais atraente enquanto a sua velha amiga ainda possuía aquela aparência simples e modesta. Sentiu -se muito sortuda por ser escolhida pelo menino.

A rosa Teresa espantou-se pela mudança de sua amiga e sentiu-se alegre por ela ter realizado o sonho. A rosa Teresa observou que, embora a rosa Ana tenha agora uma excelente aparência, já perdeu o seu brilho natural e a sua capacidade de emitir odores adoráveis. Com o passar do tempo, a rosa Ana sentiu-se desconfortável porque as suas pétalas estavam cobertas pelos pigmentos e percebeu que estava sendo corroída. A dor e o sofrimento acompanhou-a todos os dias e a situação ficou cada vez mais grave. Ficou sentindo falta dos tempos quando era rosa branca porque embora não tenha a beleza que possui agora, ela não precisava sofrer tanto como está sofrendo agora. De repente, lembrou-se da rosa Teresa. “Ela deve estar a viver bem com a menina.”

-pensou a rosa Ana. Depois de pouco tempo, a rosa Ana murchou. Olhando para o que restou da rosa Ana, o menino suspirou e deitou-a para o lixo.

A rosa Teresa ainda está ao lado da menina, observando-a ler livros, coser, falar com a sua boneca... Às vezes, a menina também gosta de observar e apreciar a rosa Teresa, apoiando o cotovelo na mesa e sorrindo para ela, parecia que estava pensando em algo divertido. Embora estivesse murchando lentamente, a rosa Teresa esforça-se para emitir o seu aroma e beleza.

Alguns dias depois, o menino veio ao quarto da irmã, viu a rosa branca que ainda estava no vaso, lembrou-se da rosa Ana e disse :

- A tua rosa branca também é bonita...

- Sim. E a tua rosa vermelha, como ela está? -perguntou a menina.

- Ai, ela já murchou e joguei-a no lixo. - suspirou o menino.

A rosa Teresa ao escutar esta notícia ficou triste e pensou: “A beleza que não nos pertence, mesmo obtendo-a, seria algo efêmero...” Parece que as pessoas são como essas as rosas.

Cada um tem o seu aspeto real e a uma vida concreta. Se calhar não chega a ser uma vida cheia emoção e novidade, porém o importante é que cada um tenha o seu próprio caminho para ser caminhado. Não devemos negar ou recusar aquilo que nós somos e ter inveja daqueles que têm uma vida “brilhante” e sim manter e ser aquilo que realmente somos, porque cada existência tem o seu próprio sentido. Para melhorar as nossas vidas e nós próprios, temos que aprender a aceitar, apreciar e esforçar para alcançar o objetivo.

Si Chen

Chinesa, começou a aprender português em 2014 no curso da licenciatura em Estudos Portugueses na Universidade de Estudos Internacionais

de Sichuan, China. Em julho de 2020 prestou a prova de Mestrado em Português como Língua Estrangeira no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal, com a apresentação de uma tese intitulada “Imagem da China em Dois Jornais Portugueses (2019)”. Está a trabalhar na sucursal duma empresa chinesa em Lisboa, pensando em continuar a aprofundar o estudo na língua e cultura portuguesa.

FECHAR OS OLHOS

Małgorzata Stankiewicz – Polónia

Vencedora da 3ª edição do concurso - “A máquina do tempo” (2017)

As pessoas são podres. Não crescem, mas só apodrecem por dentro como uma maçã infetada. Uma casca vermelha cobre o bichado. E o bichado cresce, isso sim, espalha-se de um fruto para outro até todos ficarem podres. Não servem para nada. Assim como todos os humanos. Cheios do ódio odeiam tudo e todos. Odeiam as pessoas que conhecem, odeiam as pessoas que não conhecem, as pessoas pelas quais passam, animais, objetos físicos, ideias abstratas e odeiam-se a si mesmos. Não escondem as suas emoções, libertam-nas com toda a agressividade e toda a crueldade que encontram dentro de si. E o bichado cresce. Eu não sou nada diferente, odeio o mundo tanto quanto todos os outros. Os meus olhos não abrem de repente quando ocorre uma tragédia, todos os dias sinto o sofrimento de todas as criaturas mais pequenas. As pessoas dizem que algo está mal comigo. Comigo?

Seria perfeito voltar para o tempo antes da raça humana. Queria vaguear entre os dinossauros. Pois, seria uma aventura curta porque provavelmente me comeriam. Ainda assim valeria a pena. Por outro lado, como os dinossauros são enormes, eu seria como uma mosca na comida. “Há um humano no meu prato, é repugnante.” Teria razão. Posso também ir para o ano das tragédias, isto é, o ano quando eu nasci. O dia do meu nascimento é também o dia da publicação da fotografia *O Abutre e a Menina* de Kevin Carter. Tenho certeza que conheces a imagem. Um abutre está atrás de uma menina desnutrida e espera. É

FECHAR OS OLHOS

horrível. Se me lembro bem, o fotógrafo ganhou algum prêmio. Não sei se sabes mas ele suicidou-se no ano seguinte. Escreveu que tinha visto demasiada raiva, demasiada dor das crianças morrendo da fome ou feridas, demasiados assassinios, assassinos e assassinados. Cada vez que ouço falar de suicídio não acho triste que alguém o fez. Eu acho que tristes foram todos os dias quando ele se esforçou para não o fazer.

Então, vou para o mundo perigoso dominado por criaturas cruéis e impiedosas ou para o Parque Jurássico? Escolho o século XX, há algo que tenho de fazer.

O mundo é cheio de cores. Na nossa imaginação o passado é preto e branco, não achas? E na verdade o mundo é muito parecido com aquele que deixei. Até as pessoas não mudaram tanto, conheço-as. A minha família, os meus amigos, os meus vizinhos. E eu sei o que acontecerá, onde trabalharão, com quem se casarão, quando morrerão.

Sei também o que se passará no outro lado do mundo. Quando este ano terminar e todo o mundo festejar a passagem do ano, três pessoas inocentes perderão a vida. Duas serão assassinadas simplesmente por estarem ao lado da terceira. A culpa da terceira foi nascer no corpo errado. Estou a falar do Brandon Teena, homem transexual interpretado por Hilary Swank no filme *Os Rapazes Não Choram*. Eu sim, eu chorei muito. Quando uma pessoa como Brandon já está farta de negar a sua identidade e decide deixar de lutar consigo mesma, começa a lutar com o mundo todo. Isso não faz sentido.

Um homem passa por mim. É jovem, se conto bem, não tem mais de trinta anos agora. Tem bigode, usa calças de ganga duras, como nos tempos da Corrida do Ouro na Califórnia, óculos de armação grossa, e bolsa gasta de cor entre bege, castanho e qualquer outra. Ele parece-se com todos os outros, ninguém se importa com ele, mas não será nem um par de olhos que não seguisse a sua filha. Ele olha para a janela e

FECHAR OS OLHOS

sorri. A sua filha, de dois anos, está a acenar. Que lindo!

A menina é como todas as crianças, bochechuda. No entanto, quando começou a andar na escola todas as suas colegas da turma eram mais magras do que ela. Não quero dizer que ela era gorda, porque não era. Mas com as colegas tão magríssimas, ela tornou-se num objeto fácil de piadas sobre gordos. Aos doze ou treze anos ela não aguentou mais. Começou uma dieta, a fazer exercício e rapidamente parecia mais saudável. Muitos diziam que com uma perda do peso tão rápida os quilos voltariam. Então ela comia menos e menos, fazia mais e mais exercício até não parecer nada saudável. Literalmente pele e osso.

Dantes diziam “não comas tanto”, agora “come algo”. Não há muita diferença, para dizer a verdade. Mas eles não sabiam quão doente ela estava. Não sei se reparaste mas tudo o que ela fez com o seu corpo não foi suficiente para a sociedade: “demasiado gorda”, “a emagrecer demasiado rapidamente”, “demasiado magra”. Ela só queria fazer bem qualquer coisa. Sentiu-se perdida, não sabia o que fazer, não sabia se era demasiado gorda ou demasiado magra, se comer era necessário ou proibido. Então ela seguiu a única amiga que tinha – a Ana e esta levou-a diretamente para o inferno.

Perto de nós há agora um grande espaço vazio onde vão construir um centro comercial, mas antes, digo agora, é um lugar ideal para um circo. Eu fui ao circo uma vez. Tinha cinco ou seis anos. Gostei muito dos acrobatas, do mágico e adorei o palhaço. Mas depois, aconteceu algo extremamente estranho. Trouxeram um urso todo atado para o palco e fizeram-no caminhar na corda. A criatura desamparada esforçou-se para caminhar e para se libertar. Todo o público se riu e eu não percebi o que se passava, procurei um palhaço, algo divertido. Não sabia porque eles se riam, não sabia porque ninguém ajudava o urso. Comecei a chorar e a gritar e quando saí do circo com os meus pais disse

que tínhamos de voltar e libertar o urso. Eles disseram que não, que era normal. Isso não fazia sentido.

Alguns anos depois vi a segunda parte do filme *Pocahontas* da Disney. Há uma cena em que os vilões tentam provocar a Pocahontas durante uma festa real e trazem um urso todo atado e assustado como divertimento. A Pocahontas não aguenta o sofrimento do animal e arruína o entretenimento para a sua alteza real. Parece familiar, não é? Os adultos escreveram o filme, as crianças perceberam o filme. Então, se todos estamos de acordo que torturar animais é mau, outra vez, porque eles se riram?

Outro vizinho passa com o seu namorado, que estranho. Digo, sabia que ele era homossexual, conheci o seu namorado mas nunca os vi juntos. Ouvi dizer que eles foram atacado uma vez. Imagina que muitos diziam que eles tiveram sorte, porque não foram mortos. E diziam isto como se fosse óbvio, como se eles o merecessem. E porquê? Por serem coloridos, apaixonados ou alegres? A sério, entra no YouTube e procura vídeo de um homem homossexual e heterossexual. Conta quantas vezes cada um sorri em, digamos, cinco minutos. Qual é o número que justifica a agressão?

Não vejo o cão dos meus vizinhos, talvez já não o tenham. O que posso fazer para que eles nunca tenham um? Chorei cada vez que vi o cão. Foi atado à sua casota com uma cadeia. Raramente o vi comer, muitas vezes vi a sua tigela com água vazia. Durante o verão o único que lhe dava um bocado da sombra foi a sua casota. Podes imaginar quanta sombra havia? Dizia aos meus pais que não podia ser assim, que tínhamos de ajudar o cão, libertar ou até roubar, chamar a polícia. A minha mãe disse que tudo estava bem e todos faziam assim. Ela tinha razão e nada estava bem.

Ouçó os meus pais a falar com os meus avós. Dizem que eu sou uma

FECHAR OS OLHOS

menina grande e forte. Sinto muito mas vou dececioná-los. Todos dizem que sou fraca. Sou fraca porque não posso suportar o peso das palavras “odeio-te”, “mata-te”, “deves morrer”. São as palavras que muitos usam diariamente com tanta facilidade, até crianças dizem “matar-te-ei” sem pensar. Eu não tenho força para dizer algo assim. Por isso, eu sou a estranha.

Já chega a noite. Os meus pais saem do meu quarto, eu estou a dormir. Será fácil entrar e fazer o que tenho que fazer. Sou tão pequena. Pequena, fraca, diferente, lamentável, incapaz de enfrentar o mundo. Este mundo não é para mim ou eu não sou para este mundo, não sei. Não quero procurar o sentido que não há, não quero ver o sofrimento, a dor, a crueldade. Se é tudo o que a vida oferece, a vida não faz sentido. É melhor dormir para sempre, fechar os olhos e não ver mais nada.

Małgorzata Stankiewicz

Concluí o mestrado em estudos portugueses na Universidade Maria Curie-Skłodowska em Lublin em 2016. Mas não deixei de estudar; não deixo de aprender, não deixo de conhecer o mundo. Trabalho com pessoas com necessidades especiais, assim descubro e percebo até mais mundos. Observo a realidade com muito cuidado e descrevo-a para fazer rir e para fazer pensar.

A VIAGEM

Francisco Terrazas – México (2017)

Navegar é preciso, viver não é preciso

Caetano Veloso

Preciso dizer que eu sou mexicano, talvez graças a isso possa se compreender melhor a natureza das opiniões contidas neste diário de observações. A construção da máquina do tempo foi simples graças aos ensinamentos dos meus mentores, o professor J. Swift e Monsieur V. Da construção não vou falar, por ela só ter detalhes técnicos cansativos e sem importância. Melhor é dirigir a atenção onde há substância.

Normalmente nos países da América do Sul, vemos os europeus como fonte da cultura e da civilização. Diferente do norte-americano que só é visto como apóstolo da tecnologia e do dinheiro. É justo isso o que impulsionou a expedição europeia, e sendo assim, de América do Sul à Europa, é uma viagem de cem anos ao futuro.

A máquina aterrissou num pequeno campo de milho, mas mesmo tomando o devido cuidado, imediatamente chegou a polícia, que tirou a máquina e nos levou na delegacia. Depois de relatar todos os detalhes da máquina e a sua construção, a polícia acreditou na nossa história, e nos designaram um guia que nos mostrou a cidade, falou sobre a história do povo e das tradições daquele novo país.

Nosso guia explicou que o nome da cidade pode-se traduzir como Nova Cidade, também nos disse que, na realidade aqui, antes das guerras de independência, havia outra cidade muito velha com catedrais góticas, muros medievais, edifícios modernistas e *art nouveau*, mas agora

A VIAGEM

todo isso são resíduos radioativos contidos numa estrutura enterrada em baixo da Nova Cidade. As guerras começaram há cinquenta anos, por causa de um profundo movimento nacionalista que fez com que os pequenos povos esquecidos pela história e com as suas tradições reprimidas exigissem a sua autonomia. É por isso que a cidade-Estado que visitei só tem três mil habitantes, separou-se não há muito tempo de seus vizinhos Alfa e Beta por diferenças ideológicas, por exemplo, em Alfa, sempre se toma chá às 4 da tarde, mas os habitantes da Nova Cidade só podem tomá-lo às cinco e meia. O mesmo se passou com as diferenças entre Beta e Nova Cidade sendo que em Beta sempre tomam chá com leite, feito que é visto como heresia em Nova Cidade.

No entanto, os habitantes da Nova Cidade se odeiam entre eles e mesmo durante a minha visita, começavam a originar movimentos independentistas em alguns bairros. O país só fica junto graças a um inimigo que tem todos em comum: os filipinos. Ainda ninguém sabe quando é que a armada filipina atacará a Europa, exatamente na Nova Cidade, mesmo ninguém viu os navios nem os aviões, mas de acordo com os dirigentes do governo e os jornais, os filipinos sempre estão à espreita com a intenção apenas de impor o regime de beber chá com muito leite as três da tarde.

Também, apesar de o ódio que há entre eles Nova Cidade, Alfa e Beta a sobrevivência dessas três nações vizinhas depende da sua cooperação econômica. E eles já alcançaram um grau político tão grande que só se falam para fins de acordos de exportação e importação, e para insultar uns aos outros.

Como eu disse no início do texto, a escolha foi Europa pela sua cultura, que na América consideramos refinada e avançada, sendo assim, talvez a cozinha seja um dos melhores lugares para começar. Primeiro nos dirigimos ao supermercado para ver a matéria-prima da cozinha,

A VIAGEM

os ingredientes, o pão, as massas, os grãos e sementes. A nossa surpresa foi grande quando vimos comida de todo o mundo. A pitãia, o sapoti, frutos do abricó-do-pará entre muitas outras coisas. Perguntamos ao nosso guia como isso era possível. Visto que a produção nas estufas, mesmo sendo o futuro, ainda é muito custosa. A fruta, disse ele, vem de longe, não sabemos com precisão porque só as empresas que importam a fruta têm contato com eles.

Pela escola temos algumas noções, aos habitantes daqueles países lhes chamamos os gentirami que em nossa língua é uma palavra que tem muitos significados, neste caso, quer dizer estrangeiro, mas dependendo do contexto também quer dizer herege, o inimigo. Às vezes os gentirami viajam à Europa, nossos cientistas sociais têm muitas teorias das causas destas viagens. A primeira hipótese detém que na realidade é um complô para invadir nossos países, tipo cavalo de Troia, uma vez dentro eles vão roubar a tecnologia que nós possuímos para depois controlarem os preços das mercadorias e destruir a Europa. Outra das hipóteses é que simplesmente os viajantes têm evoluído e agora não estão satisfeitos com as simples e primitivas tarefas da agricultura, porém ainda não estão acostumados com as nossas velhas tradições e a sua integração na sociedade é mesmo muito perigosa.

O que sim sabemos, é que se trata de uma troca justa, eles dão comida, e nós lhes damos tecnologia. Por exemplo, eles coletam duas toneladas de café, nós damos em troca um sistema de vigilância digital que permite ver quem não trabalha ou quem rouba para que os donos das plantações possam fazer ainda mais dinheiro, mas isto só é um dos exemplos de como pagamos aos gentirami pelo trabalho.

Eu não acreditava naquele sistema, simples e eficaz. Todo o tempo estava tomando notas, estava pensando como implementar o sistema a volta. Mas também, ao mesmo tempo, pensava com quem poderia fazer aquele trato.

A VIAGEM

De volta à cozinha e aos ingredientes, me surpreendeu que tudo o que vimos daquelas terras distantes não se come, é quase como um adorno, é mais como um símbolo da prosperidade de Nova Cidade. Tem que estar ali para saber que em qualquer ocasião pode-se comprar, mas na verdade nas normas gastronômicas são restritas como já se viu no caso do chá. Aqui todos os pratos seguem receitas dos tempos do início do país (cinquenta anos) quando só se tinha sal e pimenta.

Já vista a comida e gostado dos pratos típicos da região, nos levaram ao banco e ao ministério de finanças para ver como é que a economia é gerenciada. Como já mencionado, a maior parte das exportações são a venda de dispositivos tecnológicos e computadores, mas ainda há outro grande produto que se exporta: as armas. Me disseram no ministério que a venda de armas a países que têm guerras é mesmo muito rentável. Agora um dos vizinhos do meu país, tem uma guerra civil, pois Nova Cidade lhe vende todas as armas que precisa, aos rebeldes e aos tiranos. Não há distinção, por uma simples razão, se os rebeldes ganham, Nova Cidade terá já oportunidade de fazer acordos comerciais e obter vantagens econômicas, e o mesmo se aplica com uma vitória dos tiranos. Com o detalhe de que se faz o dobro do dinheiro do que só com a venda a um só partido.

Já a noite foi o momento de voltar para o passado, preparei todos os meus apontamentos num pequeno café, atendido sempre por gentiramis. Tenho de dizer que o café foi feito otimamente e é ainda melhor que os que eu consigo no México. Saí do café sempre acompanhado com meu guia. Me despedi deles e prometi que eu falaria com os chefes do governo do México para desde a minha volta ao passado ter melhores relações. Também, louvei as técnicas econômicas e sociais, prometendo aplicá-las no meu país.

Subi na máquina e disse adeus a todos os curiosos e à polícia que

A VIAGEM

vigilava o campo de milho. Tive que subir e voltar depressa porque ao longe vinha gente para destruir a máquina, os moradores de um bairro muito conservador que consideravam a minha viagem como satânica. Mas em um piscar de olhos, estava de volta pronto para contar tudo o que vi.

Varsóvia 23/08/2017

Francisco Terrazas

(México, 1989) foi aluno do mestrado em filologia ibero-americana na Universidade de Varsóvia, onde estudou língua portuguesa. Atualmente, Francisco mora em Varsóvia e está a cursar o doutorado em estudos literários na Universidade Complutense.

UMA SAUDAÇÃO AO FUTURO ALMIRANTE

Miguel Angel Alvarez Caro – Cuba (2017)

Pois sim, mano, e espero que tu mantendas o sigilo, conto-te que tive que segurar-me bem no corrimão do aparelho, porque sempre ao chegar perto da terra, após a transferência no tempo a cápsula dá um pinote... Não é fácil esse voo no tempo até cinco séculos atrás! Terei que indicar ao meu tio para resolver esse assunto incômodo. Essa questão de voltar ao passado, desde 2017 até 1465 é meio complicado. Terá que melhorar o sistema de travões ou instalar algum mecanismo amortecedor para tornar a aterrisagem mais mole.

Antes desta viagem invulgar eu tive que procurar um hábito de monge ou pelo menos de peregrino e um báculo para parecer-me um pouco com aquelas personagens que perambulam pelos caminhos sem rumo e sem destino. Sorte que o meu amigo Evélio procurou nos cofres do grupo de teatro no qual ele trabalha e na roupagem dos artistas achou as tais vestes, um pouco amarrotadas e poeirentas, mais a calhar com o disfarce. E por que é que eu queria fazer essa viagem? Sempre tive curiosidade pelo grande navegador Cristóvão Colombo. Aliás, um dos meus tios chamava-se assim e ansiava por saber a causa de os seus pais lhe porem esse nome. Acho que Cristóvão devia existir um só, porque depois de Colombo ninguém mais foi capaz de realizar as façanhas que ele fez e o nome devia ficar registrado em exclusivo.

Saiba, meu caro amigo, que as origens do nome da minha amada e querida ilha de Cuba se perdem no tempo e as muitas versões não acabam de encaixar na minha mente. Escritores e investigadores pretendem dar como certa a sua versão ou teoria, mas a viagem que eu

fiz, em 2009, àquela aldeia chamada Cuba, perdida no Alentejo, cercada de campos de trigo, olivais e casinhas de cor alva, à beira daquelas ruelas empedradas, deixou-me cheio de dúvidas e ainda mais depois que botei a minha mão no monumento ao grande navegador, existente na praça do povoado e uma sorte de energia percorreu meu corpo. E nada melhor que aquela chance que se apresentou quando meu tio Pedro, tido por muitos como maluco, inventou aquele aparelho que permitia dar saltos no tempo e que mantinha escondido na garagem da sua casa, pois além de que ninguém acreditava nas suas histórias, meu tio desconfiava que alguém pudesse querer utilizar o tal do aparelho para dar uma viagem no tempo, fazer alguma coisa errada no passado e vir a prejudicar ou torcer algum acontecimento no presente...

E quem melhor que o sobrinho dele, eu, para provar aquela engenhoca, mesmo com os riscos que isso poderia trazer. Mas o meu tio, sempre de óculos embaçados, avental cheio de gordura e cabelo desordenado, garantia-me que o aparelho era fiável...

Assim lhe propus aquela viagem fugaz à Cuba quinhentista, vasculhei nos livros acerca do português falado naquela época e sempre ter na boca, pronto para sair, o “vossamercê”, já perdido nos recantos do tempo. E, de passagem, dar fé da autenticidade da ideia do investigador Patrocínio Ribeiro, que lançou a versão não compreendida da origem portuguesa de Colombo.

Tão só pretendia dar um passeio pelo povoado, escutar o rosto de algumas pessoas, encontrar-me com o Colombo ainda criança e deixar cair na boca de algum morador que, talvez, algum dia, o nome daquela aldeia, perdida no centro do Alentejo portugalense viria a estar na boca do mundo todo, do Velho e do Novo, por causa do grande descobridor saído dali...

UMA SAUDAÇÃO AO FUTURO ALMIRANTE

Meu tio acertou o relógio do tempo e eu entrei na cápsula não sem certa apreensão, pois um erro qualquer e iria dar com os meus ossos a outro lugar qualquer. Tomara que não fosse cair em meio de uma horda de homens das cavernas, ou no meio de uma guerra entre dois exércitos, flechas e lanças a esvoaçar para todos os lados e espadas a ceifar cabeças...

Felizmente, consegui que a cápsula aterrissasse num matagal perto da cidade, camuflei a engenhoca e saí com o meu hábito e o báculo. Se calhar, o estrondo da aterrissagem pode ter assustado alguns moradores, que ainda nem imaginavam aquele grande terremoto que viria a destruir Lisboa em 1775 e faria o marquês de Pombal se converter no grande restaurador da beleza da cidade das sete colinas que perdura até os nossos dias... Tencionava dar um passeio pela cidadezinha, achando ser um peregrino a perambular pelos campos e entrar em contato com aquele rapaz que tempo depois e agora no século XXI ainda está na boca das pessoas, por ter feito aquela façanha que contribuiu para converter o mundo no nosso lar comum.

Entreí na aldeia poeirenta e caminhei até a Travessa do Paço e achei uma taverna muito rústica, onde algumas pessoas estavam a beber os seus copos de vinho e conversavam em voz baixa...

Na esplanada na frente do local um grupo de rapazes estava a brincar com espadas e cavalinhos...perguntei a um dos presentes se, por obséquio, alguns dos senhores era capaz de me indicar se estava por ali algum dos descendentes de João Gonçalves Zarco, sobretudo um menino de nome Salvador ou Cristóvão. Um dos presentes me falou que o filho andava a brincar pela esplanada e assim que cheguei perto dele chamei-o mediante um sinal e quando se aproximou de mim, olhei-o fixamente e a seguir passei a mão pelos cabelos do rapaz, que pouco antes esteve a brincar com um barquinho rústico, feito de

madeira, na água do chafariz da praça e lhe disse quase murmurando: «Vossamercê vai crescer e vai ser um grande navegador, vai descobrir mundos ignotos, vai ter um sucesso badalado na vida e o nome desta vila vai transcender além-mar...».

O rapaz ficou paralisado, mas enfeitiçado com a sua brincadeira de criança foi sossegando aos poucos. Deixei os meninos espantados, que aos poucos, continuaram a brincar e saí da aldeia caminhando, meus pés a chafurdar na poeira do caminho, olhando de vez em quando ao redor, para não provocar um susto a algum dos moradores que, tomando conta das cabras ou a lavrar a terra, pudesse ser testemunha da minha partida, naquele coiso brilhante e daí em diante viesse a ser qualificado de maluco, pois ninguém seria capaz de acreditar no que ele tinha visto. Com uma faísca e um trovão ensurdecedor, a cápsula retornou no tempo e voltei aos dias atuais...

É mesmo assim como te conto, ó rapaz. Só espero da tua discrição para não revelares isto que eu te acabo de contar. Vamos ver se o meu tio quer deixar que tu faças uma viagem, mas duvido, pois o tio sempre anda a esconder seus segredos. Tu não fales pra ninguém do que eu te acabo de contar, pois não quero ver a reputação do meu tio posta em dúvida. Talvez será aquela maldição de alguns inventores, cujas invenções só veem a luz e ganham notoriedade depois de mortos. E, por enquanto, o meu tio ainda tem muitos anos por viver...

Havana, 14 de novembro de 2017

Miguel Angel Alvarez Caro

61 anos, nascido a 9 de setembro de 1959, em Havana, Cuba. Licenciado em Educação e Tradutor-Intérprete de língua portuguesa em julho de 1982, no Instituto Superior Pedagógico de Línguas

UMA SAUDAÇÃO AO FUTURO ALMIRANTE

Estrangeiras (ISPLE), de Havana. Tradutor, redator e editor, chefe da equipa do semanário Granma Internacional em sua versão em português, desde 1984 até 2006 e desde 2009 até hoje. Entre 2006 e 2009 diplomata e tradutor na Embaixada da República de Cuba em Lisboa, Portugal. Participação como tradutor e intérprete simultâneo em eventos nacionais e internacionais: Festival Mundial da Juventude e os Estudantes – Caracas, Venezuela (agosto de 2006); Festival Mundial da Juventude e os Estudantes – África do Sul (dezembro de 2011); Cimeira da Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos (CELAC) – Havana – janeiro 2014); Cimeira Mundial do Grupo dos 77 + a China – Santa Cruz de la Sierra, Bolívia (junho de 2014). Colaborador da Equipa de Serviços de Tradutores e Intérpretes (ESTI), do Ministério das Relações Exteriores de Cuba. Professor de língua portuguesa para professores, médicos e colaboradores que saem de Cuba para cumprir missões internacionalistas. Membro da Cátedra Eça de Queiroz da Faculdade de Línguas Estrangeiras de Cuba.

SE EU FOSSE UMA MULHER E SE PUDESSE FALAR CONTIGO...

***Anna Krupa (Polónia) - Vencedora da 4ª edição
do concurso – “Se eu fosse...se tu pudesse” (2018)***

Olhos redondos e pequenos estão a observar o bichinho que está fora da gruta perto do rio. Plim, plim, plim. Só se ouve o barulho de gotas na água. A corrente hoje é bastante forte e rápida mas na gruta a superfície da água está calma. Quase posso olhar a minha cara como se fosse o espelho perfeito. Tenho mesmo lindo o focinho, quem diria. Talvez em vez de olhar a minha cara deva já começar as preparações para logo? Mexo-me um pouquinho até à entrada da gruta. Bem, ainda deve ser cedo porque o sol brilha muito e a onda de calor afagante sente-se perfeitamente. Estes últimos dias têm sido mesmo atípicos para esta altura do ano. Tanto calor no início da primavera? Já o ano passado foi assim, anormal. Será que isto já não se pode descrever como atípico mas, pelo contrário, começa a ser a nossa nova realidade? Por mim tudo bem, desde que tenha comida é o que me interessa. Ai, é melhor fazer o que tinha de fazer. Com este calor um banhinho até vai saber melhor.

Corro na direção da água na gruta e bah! Ai que alegria! Que salto tão perfeito! Parafuso para a frente. E isto tudo sem trampolim mas diretamente da rocha. Mergulho um pouquinho mas na gruta não há nem peixes nem lagostins. Os sapos também ainda não andam por aqui. Vou ter de sair. Saio da água e mais uma vez corro na direção da rocha. Aperto os músculos do meu corpo, salto para a rocha com facilidade, corro atrevida no caminho da água e mais uma vez salto

espetacular acaba por ser dado. Demoro uns segundos abaixo da superfície e quando finalmente a minha cabeça emerge para fora já sinto que não estou sozinha. O aroma do corpo dele enche as minhas narinas e imediatamente sobe para a cabeça. Por que raio é que não o senti antes? Só agora? Porque estavas tão concentrada em dar um salto perfeito que ignoraste a informação do teu cheiro diz a voz da minha consciência. É um aroma de macho muito forte, uma mistura de folhas caídas na floresta ainda em outono, pinhas e algo mais que é muito difícil de descrever. Este aroma é irresistível e deixa-me maluca por ele. Coisa tão natural que é este cio. “Que grande salto! Nunca tinha visto ninguém a dar os saltos com tanta agilidade e perfeição como tu. Se pudesses participar nos Jogos Olímpicos ganhavas logo a todos os humanos” diz ele. Fico envergonhada com o elogio mas ao mesmo tempo contente que não o consegue decifrar na minha cara. “Vieste cedo hoje” digo-lhe e começo a nadar lentamente na sua direção. “Sim vim. Pensei que pudéssemos brincar um pouquinho antes de comer-mos”. Também salta para a água com muita elegância e vai ao meu encontro no meio caminho. “Então queres brincar comigo, é? E os teus amigos onde estão?” pergunto-lhe. “Não tenho. Deixei a minha família há uns meses e agora estou sozinho. Em vez de falar tanto apanha-me!” grita contente. Toca na minha barriga com a pontinha de um dos seus dedos e sinto uma corrente estranha a encher o meu corpo. Surpreendida pestanejo e de repente vejo que ele já está muito longe, quase na saída da gruta. Concentro-me e mando o meu corpo reagir. Não é preciso muito esforço, sou um ser criado especialmente para isso. Os meus ombros e as pernas parecem cooperar em sintonia. Já passei metade da gruta, à minha frente tão perto está a entrada, já sinto a corrente do rio. Deixou o cheiro tão forte que consigo identificá-lo facilmente mesmo na água. Mergulho e vejo as costas dele, esforço-me

mais um pouquinho e consigo apanhá-lo. “Feito!” grito-lhe na cara com o sorriso de orelha a orelha. “Apanhei-te. O que ganhei?” pergunto curiosa mas lá dentro já sei a resposta. “Ganhaste a melhor companhia para o jantar de hoje” diz ele com o tom de audácia e vira-se de barriga para cima. Está a flutuar na água com facilidade já que vejo os músculos dele completamente descontraídos. “Dá-me a tua mão e faz o mesmo” encoraja-me. Faço o que ele diz e agora estamos os dois a flutuar de mãos dadas.

O momento é mesmo agradável. O sol começa a pôr-se e sinto os últimos raios a fazerem festinhas na minha cara. O céu parece uma obra de arte com cores diferentes, rompendo em tons de amarelo, passando por laranja, vermelho, cor-de-rosa, azul e acabando por violeta. Só estamos nós de mãos dadas e a natureza. De vez em quando ouvem-se as andorinhas que estão a pipilar entre elas construindo já os ninhos. É uma das tarefas que requer cooperação entre o casal. Do lado de nascente chega aos meus ouvidos a canção do lobo que daqui a pouco também começará a sua atividade. Há mais espécies além de nós para as quais o anoitecer significa começo da noite. De repente alguma coisa bate na minha barriga e interrompe o sossego. “O que é isso?” pergunto e ao mesmo tempo apanho com outra mão uma garrafa de vidro grande. Atrás desta vem outra e depois mais uma e depois mais e mais lixo. “Homens” diz ele com certeza na voz que significa que já tinha visto uma coisa semelhante. Puxa-me mais na sua direção e saímos os dois do rio. “Vês minha querida” começa e faz uma pausa para organizar o pensamento e expressar-se melhor. “Este mundo funciona assim: tens o nosso mundo e o mundo deles. Nós respeitamos a nossa casa, a água, a floresta e eles não. Não querem saber nem de nós, nem de outros seres. Fazem o que querem sem se responsabilizarem e estes lugares tão calmos são para eles perfeitos porque ninguém lhes chama

atenção aqui. Não há vigilantes, não há câmaras, não vão pagar multas, então não querem saber de nada. É muito triste. Mas o que é ainda pior são aqueles amantes de espécies raras que usam as armas para ganhar os troféus.” “Os troféus?” pergunto sem perceber de que está a falar. “Sim, o troféu que somos nós” um sorriso triste aparece na sua cara e já não me está a olhar. Agora olha a lua que inicia o seu brilho no céu escuro e já sei que está a dar o tema por acabado. As suas palavras deixam-me pensativa. Se este lixo flutua assim livremente na água quem vai comê-lo são os peixes e quem vai comer os peixes somos nós, entre outros.

Esta informação não me deixa nada contente mas ele já está a puxar a minha mão para irmos brincar. Por um instante o que aconteceu está algures para trás da minha cabeça. Já estamos a nadar no rio novamente, fazemos a corrida na margem, estamos a saltar as rochas, deitamo-nos na margem a brincar com as pedrinhas. “Esta é para ti” diz ele e estende uma pedra achatada em forma de lua na minha mão. “É linda, obrigada!” digo-lhe e abraço-me ao seu corpo quente e molhado.

Finalmente chega a hora de caça. Vamos cheirando o chão e olhando cuidadosamente o rio. Não faltam peixes por aqui. Trutas são uma delícia! As enguias também de vez em quando nadam nas águas já meio-cristalinas. Agarro rapidamente o peixe, com uma garra mato-o e saio da água para poder comer tranquilamente deliciando-me com a minha comida favorita. Ele ainda está a caçar. Quer apanhar mais exemplares para ter a comida suficiente durante a noite toda. Observo-o discretamente. Os músculos nas pernas parecem muito tensos, preparados para qualquer movimento que fosse necessário durante a pesca. O pelo molhado brilha no luar de igual forma que a superfície da água na pequena baía ao lado. Vejo que com destreza apanha a enguia, mata-a com as garras e deixa no monte de comida acumulada na

pequena ilha composta por rochas no meio do rio. Olho para ele e sei que tenho à minha frente o futuro pai dos meus filhos. O macho preparado para a sobrevivência neste mundo cada vez mais difícil para nós.

Estou no meu refúgio à espera de ter a minha primeira cria. O lugar é sossegado e coberto. A chuva inesperada do verão está a cair do céu. Ainda bem que a gruta não está muito perto do rio senão ficaria submersa. Estou a olhar para o espelho na água. Tenho ainda o sorriso muito bonito e o pelo brilhante. Pareço forte e saudável. Sou eu, uma lontra, a futura mãe. Animal tão lindo, simpático e inteligente. Se um dia fosse uma mulher e pudesse falar, caro leitor, dizia-te que é mesmo importante o teu cuidado com o meio ambiente e com a natureza. Este é o meu habitat natural que está a ser invadido por vocês. A poluição causada pela indústria está a destruir passo a passo a minha casa. Os pesticidas que os agricultores usam em excesso danificam a qualidade da água que constitui fonte de alimentação para mim e para os meus futuros filhos. As barragens e outras ações de homem também afetam direta ou indiretamente a qualidade da minha vida. Além disso, as alterações climáticas já são preocupantes para mim, um ser tão pequeno e insignificante para ti. Ainda não sabes isso mas no futuro serão problemáticas para a tua espécie também. Por esta razão, se eu pudesse falar a tua língua ia-te chamar atenção para este tipo de comportamentos. Não deixes lixo na floresta, não gastes água quando não precisas, tenta ajudar a natureza como se fosse a tua mãe. Ela, tal como eu, não pode falar contigo livremente, a qualquer hora. Se ela pudesse falar como eu hoje, dizia-te o mesmo. Isto tudo hoje peço-te eu, caro leitor, uma lontra, a futura mãe.

Anna Krupa dos Santos

Nasci em pleno verão do 1992 na região da Silésia. Apaixonada pela língua espanhola decidi tirar a licenciatura em Estudos Ibéricos na Universidade Maria Curie-Skłodowska em Lublin, seguida do mestrado em Estudos Portugueses. Lá, comecei a escrever em português e descobri a facilidade de transmitir as minhas ideias nos contos. E assim comecei a minha aventura com a escrita criativa. Gosto de observar as pessoas, porque o seu comportamento constitui uma fonte inesgotável de inspiração para as minhas histórias, junto com as pequenas viagens que adoro explorar. Mudei-me para o norte de Portugal e trabalho como guia e educadora numa das mais prestigiadas casas do vinho do Porto em Vila Nova de Gaia. Sou também autora de um blogue sobre o Porto e norte de Portugal que podem visitar aqui: www.portogalense.com

SE EU FOSSE...SE EU PUDESSE...

Mònica López Bages (Espanha) -Vencedora ex aequo da 4ª edição do concurso – “Se eu fosse...se eu pudesse” (2018)

A partir da foto de Pedro Nunes (@mephistonunes) no Instagram de 3 de março de 2017

«Há dias que marcam a alma / e a vida da gente / e aquele em que tu me deixaste / não posso esquecer. / A chuva molhava-me o rosto. / Gelado e cansado. / As ruas que a cidade tinha / já eu percorrera». Nos seus auscultadores soa um fado. A voz de Mariza funde-se com o clima. O disco-jóquei da radio está melancólico nessa segunda-feira. E não é para menos: o desemprego voltou a aumentar e nem sequer o Benfica foi capaz de ganhar o jogo para dar alegria aos benfiquistas.

O céu está cinzento, há névoa e a chuva molha tudo: as árvores, as ruas, os bancos, as pessoas, as janelas, as varandas e o empedrado que ela pisa. «Atenção! Não escorregues!». Não seria a primeira vez e não teve piada nenhuma. Para os transeuntes que o viram sim, mas para ela... Que vergonha! É um pouco despistada e às vezes perde-se a observar o mundo. A sua cabeça repete a letra do fado: «A chuva ouviu e calou / meu segredo à cidade. / E eis que ela bate no vidro / trazendo a saudade».

No interior da carruagem do comboio, uma multidão de pessoas vai e vem. Quando o comboio começa a andar, todos se sentam. Ao seu lado fica um assento vazio e ela sente-se mais à vontade. Olha ao redor e vê um rapaz que acaba de chegar a correr. O seu resfolegar agitado corrobora que esteve a ponto de perder o comboio. Mas hoje teve sorte. «E eis que ela bate no vidro / trazendo a saudade», bichana ela. Fá-lo demasiado alto. Ela não tem consciência disso, mas, enquanto dá uma

olhada à sua esquerda, o sorriso do rapaz e uma piscada de cumplicidade deixam adivinhar que tinha cantarolado demasiado alto. Ruboriza-se. Ela não canta bem. Às vezes é assim: imprevisível, direta e convicta. Outras: fica envergonhada e dubitativa. Depende do dia. Esse rapaz parece tímido. Rapidamente baixa a cabeça e dissimula. Abre um livro que tem nas mãos numa página qualquer. A capa não mente: é *A caverna de Saramago*.

São apenas quatro as estações até ao seu posto de trabalho. A chuva continua a bater contra os vidros das janelas do comboio e na rua os caminhantes apressam-se debaixo dos guarda-chuvas, sem se deterem. Que pena! As pessoas de hoje são multidão, não por avançarem todas juntas, mas por andarem sem olhar, sem ver esses detalhes que lhes podem mudar a perspetiva do dia. Contudo, o dia está tão triste e cinzento...

Então algo chama-lhe a atenção. O rapaz tem o telemóvel na mão. Ela observa-o disfarçadamente. Não é coscuvilheira, mas sim curiosa e sente vontade de saber tudo sobre as pessoas e os livros. De repente ele aproxima o telemóvel da janela. «O que vai fazer?». Click! Click! Tira duas fotografias. Duas capturas dos vidros embaciados e das gotas a cair lentamente como lágrimas que deslizam até morrer no chão.

«Para quê uma fotografia da janela?». As janelas são espaços vazios, ainda mais com essa teia de aranha desenhada pela umidade, o bafo e os percursos das gotas, que criam uma cortina opaca que não deixa ver para além. «Para quê uma fotografia da janela?», repete na sua mente. Ela não leu nunca a reflexão de Mia Couto em *Na Berma de nenhuma Estrada*: «Se eu fosse casa escolhia ser janela. Porque a janela é da casa o que não é, o vazio onde ela sonha ser mundo»... «Mas para quê uma fotografia duma janela embaciada? Isso não faz sentido!»

Os passageiros continuam sem olhar, obcecados nos seus quebra-

cabeças ou ensimesmados pelos mundos paralelos que lhes apresentam os seus telemóveis. Quase todos nós somos cativos dessa virtualidade que às vezes nos afasta da perceção da realidade. Contudo, há sempre alguém que vê o que os outros não conseguem ver. Detalhes que só as pessoas com uma sensibilidade apurada captam.

As gotas escorregam e, como na canção de Mariza, os vidros estão repletos de melancolia. O ambiente decrépito de segunda-feira está presente no interior da carruagem e no semblante dos passageiros. Esse chuvisco incessante matiza o mundo exterior e proporciona uma visão semelhante a um quadro vanguardista. Neste momento a realidade deforma-se e a imaginação joga com as lembranças, memórias de jogos de infância que não vão voltar. Foram horas e horas a olhar através da janela. O tempo andava lentamente então. E a chuva repicava nos vidros, enquanto a avó preparava uma xícara de chocolate quente... «Mas... por que tirou este rapaz essa foto?». Essa curiosidade infantil ainda não morreu nela.

A chuva é purificação. A chuva é nostalgia. A chuva é relaxamento. A chuva é monotonia. A chuva é tédio. A chuva é refrigério. A chuva é conforto. «Se eu fosse corajosa, dançava debaixo da chuva»... A chuva é ritmo compassado. A chuva é vida! Tudo depende do vidro através do qual vês a tua realidade e do estado de espírito que tiveres quando acordas nesse dia. Todos nós temos idas e vindas, ainda que só as confessemos ao espelho enquanto refletirmos nele na primeira hora da manhã.

Ela, com um pouco de receio de ser vista, espreita o rapaz e, de súbito, julga adivinhar nele certa tristeza. Ai fica alguma preocupação que se disfarça detrás da música que ele ouve através dos seus auscultadores. Esses vidros abafados e o murmúrio do comboio não ajudam. Não sabe bem o porquê, mas ela sente que precisa fazê-lo sorrir novamente. Altruísmo, dizem. Um presente gratuito, que pode mudar a forma de

enfrentar o dia, porque o estado de espírito, com frequência, vira num instante.

Então ela deixa sair a criança que esconde no seu interior e pensa que os vidros abafados podem ter outra função. Olha fixamente para a sua mão, para os cinco dedos e estica o indicador. Aproxima-o do vidro da janela do comboio e, com a ponta do dedo, toca a superfície fria e húmida. Desenha um ponto. Um pouco mais à direita, outro ponto. Por cima de cada um dos pontos, uma linha curva curta. E no meio, mais abaixo, outra linha curva um pouco mais larga. E à esquerda um balão. No interior, uma única palavra:

«Olá!».

É uma pequena improvisação, muito simples, sem arte, não muito engraçada... mas com o carinho de quem não quer acabar de crescer. Uma brincadeira de uma Peter Pan que não está vestida de verde, mas sim desejosa de voar.

Ela percebe o olhar do rapaz (estas coisas percebem-se sem sabermos como) e, de soslaio, olha-o. O grande sorriso do boneco é contagioso: sim, ela consegue ver mais uma vez esse sorriso nos lábios dele. Por um instante, pois, apaga essa gota de nostalgia dos olhos dele e, só por isso, ela sente-se um pouco mais feliz. Então, sorri satisfeita. Quem sabe porquê. É possível que nem ela o saiba concretizar. No entanto, é aqui onde nasce o verdadeiro sentido da cumplicidade, que é fundamento mínimo da amizade e de todo o tipo de carinho e amor.

Ainda que as palavras ajudem, às vezes, não é preciso abrir a boca para dizer o que pensamos: só temos de ser naturais, observar, tentar compreender o outro (chama-se empatia) e procurar querê-lo tal como é. Para fortalecer qualquer relação, isso é sempre básico. Todos nós temos defeitos, mas também virtudes. Só precisamos crê-lo. As pessoas esquecem-no com frequência. Todos nós precisamos de algo ou de

alguém que nos vigie de perto ou à distância. Não importa a idade, nem o sexo, nem o ideal político ou religioso, nem a profissão, nem os gostos musicais, só precisamos que seja uma pessoa que nos respeite e goste de nós como somos. Porque, às vezes, quando ainda não temos consciência desta vigilância, de repente, o mar varre... e ficamos sem palavras e em silêncio. Então, ecoam na cabeça as palavras de Fernando Pessoa: «Se pudesse ouvir o olhar e um olhar lhe bastasse para saber que...».

Então ela sente uma força de dentro e, antes de chegar à estação onde tem de descer do comboio, levanta-se e, decidida, diz ao rapaz: «Queres ir tomar um café?». Ele tira os auscultadores. De fundo ouve-se uma melodia: «The wise man said just walk this way to the dawn of the light...». Sem dúvida, a canção de Scorpions. E ela cantarola:

«Hear this voice from deep inside. It's the call of your heart. Close your eyes and you will find the passage out of the dark.»

O rapaz deixa resvalar *A caverna* para o chão. O tempo tem parado. A chuva continua a repicar na janela. Tudo está molhado. O céu continua cinzento e os outros passageiros continuam ofuscados. E no chão, por acaso, o livro fica aberto numa página que diz: «Enquanto houver vida, haverá esperança. Sim, é certo, por mais espessas e negras que estejam as nuvens sobre as nossas cabeças, o céu lá por cima estará permanentemente azul, mas a chuva, o granizo e os coriscos é sempre para baixo que vêm, em verdade não sabe uma pessoa o que pensar quando tem de fazer-se entender com uma ciência dessas».

O rapaz e ela trocam olhares. Ela encolhe os ombros. Ele desenha um grande sorriso no rosto. Talvez seja verdade que além da chuva e da névoa o céu está permanentemente azul... Afinal de contas, quem é ele para contradizer as palavras de Saramago.

Tarragona, 10 de dezembro de 2018

Mònica López Bages

(Barcelona, 1977) Sou professora de língua e literatura catalãs na Universidade Rovira i Virgili (Tarragona, Catalunha) e estudante do mestrado de Ensino de Português como Língua Estrangeira na Universidade de Extremadura (Espanha).

Depois da minha primeira viagem a Lisboa, tive a necessidade de mergulhar-me na cultura portuguesa. Foi um *coup de foudre*, como gostam de chamá-lo os franceses. Na distância sentia saudades e graças a Instagram conheci o meu “pai” português, o António, que atenciosamente sempre acalma a minha curiosidade sobre Portugal e a sua cultura.

Comecei a estudar português *on-line* com cursos no Instituto Camões, na Universidade de Coimbra em parceria com a Universidade Aberta, e, finalmente, na escola Portuguesa de Madrid. Tudo telemático, mas de muita qualidade e produtivo.

As minhas viagens a terras portuguesas aumentaram, assim como o número de amizades: o Rui, a Helena, o Pedro, o Gonçalo, o Ed e a Cláudia ajudam-me a praticar a língua, bem que eu more do outro lado da Península Ibérica.

Adoro ler, pois sacia as minhas ânsias de aprender; e gosto de comunicar-me: falar, escrever..., pois acredito na força das palavras. A escrita ajuda-me a esvaziar a cabeça e a deixar fluir a imaginação. Comecei a escrever em português a partir do que me inspiravam algumas fotografias de Instagram que mostravam momentos espontâneos das ruas de Lisboa. Era uma brincadeira, mas ajudava a perfeição a língua. Inclusive, na primavera de 2020, durante o confinamento, fiz alguns cursos de escrita criativa na escola lisboeta Escrever Escrever. Uma grande experiência que me enriqueceu e motivou-me a continuar, pois ainda tenho muito a aprender!

VOAR SEM ASAS

Hono Miguel – Espanha (2018)

Se eu fosse um *birdman* ou uma *birdgirl* (não me imagines com a ridícula farda de super-herói, faz favor!), eu mudaria de planeta, voaria para além do céu e buscaria outro planeta onde pudesse ser simplesmente um ser humano. Mas...

Vivo neste planeta, a Terra, há um monte de anos. Outrora era um lugar diferente. Enormes e poderosas criaturas povoavam-no; porém um dia desapareceram sem se despedir do resto das criaturas, mais pequenitas. Ainda hoje nenhuma destas sabe onde aquelas se foram embora. Entretanto, a Terra continuou a girar tal como pião e a mudar de estação e a maquilhar-se para ficar mais linda cada dia. A Terra estava feliz, tanto que ela sozinha deu à luz a Natureza, fofinha, limpinha, bonitinha... Até que chegaram eles, os novos seres, e tudo mudou para a mãe, para a filha e para o resto de criaturas. Estes novos habitantes terrestres eram mais poderosos do que as grandes criaturas fugidas misteriosamente, porque tinham a luz que queimava e também porque podiam comunicar-se com sons que saíam das bocas deles. Eram os humanos. Aos poucos, puderam com os outros seres, mais numerosos e antigos, que não tinham as faculdades nem de falar nem de fazer fogo. Coitadinhos! Pois muitos foram caçados para lhes servirem de alimento, porque os humanos souberam fabricar uns artefactos que provocavam enorme dano e, inclusive, a morte. Chamaram-nos de armas. Não obstante, passado o tempo, os humanos também as utilizaram para se matarem entre eles. Oh!, deuses do céu, da terra e do subterrâneo, como mudar esta situação? Apareceram, então, as civilizações de uns humanos diferentes: eram as

peessoas que pensavam com inteligência em outra coisa que não era só o enfrentamento. Se calhar alguém possa pensar que não eram diferentes dos outros porque usavam igualmente armas, sim, mas eram armas sem violência, muito mais poderosas do que aquelas que tinham sido forjadas no fogo; contudo, as pessoas ainda não o sabiam. Eram as palavras; muitos simples, pequeninas e com voz e poder. Um dia, uma dessas pessoas teve também a ocorrência de lhes dar uma forma para ficarem eternas. As palavras guardavam ideias, só boas ideias; mas sobretudo as palavras eram uma arma carregada de futuro. Ficavam, à espera de serem utilizadas, alojadas em caixas de papel. As pessoas que as tinham imortalizado eram conhecidos como escritores, porque praticavam a arte de escrever. E foi assim que poetas, romancistas e dramaturgos povoaram o planeta Terra aqui e acolá. E num momento da história terrestre foram mais do que aqueles que se dedicavam a lutar, a pegar naquilo que outros tinham e que eles queriam a qualquer custo. E como os escritores só possuíam ideias e não eram de interesse daqueles, viveram em paz durante muito, muito tempo. Até que um dia, um humano-guerreiro achou interessante ter também o domínio das palavras para conquistar mais rápido aquilo que desejava a todo custo: mais poder. Porém as palavras que arrebatou aos escritores foram usadas só para atingi-lo com mentiras e mais mentiras, dizendo aquilo que o povo gostava de ouvir. E assim conseguiu persuadir sem necessidade de acabar com ninguém e sem esbanjar nenhuma bala, que, não obstante, guardava para manter a paz, ou seja, a sua paz. Uma minoria armada seguiu-o; e uma maioria com armas de papel e tinta revoltou-se, mas foi encarcerada e brutalizada e assassinada e abandonada às ocultas. Neste entretanto, o planeta Terra já não era o que tinha sido na altura. Tinha começado a perder o que nele havia de bom: poetas, animais pequenos e grandes, romancistas, árvores espantosas,

dramaturgos, plantas que tivessem curado doenças mortais. A Terra estava infeliz, e começou a esgotar-se. Somente ficavam já os que forjaram com medo e com sangue uma sociedade de borregos. Porque do resto dos seres, árvores, plantas e animais, quase ninguém se lembrava já; infelizmente, a poluição gerada pela loucura humana tinha acabado com a maior parte deles. Quem me dera que um dia os que agora se acham os melhores e maiores seres possam desaparecer, como tristemente lhes aconteceu às primeiras criaturas, para deixar, por fim, livre o caminho à liberdade. Utopia? Não!

Mas...Se eu fosse uma pessoa que só se conformasse com aquilo que a História escreve, seria uma pessoa triste e pessimista desde o berço até ao túmulo. A luta não será fácil. Quem o duvida? Apenas sou um simples ser humano deste planeta do que, se eu pudesse, faria um lugar sem fronteiras nem passaportes. Temos tanto que aprender dos animais... Contudo aqui e agora posso clamar muito alto: Sou um grande otimista porque, antes de tudo, sou cidadão do mundo! Acompanhas-me?

Chamo-me como tu quiseres. Deixei mesmo as asas esquecidas para sempre, e posso agora voar. Eis que começa a história da minha viagem pelo mundo...

Hono Miguel (como gosta de ser chamado Honório Castellano García, nascido em 1969) é professor de Língua e Literatura Espanholas e também de Português numa escola de ensino secundário em Trujillo, cidade *cacereña* de Espanha. No seu cartão de cidadão aparece que é espanhol, contudo considera-se sobretudo cidadão dum mundo sem pátrias nem bandeiras nem fronteiras: visão utópica porém necessária. Adora lecionar a cadeira de Português porque é a oportunidade que tem de transmitir aos alunos a sua paixão por um país pequenino mas de enorme, gentil e belíssimo coração.

AINDA NÃO

Raúl Martín – Argentina (2018)

Maria é uma de tantas mulheres que emigraram para longe da sua terra, atrás de seus maridos que anos antes foram em busca de uma vida melhor. Tinha-se casado fazia oito anos. Já tinham um menino de quatro anos e agora acabavam de receber uma pequenina, na primavera dos quarenta.

Eram tempos difíceis na Europa. Os estragos da Grande Guerra ainda não tinham sido superados, e já viviam as angústias provocadas pela Segunda Guerra Mundial. Por mais que Portugal não estivesse envolvido diretamente na ação bélica, não podia evitar todos os males económicos e psicológicos que estes conflitos provocavam nas populações. Como milhões de europeus, também os portugueses escapavam à fome, ao acosso, ao desconcerto da maldita guerra. O marido de Maria tinha tomado essa dolorosa decisão depois de ver a responsabilidade que assumia perante essas duas novas vidas que engendrara e que eram o motivo mais feliz de sua vida. Maria ficou só no seu Algarve, enfrentando a tarefa de cuidar dos pequenos, à espera de um pronto reencontro. E pensava: “Se eu pudesse...o acompanharia agora mesmo, mas ainda não...esperemos.” O alimento ganhava-o com o seu trabalho de camponesa: colher os frutos das amendoeiras, das oliveiras, das alfarrobeiras.

Ceifar o trigo, a cevada, recolher as favas, grãos, o milho...todo o ano a mesma fadiga esgotante de jornadas a pleno sol, agachada, protegida pelo chapéu de palha. Em seguida as tarefas da casa e sobretudo a sua proteção de mãe-pai a seus meninos. Tinha a esperança que esta

pesada missão pronto se aliviaria com a sua viagem à ansiada América, onde o seu marido tinha ido em busca de um bom trabalho que lhe permitisse reunir a sua família e crescer juntos amparados por uma justa retribuição que lhes permitisse uma vida digna, decorosa, e que lhes desse a esperança de ver seus filhos crescer em paz, a estudar e conseguindo uma profissão que lhes garantisse um futuro de superação. Maria ansiava esse momento, mas entretanto, não afrouxava nas suas tarefas diárias. Cada inverno via florescer as amendoeiras nos campos algarvios. Essas flores que coalhariam nas prezadas amêndoas, que ela recolheria para logo participar no trabalho duro mas ameno de partir a dura casca para liberar a semente, a amêndoa. Essas amêndoas que se iam acumulando ao lado de cada um dos participantes nessa monótona tarefa. Geralmente eram mulheres jovens- por vezes até crianças- que acompanhavam o bater do martelo com as suas charlas. Comentários das suas azarentas vidas. Ainda que mais ou menos experimentassem similares vicissitudes, durante essas jornadas tratavam de evitar a lembrança dos seus pesares e cada qual tratava de contar algum conto, alguma graça, alguma anedota alegre, algum mexerico que fizesse mais grata a longa jornada do contínuo martelar sobre as cascas duras, para – ao anoitecer- receber em seus cansados braços e doloridas mãos, as escassas moedas com que era retribuído aquele trabalho manual.

Quando concluía o turno das amêndoas, chegava a colheita das azeitonas. Aí tinha de agachar-se durante horas intermináveis debaixo das árvores para recolher com as mãos, as suaves azeitonas, agradáveis ao tato. Mas essa sensação era rapidamente superada pelas picaduras das ervas secas e as espinhas, sobre as quais caíam os frutos das oliveiras, castigados por grandes varas agitadas pelos homens, contra as ramas carregadas das generosas árvores. Eram as mulheres as que iam

enchendo os baldes e canastros, ou seus próprios regaços, com as azeitonas oleosas, que depois eram transportadas para os lagares, para transformar-se em saboroso azeite, ouro líquido muito valioso para os donos dos extensos olivais do Algarve. Maria cantarolava, enquanto fazia este trabalho pensando que no fim do dia teria o alimento necessário para os seus filhos e enquanto esperava o dia em que se libertaria desse pesado jugo: o dia em que o seu marido a chamaria para iniciar uma vida mais humana.

Depois de oito invernos com a paisagem branca das amendoeiras, por fim Maria embarcou para a América. E que levaria na sua mala, junto com alguns pertences? Amêndoas! Quilos de amêndoas que lhe tinham obsequiado as suas amigas, especialmente as de casca «de coco» que se partiam facilmente, permitindo comer as suas doces sementes!

Depois de quinze penosos dias de travessia num barco durante os quais praticamente não provou bocado, pois o seu estômago não resistia o movimento do buque sacudido pelo profundo oceano, Maria, com seus pequenos, desembarcou em Buenos Aires, e o que mais lamentou foi apresentar-se perante o seu marido com uma figura desarrumada, maltratada...! Pensar que tinha trazido um vestido novo para essa ocasião tão especial e agora sobrava-lhe por todos lados. Tinha perdido muito peso. Por outro lado esqueceu a sua angústia quando os braços de seu marido a rodearam com carinho, prolongadamente.

Mas aquela cidade imensa não era o seu destino final. Ainda Não. As penúrias continuaram em outra longa travessia por terra, até o sul da Argentina, em pleno deserto patagónico: Comodoro Rivadavia. Era 16 de outubro de 1948, quando Maria tratava de abrir seus olhos e sacudir o pó que a cobria, para ver o seu novo destino. Uma pequena cidade que apenas via entre as rajadas fortes de um vento que desconhecia.

Chegaram ao terminal de Transportes Patagónicos. «Este é o centro»,

lhe explicou o seu marido. Maria olhava e via casas pequenas, juntas umas a outras, como protegendo-se do vento contra o cerro, para que não as atirasse ao mar. Assim também ela se apegava a seu marido para caminhar penosamente pelas ruas de terra batida, até ao restaurante «Universal» ali perto, convidados por um amigo, que os esperava para levá-los a sua casa no seu carro. Maria pensava: “se eu soubesse nadar, e se eu pudesse, talvez já estava voltando ao Algarve...” Maria olhava através dos vidros que a protegiam da chuva de terra. O carro trepou por uma empinada encosta, a rua Rivadávia. Atrás iam ficando as casas, e quando chegaram a «La Loma», era um deserto! Algumas casinhas de chapa, dispersas, davam a impressão de que em qualquer momento se desprenderiam do chão arrancadas pelo vento... uma dessas seria o seu novo lar. Maria apertava os seus filhos contra si e resguardava-os do vento e, por sua vez, o seu marido fazia parede protegendo a sua família. Que desolação! Nem uma árvore protetora, nem uma plantinha, nem uma flor adornava essa precária casinha.

«É transitório», murmurou o seu marido, como pedindo desculpa. Era alugada, pois ainda que trabalhasse no duro longas jornadas em uma empresa dedicada ao petróleo, o seu salário não alcançou, em oito anos, para ter o luxo de uma vivenda própria. Essa seria a mira durante muitos anos, pois o prioritário era dar-lhes ensino a seus filhos. Depois se veria de ter casa própria. Ainda não...

Maria substituiu o trabalho do campo por tarefas domésticas e a lavagem de roupa alheia para ajudar a manter esse novo lar. As suas mãos, ainda doridas e lastimadas pelo trabalho das colheitas, agora se submetiam ao calor da água a ferver, onde se diluía o «chenque» um pó desengordurante para lavar os empetrolados «mamelucos» de seu marido e de outros companheiros que pagavam umas poucas moedas para que Maria fizesse o trabalho de espremer essa dura roupa com

suas mãos, pois ainda aqui não havia «lavarroupas». Durante vários anos realizou esse trabalho e aquelas mãos, ainda conservavam energia e ternura para cuidar da sua família, preparando-lhes a comida nutritiva e saborosa, surpreendendo-os com deliciosos manjares, com doces, com o insuperável pão caseiro, bolos e massas preparadas amorosamente, com tempo ainda para tecer formosas roupas, coser e confeccionar toda a vestimenta, regar os vasos de flores passando a ferro os bibes de seus filhos e acariciando-os como pedindo perdão por não poder-lhes brindar um lar mais confortável. Esse sentimento a impulsionava a fazer o indizível para aforrar um pouco mais do magro salário. Tinha de conseguir uma casinha própria para que se sentissem mais protegidos. Maria sonhava com uma casa com um pátio grande, para ter plantas, a sua horta, o seu jardim... e para esse momento guardava sementes e especialmente algumas amêndoas que tinha reservado...Estranhava tanto as amendoeiras em flor da sua terra! Que feliz seria no dia em que visse alguma florescida no seu próprio pátio !. Mas... ainda não... Maria pensa: “Se eu soubesse poupar mais... se eu pudesse poupar mais...”

Passaram vinte anos, tempo em que primeiro floresceu novamente o seu ventre, para que nascesse o seu filho argentino. Os filhos mais velhos concretizaram a sua carreira universitária e depois chegou a casa que construiria o seu marido com suas mãos fortes e a ajuda de conterrâneos pedreiros. E o que fez Maria quando ainda não se levantavam as paredes do seu novo lar? Semear as amêndoas em seu próprio pátio. E com o tempo a Virgem de Fátima permitiu- lhe assistir ao milagre da Natureza, tão obstinada como Maria: nasceram duas amendoeiras, cresceram...e deram flor.

Maria voltou a fazer a colheita de amêndoas, e em sua velhice, repetiu a rotineira tarefa do rítmico bater nas cascas, mas desta vez para que toda a sua família pudesse festejar e saborear amêndoas do seu Algarve.

Raúl Martín

Nascido em 12 de Julho de 1938 em Comodoro Rivadavia, Chubut, República Argentina. (Patagónia). No ano 1955 terminei o ensino secundário no Colégio Nacional “Perito Moreno” da minha cidade natal. No ano 1962 graduei-me de advogado na Universidade Nacional de Buenos Aires e desempenhei essa profissão em Comodoro Rivadavia durante 21 anos (1963/1984), simultaneamente com o ensino secundário (1963/1984) até que fui nomeado juiz de 1ª instância em matéria civil e comercial (Julho de 1984/ Fevereiro de 1987). Fui designado Procurador do Estado da província do Chubut (Fevereiro de 1987/Junho de 1989). Fui Ministro do Tribunal Superior de Justiça da Província do Chubut (Junho de 1989/ Abril de 1999).

Vida familiar: Em 10 de Janeiro de 1969 casei-me com Maria Coelho Amado, nascida em Portugal, que aos oito anos emigrou com a mãe e o irmão para a Patagónia Argentina, onde o seu pai os esperava. Maria trabalhou no ensino e ocupou os cargos sempre por concurso.

Maria, seu irmão e seus pais fizeram-me muito fácil a aprendizagem do Português, porque era falado naturalmente na casa familiar. Ao mesmo tempo, eu fui conhecendo com eles a cultura lusitana, a sua história, a sua arte, a sua literatura. Os meus antepassados espanhóis levaram-me a partilhar preocupações, aderindo à Associação Espanhola e acompanhando a Maria e os seus irmãos na Associação Portuguesa. Por exemplo, até hoje, continuamos com Maria e os seus irmãos a conduzir um programa de rádio semanal chamado “Música de Portugal” que tem estado em vigor durante 36 anos no ar patagónico.

Comodoro Rivadavia, Setembro 2020.

PARA ONDE VAIS?

***Małgorzata Stankiewicz (Polónia) - Vencedora da
5ª edição do concurso – “Crónica de uma viagem” (2019)***

O barulho das pesadas rodas de ferro nos trilhos fica mais e mais alto, até insuportável. Ou talvez é a minha consciência. Deixamos a cidade bem atrás, já não há traços de civilização. Estamos no meio de nada. Não há nada exceto o mundo.

Não deveria estar aqui agora. Deveria ter ficado com ela. A sua respiração cada vez mais fraca, o seu corpo a tremer. E os olhos dela. Tão frios, tão ausentes e ao mesmo tempo tão cheios de medo. Foram como os olhos da mesma morte, pois foi exatamente isso. E eu não o aguentei, fugi como um covarde que sou. Outras pessoas conseguem vê-lo? Está escrito na minha cara? Porque na cara daquele homem no outro lado do vagão definitivamente sim. Sente culpa e tem muita vergonha disso. Está a trair a sua mulher sentada ao lado dele? Não, não com este olhar que lhe dá, cheio de afeição sem um rasto de má consciência. Ela parece preocupada mas confia nele. Ele é um bom homem, cuida dela. É o que eu prometi também. A primeira vez que a vi, pensei que não era muito linda. A primeira vez que falou comigo, pensei que nem era muito esperta. A primeira vez que me tocou, pensei que nunca a deixaria ir. E ainda assim deixei.

Mesmo quando o comboio começou a andar percebi que realmente o estávamos a fazer, isso passava-se na verdade. A minha mulher agarrou a minha mão de maneira reconfortante e deu-me um destes sorrisos. Um destes sorrisos tristes quando nem sequer sabes se estás a mentir à pessoa a quem sorris ou a ti mesmo. Tive outra possibilidade?

Claro que sim. Por exemplo tive possibilidade de não magoar muitas pessoas inocentes. Talvez não tão muitas, nem tão inocentes, mas não importa, o dinheiro foi deles e eu não tive nenhum direito de o levar. Talvez destruí a vida de alguém ou somente arruinei os sonhos de alguém. Como se fosse algo diferente.

É mesmo assim que o mundo foi criado, é assim que deve ser. Os homens são mais altos, mais fortes, pensamos de maneira diferente, por isso somos mais inteligentes em algumas áreas, como ciência ou pensamento lógico e as mulheres fazem melhor outras coisas, por exemplo tomar conta de crianças. Por causa destas diferenças biológicas, devemos proteger as mulheres, elas não o sabem fazer sozinhas. Amo a minha mulher, é linda e precisa de mim, seria perdida sem mim. Agora quando está tão doente, a minha ajuda é indispensável, tenho de salvar a vida dela. Quando soube que podia perdê-la em breve, fiquei destróçado – não é assim que deve ser. Pensava que ela estaria ao meu lado toda a minha vida, pois as mulheres vivem mais do que os homens. Faria tudo para salvá-la, para mantê-la, pois é assim que deve ser. Não vou desistir, vou mentir, enganar e roubar. E esperar que ela nunca venha a saber.

Sei que isso foi muito difícil para ele, apesar dele não admitir como obteve o dinheiro. «Não te preocupes, não é problema teu.» Sim, é o meu problema, eu sou a doente. Sei o que fez, não sou estúpida. Pois, vendo com quem me casei, talvez sou. Mas preciso dele agora, preciso da sua ajuda. Não quero morrer mas não quero desperdiçar a minha vida mais. Quando este pesadelo terminar, vou pôr fim ao outro – vou deixar o meu marido. Tenho de aguentá-lo um pouco mais. Só alguns «amo-te» mais – não é a pior mentira que se pode dizer?

É bom que nos vamos daqui e nunca vamos voltar. A minha família, os meus amigos – nunca perceberiam. «É um bom homem, cuida de ti.»

PARA ONDE VAIS?

Então? Sim, com muito cuidado corrige todos os meus erros, com muita confiança conta-me como tudo deve ser, com muita paciência explica-me porque a minha opinião está errada, com muita condescendência diz que me ama apesar de eu não ser boa o suficiente. É tão mal querer estar com alguém que acha que sou a melhor ainda que não seja a verdade? Talvez quero demasiado, talvez não o mereço, talvez o amor não é o que imaginava quando estava na idade deste rapaz lá. Já não é criança, é livre, pode fazer o que quiser com toda a sua vida adulta. Porque está com tanto medo? Para onde vai? Sei que todos vamos pelo mesmo caminho mas é mesmo assim?

Não posso acreditar que há alguns meses gritei com qualquer pessoa que tentou dizer-me o que fazer. Agora preciso disso mais do que tudo. Nem sequer sei para onde ir. Para longe, muito longe daqui. O processo começa amanhã, tenho medo de ir, saberiam se eu mentisse. Sou a única testemunha, a única pessoa que sabe o que se passou. É como se eu decidisse quem vai para a prisão e quem sai impune do crime. Mas não foi o crime, foi só um erro, ele não o quis fazer, não deveria ser castigado. Pois, esse homem inocente também não.

Sempre pensei que o amigo verdadeiro é aquele que te apoia em todas as situações, dá-te acesso livre ao seu frigorífico e ajuda-te a enterrar o corpo quando matas alguém. É isso que eu faria para o meu melhor amigo. Conhecemo-nos desde a infância, sei que ele tem bom coração, sei que o mundo é melhor com ele aqui, não atrás das grades. Isso o destruiria. Foi criado pela avó que fez tudo para ele. Agora está doente, fraco e precisa da sua ajuda. Não sobreviveria sem ele, ele não a pode deixar. Mas o único que interessa ao juiz é o que ele fez e que tem de pagar por isso. Talvez. Ou talvez não. Faço a coisa errada? A mulher idosa e elegante sentada ao lado de mim parece alguém que conhece a resposta. Pode dizer-me?

PARA ONDE VAIS?

Nunca viajei tão longe. É estranho, não é? Com a minha idade parece que já vi tudo e sei tudo. Sei, por exemplo, que quando tens família, tens compromissos. Deves estar lá para eles, sobretudo os teus filhos e netos. Contam comigo, precisam de mim. Hoje deveria ter levado dois para a escola, cuidar do mais novo, preparar o almoço para todos, algo que comeriam porque são muito exigentes. Tudo o que uma boa avó deve fazer. E os desapontei-os saí sem uma palavra e já não há volta a dar. Têm de estar confusos, assustados e preocupados, não exatamente comigo mas sem mim.

O que fiz é tão mau e tão irresponsável. Mas uma vez na minha vida quero cuidar de mim mesma. Eu preciso de mim também. Eles não se importam, tratam-me como um aparelho doméstico. Não perguntam como me sinto, não sabem do que eu gosto, quase não sabem quando faço anos e quando se lembram é até pior. Recebo ramos de flores, uma prenda muito linda que não exige nenhum pensamento por parte de quem oferece. Eu, por exemplo, não gosto das rosas, são pretensiosas e têm espinhos. Quem achou que seria uma boa ideia expressar os sentimentos com algo que causa dor? Com certeza alguém com tendências passivo-agressivas. Além disso, não são tão lindas. Muitas vezes são vendidas fechadas para que se abram depois e sejam lindas depois. Nada disso, não se abrem porque já estão mortas. Ficam secas assim fechadas sem poder mostrar o seu potencial. É o crime contra a natureza. Digam-me lá, porque não peónias? Posso assim fugir por causa de rosas em vez de peónias?

Dizem que é o gesto que importa mas não estou de acordo. O que importa está atrás do gesto. Quando é amor, quando é a vontade honesta de expressar que alguém é importante – então não importa como é revelado: com rosas ou peónias. Mas quando estás a fazer algo apesar de não queres e não te importares, o gesto simplesmente

mostra que alguém é um fardo para ti. É simpático receber uma prenda assim? O homem sentado atrás de mim foi muito mais simpático, ajudou-me com a minha bagagem e pareceu que o fez com uma vontade e um sorriso honestos.

Não deveria estar aqui agora. Deveria ter ficado com ela. Prometeu-me «para sempre», nós prometemos um ao outro. Todos os dias eu mostrava como a amava, não a deixava esquecer-se disso, nem sequer por um momento. Dei-lhe tudo, ela não teve direito a dizer que não estava feliz. Não teve direito a sair. Eu teria mudado por ela, teria feito tudo para fazê-la ficar, teria reparado tudo mas ela não quis escutar. Quando me empurrou e dirigiu-se à porta, desesperei-me e peguei nessa faca. Ela deveria ter escutado. Deveria ter-me amado.

Małgorzata Stankiewicz

Concluí o mestrado em estudos portugueses na Universidade Maria Curie-Skłodowska em Lublin em 2016. Mas não deixei de estudar; não deixo de aprender, não deixo de conhecer o mundo. Trabalho com pessoas com necessidades especiais, assim descubro e percebo até mais mundos. Observo a realidade com muito cuidado e descrevo-a para fazer rir e para fazer pensar.

Contos e outras histórias

O **Centro de Língua Portuguesa/Camões em Lublin**, a funcionar desde 2005, organizou ao longo de 15 anos muitas e diversas atividades. Uma destas iniciativas foi o **Concurso Literário Internacional** para falantes não nativos.

Depois de 5 edições e com um considerável acervo de contos decidimos reuni-los numa coletânea premiando de alguma forma quem gosta de escrever numa língua que não é a sua. Da China à Patagónia, de gerações diferentes e com ocupações diversas os 25 autores uma coisa têm em comum: o gosto pela escrita e o amor à língua portuguesa.